REVISTA DA SEMANA
N 13 · 31-3-56 Cr$ 7,00 em todo o Brasil

PENA BOTTO
PRÊSO E SÔLTO
FLAGRANTES EXCLUSIVOS

Música para a Juventude
José Siqueira
JOSÉ SIQUEIRA compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»), Siqueira traça, neste livro um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.
★
Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal:
Cr$ 250,00
Pedidos a Rosa Paula Machado
Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 13 — Rio de Janeiro — 31-3-56

REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira
ASSISTENTE....José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO.....Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Fernando Lôbo, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Pedro Müller, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

A Prisão de Pena Botto ..... 4/6 e 60/61
Colette — a Paraíba do Ar 16/19
Teatro Popular Brasileiro 20/22
Os Setenta Dias de Reclusão de Café 23/25
Sinfonia de Côres 31/34
Minado um Baluarte Inglês 40/41
O Mundo Corre para os Pólos 46/49

◆ SEÇÕES

Champanhota 7
Semana em Revista 8/9
Puxe pelo Cérebro 10
Figura em Foco 11
Palavras Cruzadas 26
TV na Revista 27
Pelas Esquinas da Noite 30
Literatura 35
Flash Paulista 38
Música 39
Semana Astrológica 42
Revista há 50 Anos 43
Por Êsse Mundo de Deus 44/45
Femininas 54/55
Artes 56
Itinerário do Brasil 57
Último Flash 62

◆ HUMORISMO

Fortuna 52/53

◆ LITERATURA

A Grande Interrogação (D. Varela) 3
Uma Intervenção (M. Serao) 12/13
O Vento (S. Castro) 14/15

◆ VARIEDADÉS

Horas de Desespêro 28/29
Rússia Soviética: Infermo ou Paraíso? 36/37
Elizabeth da Áustria 50/51

◆ CAPA:

RITA MORENO (Kodachrome Paramount)

Êste número consta de 64 páginas.

Desenho de Gomez

A GRANDE INTERROGAÇÃO

QUANDO Joseph Stalin morreu, o mundo inteiro ficou em suspenso. Dir-se-ia que ia acabar-se meio mundo. E parece que os que cercavam o ditador dos soviéticos foram os que mais temeram as conseqüências da catástrofe. Negaram a doença dêle como quem esconde uma coisa proibida, dizem que lhe desmentiram a morte por tantos dias quantos fôra possível ocultar à dura realidade da vida. Sim, porque os ditadores, que vivem, existem, queiram ou não queiram morrem também. Afinal, surgiu a revelação com tôda a realidade dos fatos consumados. É possível à ciência conservar um cadáver, o corpo de alguém que morre. Mas não há meios de se manter artificialmente a expressão política de um "homem" que desaparece.

◆ Seguiu-se a interrogação fatal: E o sucessor?

Respondiam os que lhe seguiam as idéias, aqui ou alhures:

— Não tem importância, a mentalidade do socialismo de Estado já penetrou diversas gerações, já se firmou. Não depende mais de um homem. É o próprio espírito da nacionalidade que mantém o regime.

Rápida escaramuça. Expurgo de Beria e sua gente. E a paz voltou à vida soviética. Mas para quem está de fora, aquilo vinha parecendo algo estranho: não se via, pelo menos de longe, uma grande figura projetando-se em substituição ao líder supremo, o chefe de 30 anos. E vinha, então, o argumento otimista: a Rússia e seu regime andarão normalmente, movidos pela fôrça de uma concepção cristalizada pelo tempo.

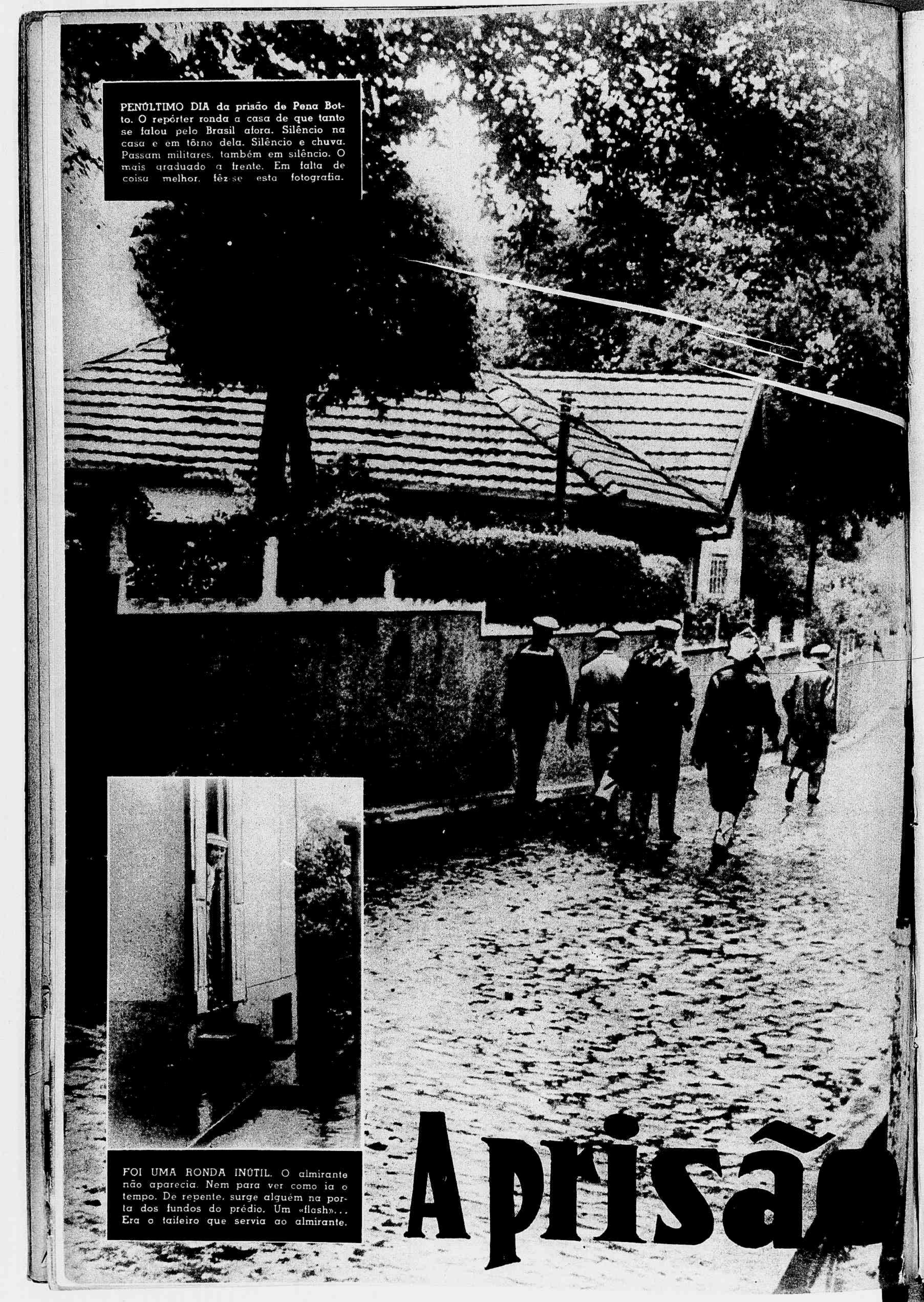
◆ Seria Stalin morto governando os vivos? Porque, na verdade, não é possível ditadura (boa ou má) sem ditador.

Fato estranho chamou a atenção do mundo: Nikita S. Khruschev, secretário do Partido, se apresenta aos olhos espantados dos povos como um iconoclasta. E logo de que maneira! Destruindo Stalin, a sua personalidade, as suas supremas virtudes de semi-deus de seu povo.

Êle e Lenine, guardados cuidadosamente na grande praça de Moscou valeriam sobretudo como esteios silenciosos do regime — pensamos nós... Dir-se-ia que se faz a suprema prova: o regme não carece de ídolos, nem mesmo os do passado...

No presente, muito menos... Seria, afinal, a democracia.

DEMÓSTENES VARELA



PENÚLTIMO DIA da prisão de Pena Botto. O repórter ronda a casa de que tanto se falou pelo Brasil afora. Silêncio na casa e em tôrno dela. Silêncio e chuva. Passam militares, também em silêncio. O mais graduado a frente. Em falta de coisa melhor, fêz-se esta fotografia.

FOI UMA RONDA INÚTIL. O almirante não aparecia. Nem para ver como ia o tempo. De repente, surge alguém na porta dos fundos do prédio. Um «flash»... Era o taifeiro que servia ao almirante.

A prisão

São dez horas. O almirante Guilhobel chega à «residência» do almirante Pena Botto.

Vinte minutos depois, os dois saem e tomam o automóvel em que viera o almirante Guilhobel.

O almirante Guilhobel entra primeiro e diz ao seu colega: Pode entrar aqui.

E' que o almirante Pena Botto ia dar a volta para entrar pela outra porta.

E assim fêz o almirante Pena Botto, de modo a dar a direita ao seu superior.

Afinal, fechada a porta. Continências. E o carro partiu levando as duas altas patentes.

Uma ronda perigosa — O almirante não aparece e nem quer saber de conversa — Véspera do dia 20 — Afinal, uma vitória — Detenção relâmpago — A mentira profissional

Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA

PENETRAR numa praça de guerra, em qualquer tempo, quente ou frio, é sempre missão delicada, mesmo quando essa praça de guerra é uma dependência da Marinha Brasileira, onde não se sabe o que mais admirar, se o rigor da disciplina, a ordem, o asseio e a precisão em tudo, ou a ihanura do trato, o alto padrão de respeito e cortesia, que vai do simples praça ao almirante. Mas a ordem veio, incisiva:

— Você tem que se avistar de qualquer modo com o almirante Pena Botto, entrevistá-lo e fotografar a sua vida, lá onde êle está. E' urgente.

Em vista disto, o fotógrafo Alberto Ferreira muniu-se de sua «Robot», colocou-a discretamente debaixo do paletó, e lá rumou, confiantemente, para as bandas do Ministério da Marinha. Lá chegando, penetrou, sem qualquer impecilho, no enorme conjunto do edifício, cruzou com um sem

de PENA BOTTO

Afinal saltam os dois almirantes, em procura do Gabinete do Ministro.

Primeiro, o almirante Guilhobel, depois, o almirante Pena Botto.

Aqui, o chefe do E.M.A. se atrasa um pouco, enquanto o almirante Botto prossegue.

(Continua nas páginas 60/61)

A PRISÃO DE PENA BOTTO

E sobem a escada tendo, o almirante Guilhobel, à sua frente, o seu colega, ambos impecàvelmente de branco.

Não foi nem de cinco minutos a permanência no Gabinete do Ministro. E o almirante Botto desceu as escadas.

ANIVERSÁRIO DA SENHORA LEDA GALLIEZ — "RIVER-SIDE" FICOU ASSIM!

PETER

◆ Eu não poderia deixar de começar esta minha seção sem falar, em primeiro lugar, na bonita recepção oferecida pelo casal Vicente Galliez e seus filhos, senhor e senhora Franzio Salles. Foi sem dúvida o maior acontecimento social da atual temporada de veraneio.

«River Side» engalanou-se para receber aproximadamente duas centenas de convidados. A famosa e já elegante residência dos Galliez estava realmente bem decorada, de um refinado bom gôsto, e um leve toque de magia fazia com que os presentes aproveitassem da melhor maneira possível aquêle panorama encantador. Um excelente serviço, com «buffet», uísque e champanha, e a música de Claude Austin animavam o ambiente puramente elegante e social. A senhora Leda Galliez apresentava-se com um bonito modêlo francês e estava radiante pelo sucesso da festa. Lá se encontravam o senhor e senhora embaixadores Bernard Hardion, senhor e senhora Carlos Eduardo de Souza Campos, ministro Ranulfo Bocaiúva Cunha, senhor e senhora José Willensens Júnior, senhor e senhora Otacílio Gualberto de Oliveira, os condes de Larish, senhor Herbert Moses, senhor e senhora Ângelo Sertório, senhor e senhora Aluízio Muniz Freire, senhoritas Marilu Montenegro, Ilde Garavaglia, Marilu Crespi, os casais Hélio Pena e Costa, Paulo Paranaguá, os diplomatas Carlos Lôbo e Luís Bastian Pinto, os senhores Herculano Tomás Lopes, Álvaro Catão, Hugo Pinheiro Guimarães e Murilo Gondim. Foi um fim de semana elegante, em que mais uma vez o casal Vicente e Leda Galliez deixa bem claro a sua excelente maneira de receber. Uma super-super reunião da alta sociedade. Parabéns aos donos da belíssima «River Side».

◆ Dentro de poucos dias estarão de partida para a Europa o senhor e senhora Nelson Mendes Caldeira (a senhora Mendes Caldeira é uma das dez mulheres mais elegantes do Brasil). Certamente passarão alguns dias na Cidade Luz, terra natal da senhora Cristiane Caldeira.

◆ Intimamente transcorreu o aniversário do sr. Carlos Guinle. A reunião da família Guinle deu-se na propriedade dos mesmos em Petrópolis.

◆ O barão Max Stukard, ao que tudo indica, será convidado para prestar com os seus profundos conhecimentos de dono de casas de diversões, a sua colaboração na «boite» que será construída na futura Exposição de Comércio e Indústria. A escolha não poderia ser mais acertada.

◆ Parece que alcançou o sucesso esperado o «show» dos patins. As «Skating Vanities» e as «Dancings Waters» estão atuando no Teatro Recreio. Atualmente êste teatro sofreu uma reforma completa para receber essa «troupe» americana.. Vou dar uma espiada.

◆ Partiu com destino a Genebra o embaixador Gilberto Amado, que vai assumir as suas relevantes funções de membro do Conselho de Direito Internacional da O.N.U. Aproveitando sua passagem por Paris, o embaixador Amado fará uma visita à sua filha, senhora Vera Clouzot, que recentemente sofreu uma intervenção cirúrgica no coração.

◆ Quando vocês estiverem lendo essa seção o meu amigo Oscar Orstein estará passeando em Nova York. Diz êle, que a viagem prende-se a negócios e férias (por sinal bem merecidas).

◆ Cannes já está completamente repleta de artistas, turistas, caçadores de autógrafos e «pin-ups» desconhecidas à cata de um lugar ao sol. Vários são os países já inscritos (inclusive o Brasil), sendo o Japão novamente sério candidato ao primeiro prêmio. O nosso país estará concorrendo com o filme «A Rota», que tem como figuras centrais Miro Cerne e Agnes Fontoura. Vamos torcer pelo menos por uma menção honrosa.

◆ Regressou dos Estados Unidos o senhor Walder Sarmanho.

◆ Na recepção em «River Side», um dos principais motivos era o aniversário da senhora Leda Galliez. O senhor Vicente Galliez também comemorou o seu no dia seis do corrente. Meus votos de felicidades.

◆ O embaixador Francisco Negrão de Lima, que atualmente é candidato à presidência do Jockey Clube Brasileiro (talvez já esteja até eleito) é o mais forte candidato a ocupar o Palácio Guanabara.

◆ Informa o colunista Ibrahim Sued que a melhor pessoa para ocupar o cargo de diretor do Departamento de Turismo e Certames da Prefeitura seria o senhor Paulo Sampaio. Esta sugestão foi feita ao Presidente J.K. por intermédio da coluna social de «O Globo». Quero enviar minha inteira solidariedade em tôrno dessa indicação do meu colega. Realmente o nome do senhor Paulo Sampaio é digno de ser examinado com todo o carinho pelo senhor Juscelino Kubitschek.

◆ Já parece acertada a vinda ao Rio em abril próximo da fabulosa cantora Edith Piaff.

◆ O casal João Leopoldo Modesto Leal, por ocasião da inauguração de seu novo apartamento (ao lado do Copacabana), ofereceu uma recepção, na qual estiveram presentes os casais Carlos Eduardo de Souza Campos, Aluízio Muniz Freire, Pepe Carballo, senhorita Carmem Teresinha Solbiati, senhores Murilo de Almeida e Tony Mayrink Veiga.

◆ Viajou para Portugal o simpático embaixador Antônio de Faria. Em breve estará de volta.

◆ O produtor francês Sacha Gordine, que juntamente com Vinicius de Morais está preparando o filme «Orfeu da Conceição», parece inclinado a realizar outra película com cenários e motivos brasileiros. O local será as redondezas de Petrópolis.

◆ Para o próximo mês o lar do casal Álvaro Catão estará enriquecido com a chegada de mais um herdeiro. A senhora Catão, que recentemente estêve passando alguns dias em Santa Catarina, já está de volta. Atualmente encontra-se em Petrópolis, e só virá ao Rio nos primeiros dias de abril, onde aguardará a chegada do menino ou menina.

◆ O aniversário do senhor Daniel Tolipan foi comemorado com o devido mérito. Parabéns ao amigo Daniel.

◆ Uma grande iniciativa será comandada pelo deputado Augusto Viana. Trata-se da apresentação da Primeira Exposição Internacional de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro. A exposição será levantada no terreno em frente ao Botafogo de Futebol e Regatas e terá uma construção super moderna. Parques, teatros, boites, praças de esportes e grande pavilhões, onde serão expostos trabalhos de diversos países. Uma obra realmente digna de louvores.

◆ O senhor Ribeiro Martins está ultimando os preparativos para a festa do quarto aniversário dos «Desfiles Bangu», que terá lugar nos salões da Sociedade Hípica Brasileira. Nesta mesma noite haverá um desfile especial, sendo apresentados todos os modelos do figurinista José Ronaldo. E por falar em José Ronaldo, êle não poderá estar presente a essa festa, da qual é um dos grandes batalhadores, isto porque nesse mesmo dia estará enfrentando os degraus do Outeiro da Glória para contrair matrimônio com a senhorita Glória Müller. Isso tudo será no dia sete de abril próximo.

◆ Outro casamento que certamente atrairá tôda a sociedade carioca é o do ministro Antônio Castelo Branco (Castelito), com a senhorita Teresa Guinle Peixoto. O jovem diplomata deverá ainda êste ano, ocupar um pôsto no exterior.

◆ Estão passando uma temporada nos Estados Unidos o senhor e senhora Jorge da Silva Prado, conhecido casal da sociedade paulista.

Fotografia da posse do sr. Juscelino Kubitschek.

A SEMANA EM REVISTA

Caiu do galho

Caindo aos pedaços

Bonjour Tristesse

Madame Nero

Virou Musa

INTERNACIONAIS

◆ O PAPEL de Pompéia, mulher de Nero, será interpretado por Brigitte Bardot, no filme ítalo-americano: «Week-End with Neron». A seu lado aparecerão Vittorio de Sica e a velhinha Gloria Swanson.

◆ DEPOIS de dezesseis anos de prisão, no México, Jacques Mornard, que em 1940 assassinou a tiros de revólver o líder russo Trotsky, às vésperas de abandonar a penitenciária, declarou: «Se fôsse possível, mataria Trotsky novamente».

◆ UM GATO faleceu na América. Um gato célebre, a quem seu dono, ao morrer, deixou a bagatela de sessenta mil dólares. Como Punch — que é êsse o nome do bichano — não tivesse deixado família — pelo menos conhecida — o restante daquela soma foi encaminhado a uma instituição de caridade, em Boston.

◆ A VIDA de Debussy será filmada em Hollywood, sob o título ultracretino de «Clair de Lune», é claro. O autor do libreto é o mesmo que escreveu para o cinema a biografia de Toulouse-Lautrec, «Moulin Rouge»: Pierre La Mure.

◆ MENCKEN, o humorista americano que acaba de morrer, escreveu em seu próprio epitáfio mais ou menos isso: «Se querem, de algum modo, prestar-me uma homenagem, olhem para a primeira mulher bonita que estiver passando».

◆ O SECRETÁRIO do Tesouro norte-americano prevê, para êsse ano, um saldo de 200 milhões de dólares. Enquanto isso, o deficit brasileiro vai bem, obrigado.

◆ JÁ ESTÁ sendo filmado, com Cary Grant num dos papéis principais, o filme tirado do romance «Bonjour Tristesse», de Françoise Sagan. Aliás por falar em «Bonjour Tristesse», convém lembrar que êsse é o apelido que foi dado na Itália ao jogador Julinho, pelo seu temperamento melancólico.

◆ O ESQUIADOR espanhol Moelene tirou o penúltimo lugar nos Jogos de Inverno da Última Olimpíada. Os jornalistas lhe perguntaram a razão do insucesso. «Estraguei um pouco a neve. Afinal de contas, antes de me despenhar por essa pista abaixo, eu apenas tentara o sky aquático...»

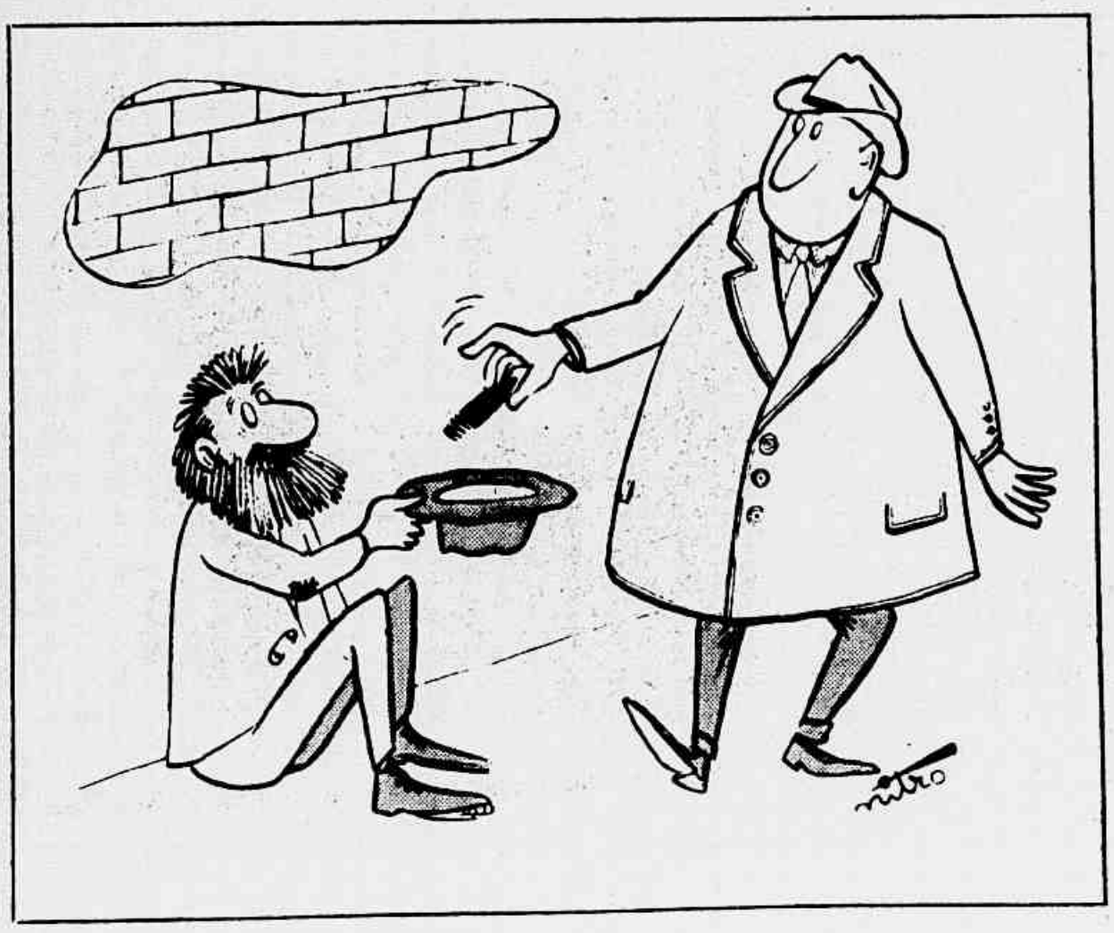
◆ EM HAMBURGO, um hospital onde se efetuariam experiências com uma nova droga, maravilhosa no tratamento do diabetes, foi pràticamente assaltado por uma legião de diabéticos, que procuravam obter, também para si, uma pequena amostra do novo medicamento.

◆ JOSEPH STALIN, segundo as últimas conclusões a que chegaram os dirigentes do Partido Comunista Russo, não foi grande administrador, não entendia de finanças, nem de política, nem de marxismo, nem de economia, nem de coisíssima nenhuma. Vai ver até que nem existiu.

◆ CHAMA-SE «LE FOU» a nova ópera do musicista Marcel Landowsky. O interessante nessa ópera é que a ação se desenrola numa cidade, em plena era atômica, assaltada por poderosos inimigos. O principal personagem da ópera é um cientista, Peter Bel. «Inspirei-me em Einstein para criar meu personagem», disse Marcel.

◆ O TERRÍVEL TERREMOTO abalou o Líbano, causando cento e trinta e duas mortes, e pondo ao desabrigo mais de trinta mil pessoas. Os danos materiais são incalculáveis.

◆ EM PARIS acaba de ser levada à cena a peça «Une Voix Sans Personne», de Jean Tardieu. Como diz o título, durante todo o transcorrer da mesma, não aparece ninguém no palco, mas apenas uma voz é ouvida pelos espectadores. Tardieu acredita ter criado o Teatro Abstrato.



La Semaine au Monde

O dono de Chipre

CHAMA-SE Charles Roux de Lusignan, é francês e industrial. Ùltimamente, contudo, dedica-se a ocupação mais interessante: passa por dono da ilha de Chipre, ante os embasbacados representantes das Nações Unidas, aos quais apresentou um requerimento para que a ilha lhe fôsse entregue imediatamente. Explicou Lusignan que seus antepassados, há mais de oitocentos anos, adquiriram a ilha à Ordem dos Templários, por cem mil bisâncios — mais ou menos dez milhões de cruzeiros, nos dias de hoje. Os Templários tinham adquirido a ilha a Ricardo Coração de Leão, e eram, pois, os legítimos possuidores de Chipre. Em poder de Guy de Lusignan, e de seus descendentes, a ilha ficou até que os turcos, em 1570, a tomaram. Depois vieram os inglêses, e a coisa é sabida. Agora, acrescenta Charles Roux de Lusignan, que a situação anda tão tensa, e quando se fala tanto em "Enosis", porque não adjudicar simplesmente a ilha a seu proprietário legítimo, resolvendo a complicada questão internacional? Por nossa parte, aprovamos a solução...

A FIBRA GAÚCHA

SAIRAM FAZ *poucas semanas, lá do Rio Grande do Sul, terra de gente de fibra. Passaram pelo Rio, e a Imprensa fêz uma ou outra referência, uma frase aqui, outra ali, sem compromissos. Depois, novamente o avião levantou vôo, para só pousar, afinal, na capital do México. Os primeiros telegramas eram inquietantes: o pessoal estranhava o clima, a alimentação, os alojamentos, a altitude, tudo, enfim. A coisa, como ia, certamente ia mal. Contudo, chegou o dia do primeiro compromisso que teriam de enfrentar, e surgiu a primeira e inequívoca vitória. Os jornais noticiaram o fato, discretos. Segundo prélio, segunda vitória. Manchetes aumentando nos cabeçalhos de jornais. Outra partida, e terceira vitória. Dessa vez, os redatores especializados aguçaram os ouvidos e prepararam as máquinas. Nomes até então desconhecidos começaram a aparecer nas crônicas por êles assinadas, acompanhados de uma infinidade de elogiosas palavras. E veio o quarto obstáculo, transposto de maneira mais fácil ainda que os demais. Sòmente o quinto foi mais difícil um pouco, terminando empatado. Contudo, já era o suficiente para os gaúchos, que partiram pràticamente sob o silêncio e o descrédito gerais, levantarem o Campeonato Pan-Americano de Futebol. Os gaúchos, não: os brasileiros, porque a camisa que os jogadores sulinos trajavam era a da Confederação Brasileira de Desportos. Agora, dizem que nunca houve esquadrão melhor. A recepção também não podia ter sido mais calorosa. E, em Pôrto Alegre, dizem que o mundo virá abaixo, quando o avião que conduz a delegação pousar em solo gaúcho. E pensar que os paulistas, com todos os seus valorosos elementos, não conseguiram sequer uma colocação honrosa, no último Sul-Americano de Montevidéu...*

Leônidas, o diferente

DECIDIDAMENTE, Leônidas, do América, é alguma coisa de totalmente diferente daquilo que se está acostumado a apreciar em um jogador de futebol. No campo, é o que se vê: tropeça na bola, cabeceia trave, dribla-se a si mesmo, mas a pelota não se lhe desgruda dos pés. E quando Leônidas aparece ao longe, agitando os braços, suando a camisa, não há goleiro adversário que não sinta um calafrio percorrer-lhe a espinha. Fora de campo, o homem ainda é mais estranho: negro retinto, é noivo de uma lourinha que veio de Santa Catarina; antes de ser jogador, trabalhou como estivador, e até em circos — onde deixava um caminhão passar por cima de seu tórax, com um sorriso nos lábios. Agora, os jornais divulgam seu último passatempo: tomar banho com um jacaré que o «goal-keeper» Osny lhe deu de presente. Leônidas enche a banheira, joga o jacaré lá dentro, depois entra, e ficam os dois a se divertirem, inocentemente, horas e horas. E' claro que o jacaré é pequenino, ainda, porém o jogador está louco para que o bichinho cresça um pouco, a fim de que possam brincar melhor. E o jacaré nem desconfia do perigo que o aguarda, disfarçado nas brincadeiras de Leônidas...

NACIONAIS

PROJETO INTERESSANTE foi o apresentado há pouco tempo na Câmara Municipal de Palmeira dos Índios, Alagoas, terra do grande romancista Graciliano Ramos: segundo êsse projeto, todos os postes de iluminação, na cidade, deverão ficar virados para o lado do sol, e em posição vertical...

A CIDADE DE OLINDA está sendo tragada pelas águas. Mais de duzentas casas já foram destruídas pelas ondas, que não cessam de conquistar novos terrenos. A Igreja dos Milagres, por exemplo, que até pouco ficava a mais de quinhentos metros da praia, está sèriamente ameaçada pelo mar. E' o caso de se solicitar um milagre, com urgência.

O PREFEITO PAULISTA, Lino de Matos, fêz instalar em seu auto um aparelho através do qual se comunica com a sede da Prefeitura, quando em viagem pelas ruas da cidade. A primeira mensagem recebida pelo aparelho foi a de que uma senhora aguardava o prefeito, na Prefeitura, a fim de pedir-lhe trinta mil cruzeiros emprestados. A resposta de Lino não se fêz esperar: «Encaminhem essa senhora para a Caixa Econômica, não disponho de tal quantia».

O AMÉRICA conquistou o primeiro pôsto no terceiro turno do Campeonato Carioca de Futebol, ao derrotar o Fluminense por dois tentos a zero. O Flamengo, por sua vez, foi derrotado pelo Vasco, mas como fôra vencedor dos dois primeiros turnos, estava automàticamente classificado para a série **melhor de três** que terá de disputar com o América.

O NOVO presidente do IPASE, senhor Paulo Gentile, estava sendo empossado. Quando o antigo presidente, Luís Gonzaga de Paiva Muniz, terminara de falar, um funcionário presente pediu a palavra e passou a atacar em têrmos rudes a figura do presidente demitido. E não foi só: lá pelas tantas, a banda de música contratada especialmente para a ocasião, atacou violentamente a marcha «Vai, vigarista, vai...» O funcionário foi admoestado. Quanto ao sargento que regia a banda de música, está prêso, no quartel, para averiguações.

EM SALVADOR, Bahia, dois homens, Abel Feitosa Souza e Juvenal Sena de Almeida Filho, acusam-se, cada um a si próprio, como autor do misterioso «Crime do Carro Cinzento», um dos mais complicados casos com que a polícia baiana já teve de se defrontar. E o pior é que cada um apresenta provas, narra fatos, aponta testemunhas, o diabo. A polícia não sabe o que fazer: dois réus confessos, um tentando botar a culpa do crime nos próprios ombros, inocentando o outro.

O TENENTE Bandeira, condenado a 15 anos de prisão pelo assassinato do bancário Afrânio, pouco a pouco desapareceu dos noticiários da imprensa. Agora, por exemplo, requereu mais uma vez habeas-corpus, que lhe foi negado. E quase ninguém noticiou o fato.

JANGO GOULART presidiu pela primeira vez o Senado Federal. No recinto, poucos oficiais — apenas um brigadeiro e um general.

E A GREVE do uísque prossegue pelos bares e «boites» da cidade.

OUTRA GREVE é a dos empregados do bondinho do Pão de Açúcar, que pedem aumento de vencimentos. Enquanto o dinheiro não vem, que a turma fique aqui por baixo, sem desfrutar as belezas incomparáveis da cidade do Rio vista, à noite, do alto do conhecido morro.

DE MANUEL Bandeira, referindo-se aos 140 mil cruzeiros que já lhe rendeu (só em São Paulo) a tradução de «Maria Stuart»: «Todos os meus livros de poesia não me renderam tanto».

ADEMAR DE BARROS, depois de pousar em Assumpcion, dirigiu-se para a Bolívia, onde acredita achar-se a salvo dos pedidos de extradição do Itamarati. O escritor Paulo Duarte, que foi quem fêz a denúncia do caso dos Caminhões e dos Chevrolets, está satisfeito da vida.

Pra onde é que eu fujo?

Bandeira da Poesia

Bandeira a Meio-Pau

Rio DE JANEIRO

HORÁRIOS
(Ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16 10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches e refeições.

38 VIAGENS POR DIA cada meia hora

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:
SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)
RIO DE JANEIRO
Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912

VÁ PELO MELHOR!

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—O que é o «Hadj»:
— **caravana de escravos?**
— **vento do deserto?**
— **peregrinação a Meca?**

2—Habitam extensas regiões na Síria e no Líbano:
— **os dschesidi?**
— **os curdos?**
— **os drusos?**

3—O poema «Crimen Amoris» é de:
— **Verlaine?**
— **Rimbaud?**
— **Elskamp?**

4—Tem um livro sôbre os «Borori Occidentali»:
— **Nimuendaju?**
— **Baldus?**
— **Colbacchini?**

5—Que instrumento tocava Toscanini:
— **violino?**
— **viola?**
— **violoncelo?**

6—Os irmãos Lumière inventaram:
— **o cinema?**
— **a máquina de escrever?**
— **a televisão?**

7—Em que ano foi criado o Ministério da Aeronáutica:
— **1943?**
— **1944?**
— **1941?**

8—O jôgo de damas é natural de que país:
— **Índia?**
— **Egito?**
— **Pérsia?**

9—Quem criou o «Judo»?
— **Krishnamurti?**
— **Ramanujan?**
— **Jigoro Kano?**

10—Como se diz «luta» em alemão:
— **Krieg?**
— **Luft?**
— **Kampf?**

11—Quantos habitantes tem Santarém:
— **57.000?**
— **14.047?**
— **32.000?**

12—A quem pertencem as ilhas Cayman:
— **à Holanda?**
— **Inglaterra?**
— **Dinamarca?**

13—O estreito de Tiquina fica no lago:
— **Ladoga?**
— **Titicaca?**
— **Grande Urso?**

14—Quem foi Cristofori:
— **poeta italiano?**
— **inventor do piano?**
— **artista do cinema mudo?**

15—Qual a capital da Armênia:
— **Tiflis:**
— **Kabul:**
— **Erzerum?**

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco: de 1 a 3: cultura inferior — selvagem: de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial: de 7 a 11: cultura superior — universitário: de 12 a 14: um sábio: tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Peregrinação à cidade de Meca; 2 — Drusos; 3 — Verlaine; 4 — Padre Colbacchini; 5 — Violoncelo; 6 — Cinema; 7 — 1941; 8 — Egito; 9 — Jigoro Kano; 10 — Kampf; 11 — 14.047; 12 — Inglaterra; 13 — Titicaca; 14 — Inventor do piano; 15 — Erzerum.

R. C.

Vivo daqui pro Senado,
Meu prazer é trabalhar.
Mas na verdade, Bulach,
Êle não vale o meu «Lar»

UMA INTERVENÇÃO

Ilustração de RAMON

Novela de MATILDE SERAO

(III)

POR duas ou três vêzes, ainda divisou, de longe sempre, sua ex-espôsa; saudaram-se como duas pessoas que apenas se conhecem. Não se procuraram mais. Ema passou a levar uma vida solitária, não ia mais aos teatros, não freqüentava a sociedade. Guy, pelo contrário, buscava as diversões, nelas procurando afogar seus desapontamentos. Apenas em um ponto estavam de pleno acôrdo: escreviam ambos ao velho pai de Ema, como se nada tivesse acontecido, contando-lhe novidades que êles mesmos improvisavam. Por exemplo: Guy dizia em uma carta que Ema ia bem, que iria escrever-lhe em breve, que enviava abraços e muitas lembranças. A jovem, por sua vez, acrescentava em suas missivas: «Guy está maravilhosamente bem de saúde, anda muito ocupado e não poderá acompanhar-me à estação de águas». Era assim, em suma, que se sustentava a felicidade do bom, e algo ingênuo, senhor Giorganni.

Ao se encontrarem, depois dessa última e tempestuosa explicação, marido e mulher bastante se perturbaram. Para ir até à casa de Guy, vencendo suas naturais hesitações, e improvisando certo ar cínico e superior, Ema sustentara longa luta com o seu próprio orgulho. «Será tudo por meu pai», repetia-se muitas vêzes, a fim de improvisar coragem. O que mais a emocionara, porém, fôra a amável indiferença do ex-marido. Seu reencontro tinha sido cortês, sem qualquer alusão ao passado, ou ao futuro, a não ser algumas ligeiras farpas de lado a lado. De qualquer maneira, não houve cenas trágicas ou recriminações recíprocas. Tinham se comportado como pessoas de juízo e compreensivas. E no dia seguinte, como se passaria a coisa? Talvez que fôsse como na véspera: bastava aparentar uma certa calma, habilidade e presença de espírito afim de não se traírem; ocultaria, sob um sorriso, a inquietação; desmanchar-se-ia em piedosas mentiras, acompanharia o pai à estação, e depois, ela e Guy tomariam cada qual o rumo que haviam interrompido com a chegada de Giorganni. Nada de conciliações. Guy jamais tomaria a iniciativa da reconciliação, e Ema jamais o perdoria. Sim, cada qual de seu lado, e com a paz na alma.

Tinham acabado de jantar. O velho Giorganni sorria, com um ar abstrato, e os dois atores, em sua presença, esforçavam-se por sorrir também. Contudo, aquilo que, na véspera, fácil lhes parecera, agora sabiam que era bastante difícil de executar. Desde a manhã, desde que o pai chegara, que se tinham todos reunido em um só abraço, obrigados a se chamarem recìprocamente pelos nomes de família, empregando os tratamentos afetuosos que os esposos ainda recentes se dão um ao outro; em suma: a certas palavras pronunciadas, a uma intonação diferente de voz, a cada lembrança furtiva do passado, Guy empalidecia, Ema ficava rubra de pêjo, e um visível embaraço reinava em tôda a sala.

Muito embora ambos estivessem dispostos a tudo, tendo adrede pensado em todos os percalços que se lhes poderiam oferecer, e a despeito de terem ambos aberto mão de suas verdadeiras personalidades, para desempenhar apenas o papel de cada um na farsa que haviam improvisado, a cada momento a realidade lhes aparecia diante dos olhos: era inútil, não poderiam suprimir a própria consciência. Ajunte-se, a tudo isto, o mêdo de que uma pequena imprudência viesse pôr todos os seus esforços a perder.

Nas escadarias, no momento em que o senhor Giorganni subia, à frente dos três, Ema lançou um olhar desesperado para o marido — um olhar que queria sòmente dizer:

— Como terminaremos tudo isso a bom têrmo?

E o olhar que em paga Guy lhe devolvera, significava apenas:

— Seja tudo o que Deus quiser.

E assim continuou a representação. Contudo, em casa o perigo redobrara: o velho parecia entretido em manter conversas arriscadas, dirigindo perguntas ingênuas, que perturbavam aquêles a quem se dirigiam. Pobre e bom pai que tanto amava seus filhos!

— E' verdade, disse êle, entre dois sorvos de café, é verdade: estou feliz por me encontrar, hoje, junto a vocês. Ema, as cartas são algo de muito belo para os que se encontram distantes, mas ainda prefiro as visitas, por mais curtas que acaso sejam. Tu, minha filha, ainda estás mais bela e elegante, não é verdade, Guy?

— E' o que lhe repito todos os dias, acrescentou Guy, sorrindo.

— E é o que me escreve, também. Ah! no que diz respeito a isto, posso assegurar-te, minha filha, que teu marido só me fala de ti, em suas cartas. Até parece que você o enfeitiçou... E' de fato um marido modêlo.

— E' verdade, acrescentou Ema, em voz surda.

Houve em seguida um momento de silêncio. Guy parecia contar o número de fôlhas que adornavam seu guardanapo, de cabeça baixa. Aquela noite, porém, Giorganni dera para falar:

— A tia Elizabeth os abraça carinhosamente. Está, como sempre, ranzinza e resmungona, mas gosta de vocês. Sempre foi a favorita, Ema, e a velha só faz falar de você...

— E' muito boa, tia Elizabeth.

— Uma alma de ouro. Sabe acaso o que me dizia, pouco antes de meu embarque? «Só ficarei verdadeiramente feliz quando Ema tiver um filho»...

Aqui, porém, Giorganni, a despeito de sua ingenuiaaae, percebeu que fôra algo imprudente. Porque o rosto da filha se cerrara em sombras, ao passo que o genro nervosamente puxava as pontas dos bigodes.

— Prima Rosa vai andando como pode, acrescentou o velho, para desfazer o embaraço geral. Tem lá suas penas, seus aborrecimentos...

— Quais? Acaso não se casou com o homem com quem queria? perguntou Ema, com um leve toque de ironia.

— Sim, sim, casaram-se, e muito se amavam. Contudo, não sei porque nem como, Pedro teve certa queda por uma jovem napolitana...

— Então, isso se chama uma «queda», papai?

— Sim, um capricho fugidio. E' preciso não se ser pessimista. Rosa,

ELA SE VOLTOU BRUSCAMENTE E ATIROU-LHE OS BRAÇOS EM TÔRNO AO PESCOÇO, ANIMADA POR

porém, sentiu-se profundamente melindrada. Houve cenas, lágrimas o diabo...

— Ridículo.

— E' como digo... Rosa terminou por voltar para a casa da mãe.

— E com razão.

— Sem razão. Uma mulher não pode abandonar o marido. Em suma: persuadi-a a passar uma esponja sôbre o passado, e a perdoar Pedro...

— O senhor, papai?

— Sim, e muito me orgulho disso. Quando se é por demais intransigente em tais questões, acaba-se por perder uma coisa: nem sempre ao homem cabe a responsabilidade da falta cometida...

— E', com efeito, uma moral algo cômoda.

— Mas era a de tua mãe, minha filha.

— Como? A mãe de Ema era dessa opinião? perguntou Guy, interessadíssimo.

— E' claro. Possuía em grau superior bom senso, e indulgência. Era boa. Tinha o hábito de repetir que aquêles que amam sempre terminam por perdoar.

Todos se calaram, pensativos. Afinal, Giorganni, para retomar a conversação, exclamou:

— Então, meus amigos, será que não vão me mostrar seu apartamento, êsse ninho de sêda e de veludo? Ainda não pude lançar-lhe senão um breve relance de olhos.

— Vamos, disse Guy. Principiemos pelo salão.

— Formidável, formidável — exclamou o velho, à medida em que caminhava pela espaçosa sala. Apropriadíssimo para recepções. E' vocês têm dado muitas festas, aqui?

— De quando em quando, sim.

— Compreendo. No presente, os negócios, e sobretudo as atividades políticas o impedem de ver as velhas amizades; mas o salão é magnífico. E êsse mobiliário, que estilo estranho! Fôste tu, Ema, quem o escolheu?

— Não, foi meu marido.

— Meus parabéns, Guy. Certamente pensaste que, nesse ambiente, Ema permaneceria preferencialmente. E' aqui, sem dúvida, que teus adoradores vêm fazer-te a côrte, não, pequenina fingida? Não tens ciúmes dela, Guy?

— Eu? Eu conheço a mulher que tenho.

— E tu, Ema?

— Conheço demasiadamente meu marido...

As duas respostas ecoaram quase que ao mesmo tempo. Giorganni ficou satisfeito.

— Êsse quarto de dormir é maravilhoso. As côres se fundem em deliciosa harmonia. Êsse branco e êsse cinza acariciam os olhos.

O velho olhava em tôrno, como se procurasse algum objeto que estivesse faltando. Finalmente, chamou a filha, que ficara de pé, à entrada do quarto:

— Ema?

— Que é, meu pai?

— Onde está o retrato de tua mãe? Não o vejo em parte alguma.

Sem saber o que responder, Ema ficou tôda confusa.

— Estivemos algum tempo em Brianza, interrompeu ràpidamente Guy, e nossos pertences ainda não chegaram todos de volta.

— Êsse retrato não deveria nunca ficar longe de vocês. Enfim, o que se vai fazer? Ema não pode ter esquecido sua mãe. Que mulher, meu caro gênro! Como lamento que não a tenhas conhecido! Em seu leito de agonia, fêz-me prometer que tudo sacrificaria pela felicidade de Ema, e foi assim que, de certo modo, ela também contribuiu para o teu casamento. Quando Ema chegou para me dizer: «Papai, sem Guy, serei infeliz para o resto da vida!», pensei em minha defunta espôsa, e decidi-me. Guy e Ema foram feitos um para o outro: depois de se terem conhecido um ano seguido, Ema ficava cada vez mais pálida, e Guy delirava mais e mais. Juventude, juventude!... Tu te lembras, minha filha, do baile da embaixada inglêsa, ao qual fôste com Guy?

— Lembro-me, retrucou maquinalmente a moça.

— Pelos olhares serenos e alegres, que ambos trocavam, todo o mundo entendeu que estavam noivos, e chamaram-me um pai feliz. Sim, felicíssimo, na verdade, porque os meus filhos se querem...

— Nunca se ama o quanto é necessário.

— E' verdade, é verdade E esperemos que seja sempre assim, não é, Ema?

— Esperemos, meu pai.

— E êsse quarto fechado, o que contém?

Era o quarto de Guy. Dessa vez, quem se achou embaraçado foi o jovem, e Ema salvou a situação:

— E' um quarto para hóspedes, papai.

— Ótimo. E', então, o aposento que eu teria ocupado, se pudesse passar uma noite nesta casa. E' pena, mas infelizmente preciso partir

— E' pena, verdadeiramente, meu sogro.

— Qual! Consolemo-nos a olhar para êle, ao invés de habitá-lo.

— Mas...

— Compreendo: está desarrumado. Isso não importa.

Não havia mais como hesitar. Guy abriu resolutamente a porta e penetraram no quarto.

— Não é lá dos piores: está bem arranjado, como de resto todos os cômodos da casa. Espere! Quem foi que botou naquele canto o retrato de minha filha? Foi certamente uma lembrança amável de Guy... Obrigado, meu caro amigo, mas não posso ficar mais nem um só minuto. Estou desolado.

Sentaram-se de novo na sala de visitas. Marido e mulher distraídos, a ponto de, tivesse Giorganni um pouco mais de perspicácia, teria desconfiado de que algo de anormal se estava desenrolando. Felizmente, o bom do velho podia ser tudo, menos arguto.

(Continua na página 58)

AQUÊLE AMOR QUE RENASCIA ENTRE ÊLES, COM FÔRÇA NOVA, DEPOIS DE TANTO TEMPO REPRIMIDO.

O VENTO

O quarto estava às escuras, e o vento batia na janela, entrando pelas venezianas. Êle olhava a escuridão e não podia esquecer a idéia da morte. Hoje, desde a tarde, era aquilo. A angústia da morte não o deixava, e agora quando viera para dormir, mais forte aparecia. O pensamento da morte o assoberbava, e êle abria desmesuradamente os olhos como se quisesse enxergar a idéia que o livraria da angústia.

O vento corria fora, e deveria ser frio naquela noite. Esbatia contra a janela fechada, porém, sòmente o barulho que provocava penetrava no quarto. E a música horrível de uma vitrola vizinha.

A penumbra era completa. As paredes se comprimiam e se fechavam, fundindo-se em uma só, onde se debruçava a luz apagada das venezianas. O teto não se distinguia do chão, e todo aquêle aposento parecia flutuar em uma superfície inconsistente.

A idéia da morte não o abandonava. Era constante na vigília que se concretizava com o correr da noite. Desde cedo sentia-se assim. À tarde, não pudera sequer realizar o seu trabalho. Não tinha capacidade de vencer aquêle pensamento e concentrar-se. A escrivaninha se enchera de papéis a ser preenchidos.

Não conseguia fugir da idéia. A cada momento ela se fazia mais forte. Agora aparecia absorvente. Como se a atmosfera da noite corporificasse e tornasse mais lúcida a presença da morte. Nas paredes, no teto, no chão. Principalmente no barulho surdo do vento contra a janela. Êle sentia com o barulho do vento frio que deveria ser a noite. E tremia de encontro à cama. Tremia e trincava os membros contra o colchão, procurando aquecer o frio que estava lá fora. E aquela música horrível. Um samba imoral rompendo a angústia da noite, penetrando sòrdidamente no quarto, enchendo a penumbra e os ouvidos hesitantes. Horrível a música. Horrível e absurda com os acordes monstruosos e o arranhar da agulha no disco usado.

Para fugir à impressão, enterra a cabeça no travesseiro, sufocando o ruído. Mas a idéia recrudesce. E o assoberba. Fere o rosto com as roupas, mas o zumbido do choque parece ter vozes. Vozes do vento de fora e do samba rouquenho.

A idéia da morte. A morte indefinida, longínqua e próxima, conhecida e estranha. O sentimento de presença e de desamparo. Desamparo das coisas, das pessoas.

O ar se enrigesse e absorve as sensações. O ser pulsa, e se perde na falta dos objetos e das coisas. Na falta total das vistas. E a idéia faz flutuar como se caísse no mar e corresse sôbre as ondas, vagasse sôbre as águas, descendo e voltando, incessantemente, com a certeza de que nada é possível. Vencido.

A idéia fixa e absorvente. Revolve-se, debate-se, mas nada consegue. Firma o corpo no leito, buscando lechar-se nas roupas, nos lençóis, no colchão. Procurando uma crosta onde enclausurar-se totalmente, fugindo da idéia e de si mesmo. E as mãos se ferem inùtilmente de encontro aos obstáculos sólidos.

Levanta-se. Anda. Cerra os olhos. Percorre o retângulo. Pára no centro. E torna a cair sôbre a cama, numa convulsão de angústia. Chora contra o travesseiro. Prolongadamente. Vê-se. Corta as lágrimas. Toma consciência do ridículo. Abre os olhos. Bebe a água que deslisa pelo rosto. Sente o sal que vem dos olhos. Perde novamente a consciência adquirida, pela vergonha espontânea. Pára numa hesitação total. De idéias, de gestos, de ação.

O vento faz-se mais forte. Traz o samba para o quarto, e leva os acordes rouquenhos para tudo. Todo o quarto o escuta. As paredes ficam mais nítidas, o retângulo compreensível, a mesa, a cadeira, a cama, a janela, ao fundo. O teto aparece, bordado de ramos que se movem e se perdem, numa orgia de sombras.

A música está mais nítida. Incansàvelmente roda na vitrola emperrada. E não se altera, uniforme e disforme. Certamente uma procura de calor contra o frio da noite. E' rouca e imoral. Imoral, profundamente imoral dentro do quarto. A penumbra se aclara.

Êle se levanta, de um salto, e bate a janela, cerrando as venezianas. Tranca furiosamente o quarto, e a escuridão recomessa. Um borrão completo. Nem mesmo as roupas brancas da cama descoloram a escuridão.

De costas para a janela, êle olha. Olha fixamente, tentando encontrar alguma coisa num ponto qualquer. Seus olhos se injetam, arregalam-se e procuram fugir das órbitas que os aprisionam. Dilatam-se, expandem-se e vão de encontro a alguma coisa que se identifique com a luta que assoberba. Mas a idéia não cessa, e lhe toma todos os sentidos. A morte. Êle pensa na morte. Vive-a. Sufoca-se com ela. De encontro ao travesseiro, conjugado com o leito. Mas não consegue fugir.

Imobiliza-se. Engole um soluço. Mas que morte? Contempla a escuridão. Que morte aquela? Morte de quem? A escuridão completa. Será a da mulher amada? De um amigo? Dos pais? Êle sossega um instante na interrogação.

Vê a figura dela, desenhada lentamente. Esbelta, linda. O sorriso dela. Abraça-a na extremidade do quarto. Levanta a cabeça e olha para a extremidade do quarto. Cai novamente, e a figura faz-se pouco nítida; depois, inteiramente nítida quando fecha os olhos. Chega o amigo e se mistura ao quarto. Vão para longe, numa passagem remota, percorrida juntos há muito tempo. O amigo escorrega no caminho e êle tem o sobressalto que lhe rouba a imagem. O vento agora é surdo e não perturba. Vê os pais sepultados. Uma angústia imensa toma-lhe o peito, e êle se contrai instintivamente. Agita-se, volta-se de frente para o teto invisível. Fecha os olhos, soluça sêcamente. Embaralham-se as imagens. E êle soluça, tentando trincar a angústia nos dentes. Confunde-se, enevoa-se, perde-se na confusão das imagens. Tudo se tumultua na cabeça, e êle tenta, mentalmente, apoiar-se na roda que faz girar seu cérebro. Tonto, curva-se, senta na cama. Aperta a cabeça entre as mãos. E a roda gira incontrolavelmente.

Levanta-se, corre para a janela, escancara-a e recebe longamente a noite contra o rosto.

Debruçado, a cabeça pendida para fora, êle parece sentir a ranhadura do samba, trazida pelo vento.

Conto de SILVIO CASTRO

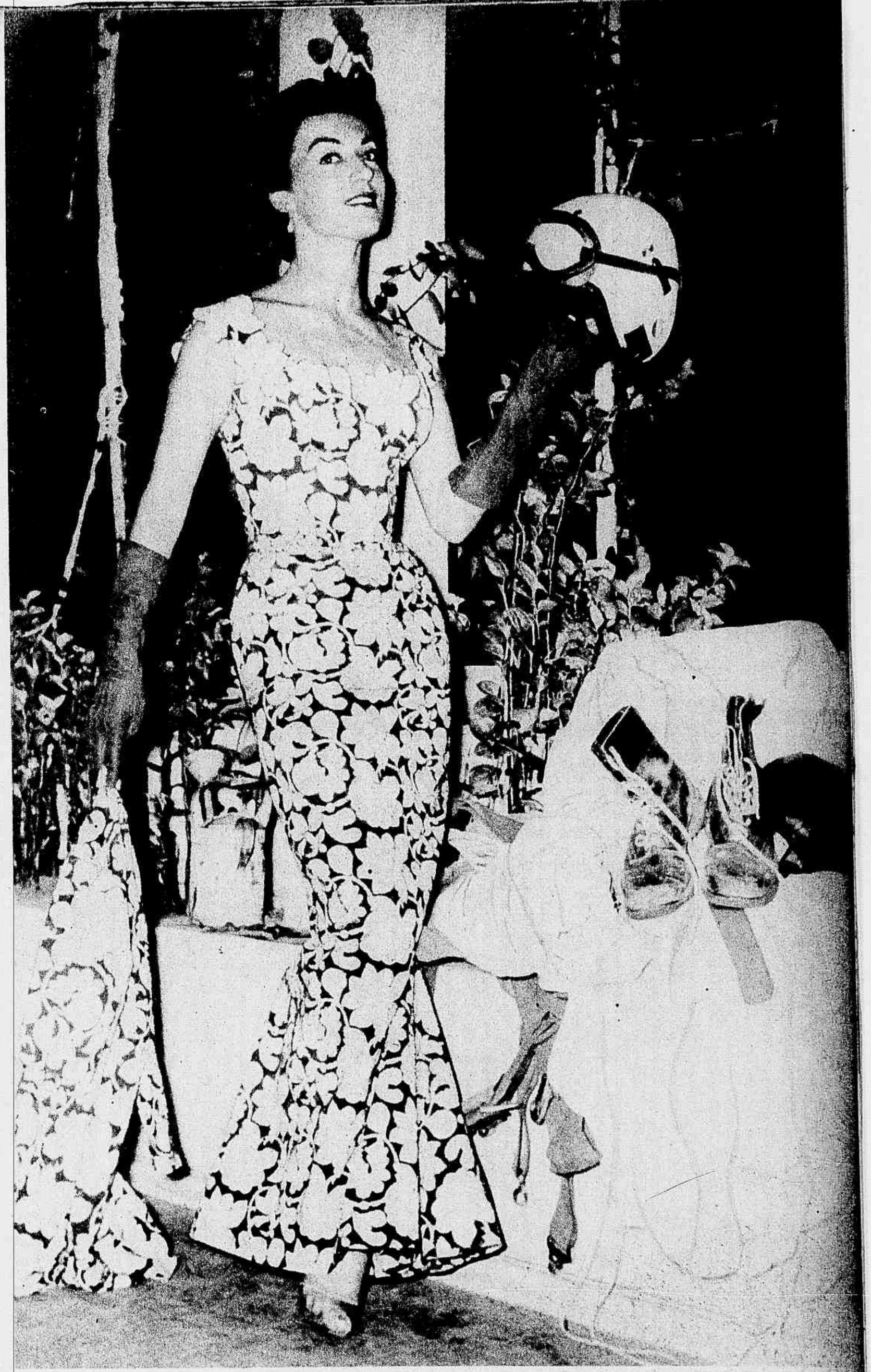
Desenho de MARIUS

Apesar da masculinização de suas vestimentas de trabalho, Colette Duval revela surpreendente beleza plástica, acentuada ainda mais pelo sorriso cativante, o que lhe tem trazido contratempos da parte de alguns afoitos admiradores brasileiros.

PÁRA-QUEDISTA NO ESPORTE E NA POLÍTICA — TRAÇOS DE UMA VIDA DIFERENTE — O QUE ACHA COLETTE DA MODA BRASILEIRA E DOS HOMENS TROPICAIS.

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Vestindo uma das mais recentes criações de Germaine Leconte, Colette Duval posa ao lado de seus apetrechos de pára-quedista, numa composição fotográfica surrealista. «A vida de modêlo era muito monótona... Prefiro a «vertigem gostosa» de meus saltos» — confessa com satisfação.

COLETTE: A "PARAÍBA" DO AR

APRECIADO pelos que andam em busca de emoções fortes, o gênero de espetáculo conhecido como «stock-cars» tornou-se popular em vários países europeus e em muitas cidades dos Estados Unidos, graças ao arrôjo e destemor dos volantes que dêle participam.

É um «show» impressionante, essa disputa automobilística em pistas convenientemente preparadas com inúmeros obstáculos, objetivando sempre levar os corredores a enfrentar, com risco da própria vida, situações perigosas na direção de seus carros.

Foi por isso que Gil Delamare — um dos mais afamados «ases» dêsse esporte em pistas francesas — ficou pasmo quando lhe apareceu, uma tarde, num autódromo de Paris, bela e insinuante criatura, para lhe formular o mais estranho dos pedidos.

— **Posso acompanhá-lo desta vez?**

O treinamento de rotina para o veterano «ás» consistia em atravessar, dirigindo um «sedan» de passeio, um arco de madeira, no qual já haviam ateado fogo, incendiando o querozene derramado em grande quantidade. — isso não vai ser exatamente o passeio que eu gostaria de proporcionar a você, **chérie**...

Mas, o encolher de ombros de Gil Delamare foi o consentimento mudo que permitiu a Colette Duval projetar-se no cenário automobilístico como a mais arrojada mulher de França, ela, que já se havia distinguido como corajosa pára-quedista, muito próximo de bater o **record** mundial de saltos para mulheres.

A fama e a glória foram conquistas fáceis por demais para Colette que, inclusive, abiscoitou um lugar de deputado no recente pleito eleitoral de sua pátria.

Agora, Colette Duval encontra-se em visita ao Brasil depois de percorrer vários outros países, numa «tournée» espetacular de emoções, com os 32 outros participantes do «stock-cars».

Bela e atraente, Colette estava por demais nervosa na manhã que nos recebeu, num dos principais hotéis aqui do Rio.

O motivo — contou-nos, atropelando as palavras — não era, em absoluto, a próxima exibição em que deverá tomar parte num dos está-

Gil Delamare que, além de «corredor-maluco», «doublé» de cinema em cenas perigosas, pratica judo (faixa-preta, 1º grau) demonstra para Colette a técnica de um «rolamento» para amortecimento de quedas, no corredor do Hotel. «Não há nada melhor do que viver perigosamente», afirma.

COLETTE A "PA

dios de futebol. Era coisa mais séria e dizia respeito ao comportamento estranho de certo admirador que lhe importunara a madrugada tôda com telefonemas insistentes:

— E agora isto!

E Colette nos exibe, de cenho franzido, um estojo de veludo, com a marca de tradicional casa brasileira no comércio de jóias, contendo um reluzente bracelete de ouro!

— ???

— **Oui, oui. C'est lui qui m'a renvoyeen.**

Sim, havia sido arrebatado admirador notívago que lhe enviara aquela preciosidade nem sequer identificando-se como era de esperar...

Como o acontecimento verificou-se no dia seguinte à sua chegada ao Rio, era natural a sua curiosidade:

— Será que todos os brasileiros são **ricos** assim?

E riu gostosamente.

Providenciando, em seguida, para que o inoportuno presente fôsse confiado à Recepção do Hotel, para posterior devolução ao seu ofertante, Colette voltou mais animada e se dispõe a nos atender.

Fazendo questão de ressaltar que não era apenas em busca de emoções e de glória que arriscava a vida nos difíceis esportes que praticava, acentuou:

— Como a única pára-quedista profissional em meu país, além dos sucessos ganho também dinheiro...

Descendente de modesta família de uma cidadezinha junto à fronteira belga (Ruesnes), Colette Duval desde pequenina mostrava-se inclinada às travessuras perigosas. O seu primeiro «salto» foi também a primeira «queda» espetacular de uma janela, onde não houve fratura, mas em compensação uma **vertigem gostosa**...

— Aos 18 anos, voei pela primeira vez num planador e desejei ardentemente saltar para a terra...

Mas, como as autoridades não permitiam pára-quedistas de menor idade, a experiência foi adiada para os 21 anos, quando, em Amiens, Colette se lançou ao espaço pela primeira vez, a 300 metros.

— A «vertigem gostosa» repetiu-se para meu encantameno... e resolvi prosseguir de qualquer maneira.

Colette rebusca em sua bagagem um álbum de recordações da época e vamos acompanhando sua vida através seus arrojados feitos.

RECORDISTA MUNDIAL

O recorde mundial de salto em pára-quedas para mulheres, obtido após inúmeros outros pulos de sensação, foi alcançado por Colette nas proximidades de Chantilly, quando se lançou no espaço aos 8.600 metros de altura, para abrir o pára-quedas «na passagem» dos 300 metros...

E Colette explica-nos:

— Num salto de pára-quedas como êsse, a Vida ou a Morte fica dependendo, apenas, do que se pode fazer em 3 segundos de raciocínio claro... É como se a Vida se renovasse para quem salta... Lá em cima não se tem muito tempo de pensar nas boas coisas que estão em baixo. Mas... é aquela mesma «vertigem gostosa» que senti quando pela primeira vez caí da janela no meu quintal...

Exibe um sorriso despreocupado e recorda:

— Era divertido ver o assombro daqueles que apenas foram ao campo para me observar...

ELEGANCIA... E «STOCK-CARS»

Colette atende a um chamado telefônico, mas, desta vez não era de nenhum admirador. Apenas, um lembrete para o compromisso que irá ter em breve.

Pede-nos licença, por alguns momentos, para mudar a «toilette».

RAÍBA" DO AR

Demora-se, surpreendentemente, muito pouco. Regressa trajando um elegante vestido. Ante nossa admiração, faz um gesto à guiza de explicação:

— Já fui modêlo profissional, também... Por alguns anos, trabalhei com Germaine Leconte, um dos bons figurinistas de meu país.

E como justificando-se:

— Mas, era uma vida muito monótona...

Fala-nos, a seguir, de suas múltiplas atividades durante os anos difíceis da guerra, para deter-se na narrativa de seus primeiros feitos com os «stock-cars»:

— Há 2 anos venho me dedicando a êsse esporte. Embora reconheça o perigo que enfrento, até hoje, felizmente não tive qualquer contratempo...

Nessa altura da narrativa, surge um novo personagem em cena. É Gil Delamare. Astro cinematográfico, especialista em cenas perigosas. Comanda a «troupe» de volantes dos «stock-cars».

Risonho e brincalhão, Gil surge logo fazendo «piadas» a respeito das atividades de Colette:

Apanhou o último trecho da conversa e emenda, sorrindo:

— Sim. Os acidentes que ela **não teve**, sobraram para mim...

Ambos riem e Gil explica:

— Só de fraturas posso contar com 14 delas... 8 nas pernas, 3 nos braços e as restantes nas costelas...

Gil Delamare toma conta do assunto. Relata-nos o seu primeiro encontro com a famosa pára-quedista, para acrescentar:

— Êsse **diabinho** nunca soube o que faz...

E A POLÍTICA?

Conta-nos Gil Delamare que durante a última campanha eleitoral, o nome de Colette foi lançado por uma coligação de independentes (sem partido) e, graças à enorme popularidade dela, foi a segunda mais votada de todo o grupo, ganhando, assim, um assento no Parlamento francês.

E acrescenta, mordaz:

— Não foi, evidentemente, pela **presença dela**... pois, a sua campanha tôda foi feita em discos...

Colette não concorda com a insinuação:

— De fato, fui obrigada a assim proceder, em vista de meus compromisso para essa «tournée» que ando fazendo, mas compareci, sim, a alguns comícios...

Aí, então, intervimos para saber de sua opinião sôbre recentes acontecimentos do cenário político francês.

Colette abre um sorriso condescendente e nos surpreende com outra pergunta:

— O senhor já viu mulher alguma entender de Política?

A conversa toma outro rumo e vem à baila a elegância feminina:

A «modêlo» ou a «deputada»? A graça e a feminilidade de Colette Duval, uma vida cheia de aventuras perigosas, revelam bem a mulher moderna, que divide seu tempo em ocupações tão diversas. Qual delas se apresenta aos leitores nessa foto tão sugestiva?

— Não pode haver têrmo de comparação — acentua Colette — entre a elegância francesa e a brasileira. Em todos os países, o clima influi, decididamente, para criar um tipo de elegância feminina. Vestida para o trópico, a mulher brasileira parece-me incomparàvelmente elegante. Gostaria de apreciá-las também no **nosso** inverno para poder julgar com exatidão.

Colette prepara-se para deixar o aposento:

— E os brasileiros?

A resposta veio rápida demais, por isso houve certo espanto nosso, ao confundirmos a pronúncia:

— «Três ousés»...

Na pronúncia figurada (Tréz usés) soou-nos como: «Muito usados»...

E não era isso, evidentemente, o que Colette quis significar... E sim: Muito ousados... Referindo-se, de fato, ao episódio do presente inoportuno.

E logo uma estrondosa gargalhada de Colette encerrou a entrevista, ao lhe ser explicada a origem do trocadilho confusamente perpretado.

VAI FAZER SEIS ANOS

O TEATRO POPULAR BRASILEIRO

SEIS ANOS DE LUTAS TREMENDAS CONTRA A INCOMPREENSÃO OFICIAL — SOLANO TRINDADE, ALMA E CÉREBRO DO GRUPO, DESABAFA PARA O REPÓRTER MÁGOAS E ESPERANÇAS — JÁ FORAM À EUROPA, E ALI RECONHECERAM PLENAMENTE O SEU VALOR — NO BRASIL, PORÉM, TUDO É TÃO DIFERENTE...

Reportagem de BOLIVAR COSTA — Fotos de NEWTON VIANA

QUEM É SOLANO TRINDADE

Solano Trindade — Pernambucano, 47 anos, casado com dona Margarida Trindade — Mora em Caxias — Já percorreu todo o Brasil — Seis filhos — Vai ser avô muito breve — Um livro de poemas publicado — Outros na gaveta, dependendo apenas de dinheiro sua publicação — Deixou um emprêgo público para se dedicar ao T.P.B. — Grande admiração: Arthur Ramos — Ponto preferido: décimo terceiro andar da A.B.I., espécie de sede de verão do T.P.B. — Conhece França, Suíça, Alemanha, Tcheco-eslováquia e Polônia — Voltará brevemente à França — Boêmio incorrigível — Poetas Brasileiros de sua predileção: Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, Deolindo Tavares.

HISTÓRIA

Quando eu era bem menino
Me contaram muita história
Me falavam em pai do céu
Em anjo tocando harpa
Tudo morando nas nuvens
Tudo andando nas nuvens
Tudo vivendo nas nuvens

Mas agora que estou homem
Já andei de avião
A história é diferente
Não tem nada disto não
Só se Deus e os anjinhos
Têm mêdo de avião
Qaundo ouvem o ronco dêle
Fogem pra outro lugar.

(Inédito)

ALUÍZIO e o grupo se exibem num ensaio. Ùltimamente, com a sede requisitada pela União Cultural dos Homens de Côr, que a alugara a Solano, as coisas andam meio difíceis para o teatro: os ensaios estão provisòriamente interrompidos, no casarão da rua da Constituição. A si-

PARA MUITA gente, Teatro Popular Brasileiro e Solano Trindade são uma coisa só. De tal modo, com efeito, se entrosam a vida do conhecido poeta negro pernambucano e a do grupo teatral que fundou em 1950, e do qual é diretor artístico, autor e intérprete, que não é mais possível falar em Solano sem imediatamente pensar na simpática agremiação de que é, por assim dizer, a alma.

O POETA E O SOCIÓLOGO

Solano não é apenas o criador de «Tem Gente com Fome...» e de inúmeros outros poemas de fundo social que todos apreciam. Nem sòmente o autor do interessantíssimo livro «Poemas de uma Vida Simples», editado no Rio em 1944, e que tantos elogios recebeu da crítica, inclusive de mestres da categoria de Arthur Ramos e de Otto Maria Carpeaux. E' certo que, numa Antologia Poética há pouco publicada em Frankfurt, em língua alemã, apenas constam dois nomes de poetas brasileiros: Solano, e Jorge de Lima. Mas, ao lado de tudo isso, Solano Trindade é também um profundo conhecedor da antropologia e da sociologia negras do Brasil, sendo, como êle próprio afirma, antes de tudo um sociólogo cujas contribuições baseiam-se principalmente na vivência dos aspectos fundamentais da vida do negro brasileiro, isto em razão de sua própria condição racial e do ambiente ao qual vive integrado.

Senhor de personalidade marcante, capaz de impor-se em qualquer situação, simpático, inteligente, e sobretudo abnegado, Solano não

tuação, contudo, não é tão dramática que prive Eurídice — bela componente do Teatro Popular Brasileiro, à direita — de uma gargalhada.

poderia deixar de ser bem acatado por aquêles que o conhecem pessoalmente, ou através de sua obra.

Aliás, o nosso maior poeta negro contemporâneo acaba de ser convidado para participar do Congresso Internacional de Escritores Negros, à realizar-se em Paris, ainda êsse ano.

O QUE É O TEATRO POPULAR BRASILEIRO

Fruto de muitos anos de sérias pesquisas de caráter folclórico, o Teatro Popular Brasileiro foi fundado por Solano Trindade, Edison Carneiro, Aluízio do Vale e Margarida Trindade, em seguida ao fracasso de duas tentativas anteriores: a primeira, em Pelotas, Rio Grande do Sul, onde Solano residiu por algum tempo, e a outra, que foi resultar no desenvolvimento do hoje mundialmente famoso grupo «Brasiliana». Nesse ponto é conveniente salientar que Askanazy e tôda a turma da «Brasiliana» negam veementemente o fato. Mas é Solano quem fala:

— Askanazy, proprietário de uma livraria no Rio de Janeiro, percebendo que a oportunidade era excelente para realizar um bom negócio, liquidou o seu estoque de livros e se aproveitou de nossa idéia. Inteligente, espertíssimo, conhecendo meio mundo, o aventureiro polonês tanto virou e mexeu que acabou arranjando um jeito de exibir o conjunto na Europa, onde obteve o êxito de que ainda devem estar todos lembrados.

O Teatro Popular Brasileiro, que a 6 de maio próximo completará seis anos de existência, conta atualmente com 56 elementos, incluindo cantores, dançarinos e instrumentistas. A quase totalidade de seu repertório provém do folclore negro nacional, sem qualquer estilização capaz de comprometer a autenticidade da coreografia, da música ou do recitativo.

Os instrumentos componentes da orquestra — todos de origem afro-brasileira — desempenham um papel de suma importância no desenvolvimento dos temas apresentados. Sendo, em sua maioria, instrumentos de percussão, o conjunto orquestral expressa aquêle ritmo negro característico, profundo e enervante, por si só susceptível de envolver uma assistência inteira e de fazê-la vibrar por meio de reflexos musculares correspondentes às cadências.

Entre os principais instrumentos utilizados pela orquestra do Teatro Popular Brasileiro podem ser citados o atabaque, a agonapuita, o ilu, o afoxê e o gonguê, o caxixi, o chocalho, o reco-reco e o triângulo, etc., etc. O piano e o violão são empregados eventualmente.

O TEATRO NO VELHO MUNDO

Não se pense, dotavia, que o conjunto orientado por Solano Trindade sempre estêve restrito a apresentações em Faculdades e em palcos e estádios do Brasil. Na realidade, assim foi até que o govêrno polonês o convidou para tomar parte no Festival de Varsóvia, realizado em 1955. Diante disso, o grupo, tendo à frente seu incansável diretor, encetou uma campanha financeira relâmpago, que felizmente, deu os resultados esperados. O atual Presidente Juscelino Kubitschek concorreu, de seu bôlso, com cem mil cruzeiros. Arranjado o dinheiro para as passagens, lá se foi o conjunto, a bordo do «Louis Lamier». Desembarcou na França, para logo seguir, por via terrestre, para a capital polonesa.

— Foi uma dessas coisas de que a gente jamais poderá se esquecer, diz Solano, em tom nostálgico. Nunca fomos tão aplaudidos em nossa vida de artistas. Também visitamos a Tcheco-eslováquia, e ali, mais de 90 mil viram o Teatro Popular Brasileiro, em exibições levadas a efeito em grandes estádios. Na Polônia, calculo em 120 mil o número de pessoas que nos prestigiaram com sua presença e franco entusiasmo.

(Cont. na página 58)

TANIA E AYLTON
se acabam num samba rasgado

IVAHY PAIXÃO
Diretor musical

DURVALTÉRIO
Fêz misérias na Europa

RAQUEL E PRETINHO
Casaram-se lá em Varsóvia

ENIR
E' a secretária do teatro

Café Filho deixou o seu apartamento vestido de branco. Não podia ser de outra maneira, porque com o «impedimento» o seu guarda-roupa ficou no Catete. Em casa havia, apenas, três ternos. Café não mandava buscar as roupas. Nereu, por via das dúvidas, não as mandava devolver. Alguém do Catete insinuou que o Presidente poderia ir receber o que era seu. Café entendeu que era o cargo. Mas, não era, não... Eram as roupas...

OS SETENTA DIAS DE RECLUSÃO DE CAFÉ

COM APENAS 3 ROUPAS — UMA PRISÃO NADA AGRADÁVEL — DESFILE DE AMIGOS E ADMIRADORES — CURIOSIDADES — O ÚLTIMO DIA.

DE ODYLO COSTA FILHO

Fotos de A. VIEIRA

QUANDO, a 1° de novembro do ano passado, o sr. Café Filho deixou o Palácio do Catete, logo depois do almôço, não pensava, certamente, que terminaria seu mandato sem regressar à sede do govêrno, que dignificara. Mas ao chegar a sua residência, entre aplausos, no dia 21 daquele mês, poderia sem esfôrço prever que ia enfrentar uma longa e amarga experiência. Em contacto permanente com chefes

Depoimento para...

militares, inclusive aquêles a quem confiara a Marinha e a Aeronáutica e que lhe permaneciam fiéis, o sr. Café Filho bem sabia que ao repelir o «ultimatum» do general Lott, recusando condições para reassumir o govêrno, estava decidindo sua própria deposição. Não havia reação organizada contra o novo golpe, que lhe fôra comunicado com o requintado prazer da antecipação.

Dos primeiros dias, antes que caísse sôbre a imprensa a massa compressora do sítio, os brasileiros tomaram conhecimento pelo noticiário dos jornais livres. Seguiu-se uma fase em que era proibida até a publicação do nome do sr. Café Filho — que por sinal continuava a ser o Presidente da República, embora impedido de governar... E a «Tribuna de Imprensa», na seção «Vozes da Cidade», chegou a dar, um dia, uma caricatura do sr. Café Filho de pijama, desacompanhada de qualquer notícia sôbre êle: é que a censura vetara a publicação de que até aquêle dia sua roupa continuava trancada nas arcas do Catete...

UMA TESTEMUNHA INTERNACIONAL

Num dos últimos dias de janeiro, chegou ao apartamento da Avenida Copacabana o correspondente especial de uma grande agência européia de informações, interessado em obter uma entrevista do sr. Café Filho. O Presidente ainda chegou a pensar em aproveitar aquela oportunidade para dirigir-se, sem as restrições da censura, à opinião mundial; mas decidiu, por fim, que não poderia falar para o estrangeiro enquanto não falasse, primeiro, aos seus próprios patrícios.

Fui eu quem atendeu o jornalista. Sua curiosidade se vollava, sobretudo, para dois aspectos: porque o Presidente não saía de casa? Como ocupava o Presidente seu tempo?

A primeira pergunta pude responder fàcilmente: leveio-o à janela, mostrei-lhe lá em baixo um carro da rádio-patrulha, polícia ostensiva, e numerosos investigadores, polícia indisfarçada.

E à segunda pergunta lamentei que o jornalista não pudesse passar um dia no apartamento. O sr. Café Filho sempre tinha o que fazer: conversava, lia, ouvia rádio, via televisão. Suprimira alguns jornais, que a curiosidade pelas contra-marchas internas no campo dos vitoriosos o levou, entretanto, nos últimos dias, a admitir para uma rápida leitura. A vida, enfim, de um prisioneiro, cuja incomunicabilidade, a princípio absoluta, fôra suspensa.

POR QUE O SR. CAFÉ FILHO NÃO SAIU DE CASA

Muita gente, a exemplo do jornalista estrangeiro, perguntava: Por que o sr. Café Filho não sai de casa? Para experimentar se o prendem? Se prendem o Presidente da República? Porque, afinal de contas, êle ainda é o Presidente da República. Ou não é?

Quando essa pergunta chegava até êle, o sr. Café Filho tinha uma resposta invariável. — Devo zelar, dizia, pela dignidade do meu

Munhoz da Rocha, como tantíssimos outros amigos, foi de uma dedicação sem limites ao seu Presidente. Flagrante tomado à saída do edifício-residência, quando Café Filho o deixava na tarde de 31 de janeiro, indo para Petrópolis no automóvel particular de Raimundo de Brito.

mandato. Se tentar sair, de duas uma: ou serei prêso ou acompanhado por investigadores. E o Presidente da República não pode submeter o mandato que o voto popular lhe confiou a qualquer dessas duas diminuições. O cidadão João Café Filho pode ser prêso ou seguido por policiais. Mas o Presidente, não. No dia em que findar meu compromisso, sairei à rua, como simples brasileiro. E estou disposto para tudo o que acontecer.

UMA CONFISSÃO

Não é que o sr. Café Filho não sentisse o amargor da provação que lhe era imposta. Quem o visitava e o encontrava sorridente, acolhedor, sereno e simples, mal podia calcular quanta fôrça de vontade era necessária para manter sempre, mesmo no contacto com os amigos mais íntimos, aquela invariável atitude.

A advogada Maria Rita Soares de Andrade, que se desdobrou em provas de fidelidade pessoal e política, o Presidente confessou, no dia 31:

— Quem pensar que sofri com gôsto tudo isso, está enganado.

Creio que foi a única palavra de revolta quanto à sua situação pessoal que chegou a ser ouvida, êsse desabafo.

A SOLIDARIEDADE QUE NÃO CESSOU

Mas uma coisa não faltou ao sr. Café Filho: solidariedade.

Pela sala modesta do apartamento 202 do Edifício Mamoré desfilaram milhares de pessoas. Centenas o sr. Café Filho não vira antes, não as veria de novo. Queriam apenas falar-lhe, apertar-lhe a mão. Pais comovidos levavam os filhos pequenos para dar-lhes uma lição viva da dignidade humana.

E houve visitas de gente que raras visitas faz: Raquel de Queiroz, Manuel Bandeira, outros assim. Mário Pedrosa aparecia com as últimas informações passadas a limpo.

E houve aquela moça que, certa manhã, pediu para ver o Presidente. Entrou. E ao deparar o sr. Café Filho caiu em prantos. Foi a vez do dono da casa consolar a visitante.

— «Ora, minha senhora, tenha paciência e esperança...»

E quando, afinal, pôde falar, ela não se conformava:

— «Mas o sr. há-de compreender que ver o Presidente do meu país nessa situação...»

E o sr. Café Filho, com seu tranqüilo gesto:

— «A senhora teria razão de chorar se eu estivesse no Catete nas condições do meu sucessor...»

UMA VISITA RECUSADA

A verdade é que os visitantes eram tantos que o sr. Café Filho pôde recusar uma visita. Recusar? Sim. Foi o caso que lhe comunicaram que certo senador, outrora do seu especial afeto mas que votara tudo direitinho de acôrdo com as ordens do general Lott, queria visitá-lo. O sr. Café Filho fitou por um momento a pessoa que fazia essa velada consulta. Parou a conversa. Perguntou:

— «Para quê?» — E seguiu adiante, mudando de assunto.

Em compensação, vi-o abraçar afetuosamente o senador Ezechias da Rocha, que, da mesma forma que o senador Atílio Vivacqua, embora do P.R., soubera resistir, votando contra a farsa do «impedimento». — Você me deu uma grande emoção, disse êle ao parlamentar alagoano.

O ÚLTIMO DIA DO MANDATO

Havia, também, os visitantes diários, que insensivelmente foram estabelecendo horas mais ou menos certas. Os srs. Raimundo Brito e Monteiro de Castro, apareciam pela manhã; o brigadeiro Eduardo Gomes, o sr. Prado Kelly, o almirante Amorim do Valle, à tarde. O sr. Munhoz da Rocha era certo, mas variava na hora de aparecer. Com exceção, está claro, do general Lott e do sr. Mário Câmara, os antigos ministros e auxiliares diretos do sr. Café Filho souberam honrar a si próprios e a confiança que nêles fôra depositada.

E com aquelas duas únicas exceções lá estiveram, no dia 30, sem qualquer combinação prévia, todos, para dizer-lhe que se orgulhavam de ter servido a seu govêrno. O sr. Marcondes Ferraz ainda na véspera estava em Paulo Afonso: mas não quis deixar de trazer sua palavra de despedida ao Presidente que terminava o mandato em seu pequeno apartamento transformado em prisão.

O dia 31 transcorreu como os outros. Pela manhã, teve o sr. Café Filho a visita habitual do sr. Monteiro de Castro, logo depois a do sr. Carlos Luz, sucedido pela dra. Maria Rita e, mais tarde, pelo sr. Elmano Cardim. A conversa se interrompeu com um aviso de dona Jandira:

— «Café, chegou a água, é bom você aproveitar antes que acabe».

O almôço teve o feijão habitual e ao almôço seguiu-se a sesta, também habitual. O rádio não funcionou para captar os discursos de Juscelino, Nereu, etc. Mas às quatro horas a casa começou a se encher de gente. Alguém contou que o Ministério estivera formado com o sr. Nereu Ramos para receber o sr. Juscelino Kubitscheck, e esclareceu que a faixa presidencial estava com o sr. Nereu Ramos, não com o general Lott. Alguém gabou a sorte do sr. Café Filho que não precisava de vestir casaca naquela tarde quentíssima para transmitir o cargo a Juscelino, ver Jango no Catete. Ainda não eram seis horas e uma pequena multidão se aglomerou na frente da casa, exigiu que Café chegasse à janela. Êle não podia esconder que estava comovido. Já não era Presidente da República, mas caía nos braços do povo. Era povo o que estava ali defronte, e aplaudia, sem convite, sem propaganda de rádio, sem organização «espontânea». Pôs o chapéu, deixou que o fotógrafo fixasse aquêle momento. Despediu-se de todos, beijou a mulher, saiu para a rua. Sentia-se livre.

Lá em baixo a onda humana o apanhou, o comprimiu e a custo alcançou o automóvel, sob aclamações, gritos e palmas. E quando afinal o carro que o levaria a Petrópolis pôde sair ainda ouviu atrás de si a arrancada da Rádio Patrulha e a vaia colossal do povo na polícia.

No dia seguinte, em Petrópolis, já com o seu guarda-roupa reconstituído, Café Filho comparece à missa em homenagem à senhora Jeny Gomes. Flagrante tomado à saída do templo.

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO ★ CARTAZES ★ HUMORISMO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A qualquer hora do dia ou da noite a RÁDIO RECORD de São Paulo tem um PROGRAMA que VOCÊ ouvirá perfeitamente em qualquer ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

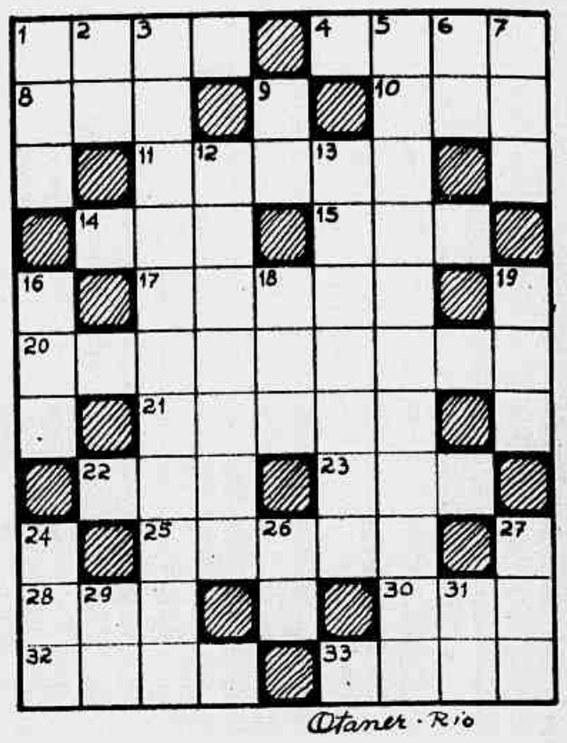
ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 113

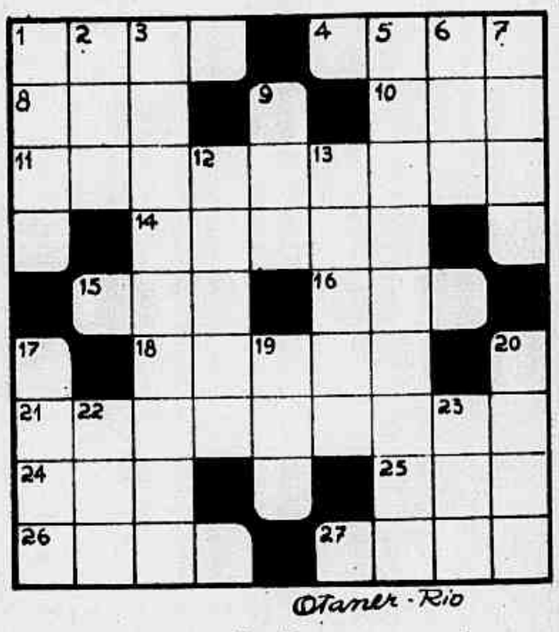
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Tambo — 4. O latir do cão — 8. Mágoa — 10. Antigamente, composição em verso para ser cantada — 11. Estar oculto — 14. Espécie de maçã vermelha — 15. Senhores — 17. Prossiga — 20. Encostados — 21. Impedido — 22. Rio da Inglaterra, afluente do Lea — 23. Palmeira do Brasil (pl.) — 25. Penetrar — 28. Planta umbelífera, semelhante à cenoura — 30. Espaço de tempo gasto pela Terra numa translação completa ao redor do Sol — 32. Variedade de calcáreo branco e duro — 33. Aplicações.

VERTICAIS: — 1. Amuleto dos pretos malês — 2. Modo de andar — 3. Pouco adequado — 5. Peça que fica por baixo da mó do moinho (pl.) — 6. Luz que emana da ponta dos dedos — 7. Moeda de prata de Estocolmo — 9. Encanto — 12. Espécie de raia, pardo-escura — 13. Instrumento para avaliar distâncias — 16. Que não é carinhoso — 18. Nome de mulher — 19. Pega — 24. Cinzas — 26. Nota musical — 27. Trincha — 29. Nota musical — 31. Fidelidade.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Padiola — 4. Rosto — 8. Reza — 10. Lírio — 11. Relativos a lendas — 14. Terreiro onde se secam e limpam cereais (pl.) — 15. Fileira — 16. Pedra, em tupi-guarani — 18. Guarnecia de abas — 21. Terceira pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo do verbo radobar — 24. Pedra do altar — 25. Bebedeira — 26. Flor da roseira — 27. Gavinhas.

VERTICAIS: — 1. Brando; que não tem energia — 2. Unidade das medidas agrárias — 3. Pancada na canela da perna (pl.) — 5. Que pode ser alistado — 6. Curso de água natural — 7. Suco vegetal concreto — 9. Conceder — 12. Demônio — 13. Cólera — 17. Lavrar — 19. Rebôrdo de chapéu — 20. Queres bem — 22. Argola — 23. Senhor.

◆

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 112

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: cartã — bacairi — pelancudo — aa — shó — em — itu — mas — ira — mal — ofa — ril — ri — cis — si — acrotismo — outubro — mesas.

VERTICAIS: cal — acas — ranha — tico — aru — beatífico — idealismo — pai — Oms — ura — mar — ora — bitus — lio — cote — siba — rum — srs.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: lixeiro — ricto — em — soa — Co — ras — mar — caronas — cal — sai — os — til — lá — lacar — colorir.

VERTICAIS: ir — xis — econômico — ita — ro — ter — pôr — macas — sal — mas — côr — iam — tal — lar — lo — ri.

TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

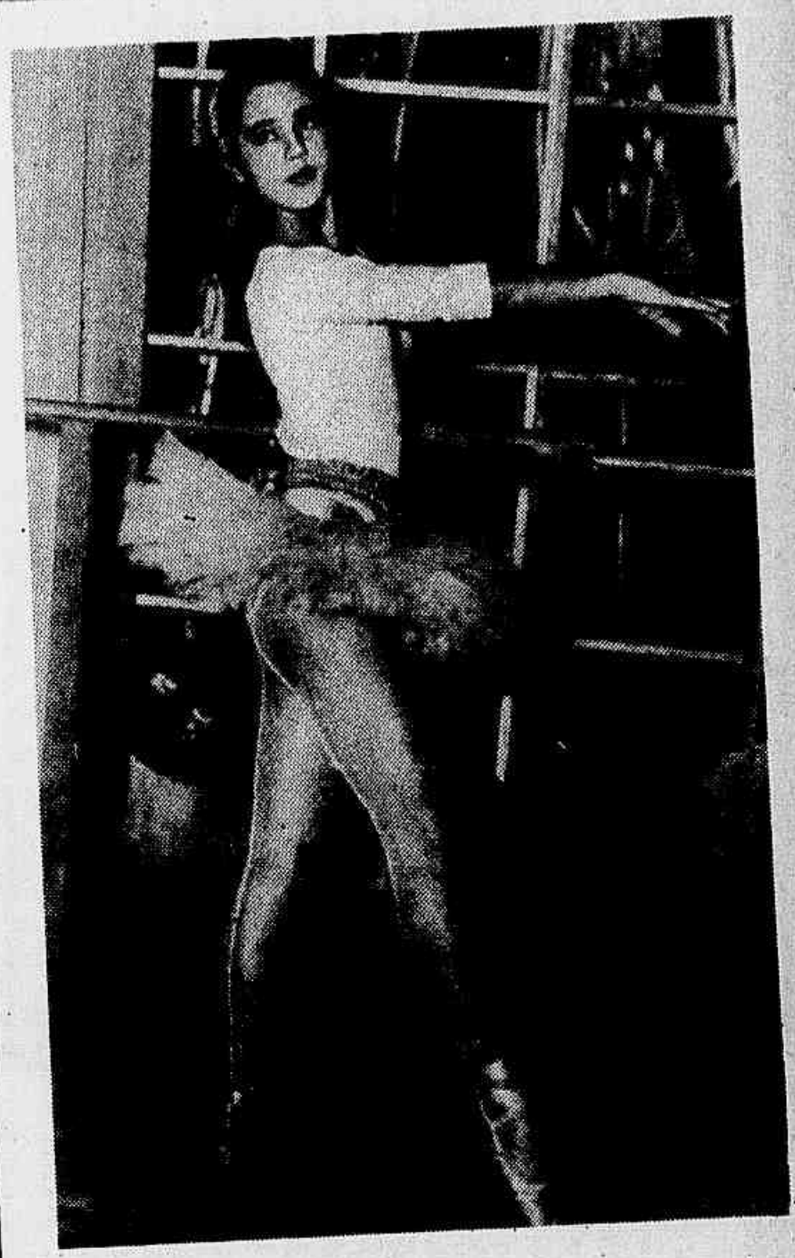
SPECTATOR

◆ Sem dúvida o esporte que tem maior número de adeptos entre nós é o futebol, mas os simpatizantes de outras modalidades desportivas também são muitos e, para contentar a todos, os encarregados dos departamentos especializados nesses setores nas duas emissoras de TV empregam o melhor dos seus esforços. Os principais jogos de futebol são televisionados e, como não é possível transmitir tôdas as outras competições esportivas que se realizam na cidade, são elas filmadas para que o público as possa ver no mais curto espaço de tempo possível, sendo exibidas durante as resenhas noturnas. Vez por outra, como aconteceu com a última corrida de automóveis realizada nas proximidades do Maracanã, câmaras, técnicos e locutores são transportados para o local determinado para a realização das competições e procuram descrevê-las com detalhes para os espectadores.

A TV-Rio inaugurou as transmissões das corridas de cavalos e a novidade tem encontrado a melhor acolhida por parte dos aficionados dêsse esporte e que nem sempre podem comparecer ao prado. Oduvaldo Cozzi, se bem que muito combatido pela maneira empolada de falar e o hábito de criar têrmos novos, para os quais nem sempre o público encontra significado, é, sem dúvida, nas transmissões esportivas, o mais popular locutor e procura informar aos espectadores com o maior número de detalhes.

A TV-Rio tem como chefe do seu departamento de esportes Luís Mendes. O rapaz, com muita simplicidade e simpatia transmite os jogos e faz os seus comentários, prendendo a atenção dos tevendos que não se interessam por futebol ou qualquer outra modalidade esportiva. Além das transmissões feitas durante as competições, procuram os locutores levar aos ouvintes, sempre que possível, a palavra de um atleta de destaque e, através de entrevistas, põem o público em contacto com as atribuições dos seus ídolos, fora do setor esportivo, suas outras atividades, a vida no lar, etc., pois sabem que isso sempre interessa ao público.

José Scassa, em «Ídolos de todos os tempos», uma vez por semana conversa com um atleta que brilhou em outros tempos; procura saber sôbre sua vida atual e homenageia-o por seus triunfos passados. O programa tem alcançado o maior sucesso entre os meios desportivos. O público interessado por esportes tem na TV um ótimo veículo de informações, pois, além de presenciar às competições, sem sair de casa e no momento em que elas ocorrem, locutores e cinegrafistas tudo fazem para que êle seja informado com brevidade e da melhor maneira possível. E, muitas vêzes, a tarefa de bem informar aos espectadores é cumprida com grande número de sacrifícios.



Marília Paula Chaves, elemento do corpo de baile do Teatro Municipal e que se apresenta em numeros coreográficos em vários programas da TV-Tupi.

GRAU DEZ:

... Para Lídia Matos, que no mês de março comemora os aniversários dos seus «Tele-Testes» e «Encontro entre amigos». Lídia bem merece as homenagens que tem recebido, pois além de ser uma das melhores animadoras em programas de TV, principalmente em «Encontro entre amigos», tem levado aos espectadores momentos de encantamento e por vêzes de grande emoção com as entrevistas que realiza. Parabéns, Lídia!.

... Para o pianista José Lourenço, que com grande sucesso toca em «Musical Rio». Por algum tempo os tevendos estarão privados das ótimas audições de José que se ausentou do Rio para realizar uma excursão pelos Estados do Norte. Todos aguardam com ansiedade a sua volta.

... Para o «Clube do Guri» que continua mostrando ao público algumas revelações infantis. Excluindo-se um ou outro número de canto e dança, completamente em desacôrdo com as idades das crianças que os interpretam, nota-se que o programa é feito com cuidado e, com freqüência revela ao público novos valores, como aconteceu em uma das últimas apresentações, quando se exibiu em belíssimos números o «Côro infanto-juvenil da Igreja Batista da Tijuca», além de outros sucessos como o recital dos «Canarinhos de Petrópolis».

... Para a imagem e som da TV-Rio que ùltimamente têm melhorado bastante. Os tevendos já podem acompanhar com maior interêsse a programação da nossa mais nova emissora de TV, programação essa que aliás também está sendo melhor cuidada.

... Para as viagens do «Trem da alegria», na TV-Rio. Quando foi anunciada a estréia do «trem» na televisão, a idéia não pareceu interessante, por tratar-se de programa já bastante conhecido do público, através do rádio.

O «trio de ôsso», no entanto, tem se exibido na TV de maneira um pouco diferente. Elementos de destaque do rádio são recebidos e homenageados com carinho durante as viagens e o público que comparece ao auditório também é contentado pois tem oportunidade de concorrer a ótimos prêmios.

Lídia Matos, animando um dos seus «Tele-Testes».

Vamos melhorar?

Entre os programas criados com o intuito de distrair aos espectadores e também aos que comparecem aos estúdios para participar de brincadeiras, surgiu agora "Quem não dança, segura a criança".

Lourdes Mayer procura animar os candidatos e os prêmios oferecidos são tentadores. A repetição das brincadeiras para saber qual será o candidato que conseguirá manter-se sentado, tôdas as vêzes em que a música fôr cortada, se bem que distraia bastante aos que estão presente aos estúdios da TV-Tupi, acaba por cansar a quem assiste ao programa de casa. É bom não esquecer que os programas de TV são criados com o fim primordial de distrair ao telespectador...

Carlos Frias e Lourdes Mayer em "Os melhores da semana" festejam pessoas de destaque em vários setores de atividades e, sempre que possível, levam ante às câmaras os seus homenageados.

A primeira apresentação, no entanto, não correspondeu à expectativa do público. Alguns dos "melhores" foram elementos completamente desconhecidos dos espectadores.

HORAS DE DESESPÊRO

(THE DESPERATE HOURS)

(CAPÍTULO I)

Glenn Griffin	HUMPHREY BOGART
Hal Griffin	DEWEY MARTIN
Sam Kobish	ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard	FREDRIC MARCH
Eleanor	MARTHA SCOTT
Cindy	MARY MURPHY
Ralphie	RICHARD EYER
Cuck Wilson	GIG YOUNG
Jesse Bard	ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Novelização de GIULIO ANFUSO — Direção de WILLIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

OS três saíram do bosque, pouco antes da noite cair. Seus uniformes de presidiários estavam sujos de lama. A um sinal de Glenn Griffin, atravessaram cautelosamente a clareira deserta. Pouco depois penetravam na fazenda. Na garage, Hal Griffin, mais forte, porém um pouco menos decidido que seu irmão, dirigiu-se em passos rápidos para o sedan cinzento que ali estava. Entrementes, Glenn e Sam Kobish, o terceiro, encaminharam-se para os fundos do abrigo... Kobish era um homem agigantado, brutal, possuidor de um tórax que lembrava o de um urso. Chegado ao local desejado, ergueu sôbre a cabeça a machadinha que levava consigo. Um golpe sêco, e o vulto de um homem tombou, desfalecido. Selvagemente, Kobish fêz menção de erguer novamente a arma, porém, Gleen o deteve a tempo, com um gesto ríspido. Do lado de fora, o jovem Hal acionara o motor do carro, e aguardava apenas o regresso dos dois colegas para fugirem. O perigoso trio pôs-se enfim a caminho. Seu chefe, Glenn Griffin, era um viciado sem escrúpulos; Kobish, um sanguinário que nada tinha a perder; o jovem Hal, enfim, deixava-se dominar pelos outros dois.

x x x

Muitos quilômetros a oeste, a casa dos Hilliard estava localizada, num belo subúrbio de Indianópolis, aprazível, porém um pouco êrmo. O dia começara da maneira habitual. Os Hilliards tomavam o seu café. O pacato Dan Hilliard, que trabalhara como gerente de uma grande loja da cidade, lia um matutino que sua espôsa, Eleanor, havia pouco lhe trouxera. Sua bela filha de dezenove anos, Cindy, passava uma vista de olhos sôbre a segunda seção do mesmo jornal. Ralphie, o caçula, de sòmente dez anos, sorveu de mau humor os últimos goles de seu copo de leite, e levantou-se de fisionomia grave, lembrando mais uma vez à sua mãe que voltaria tarde, pois uma reunião de escoteiros o aguardava. Beijou-a com ternura, porém, ao lado do pai, apenas o cumprimentou e deu-lhe um ligeiro abraço. Depois correu para a porta.

Seu pai, contudo, o chamou:

— Ralphie, venha cá.

À porta, o menino parara, e respondeu com dignidade:

— Meu nome é Ralph. R-A-L-P-H. Não existe êsse I-E no fim dêle. Foi o que eu vi na certidão. E agora, até logo.

Eleanor encaminhou-se para Dan, e sorrindo meigamente, com a mão sôbre seu ombro, explicou:

— Ralph (soletrado: R-A-L-P-H) já se considera um homem, e assim, não gosta de beijar a outro. Espera que você compreenda.

Claro que Dan compreendia. A cada ano que se passava, êle mais se sentia diferente do filho. O próximo assunto a tratar era o noivado de Cindy, que seria em breve anunciado, por ela mesma, ao pai. Eleanor olhou-o desconfiada. Aquêle já era um assunto bem mais complexo.

— Eu o amo, acrescentou Cindy, ràpidamente, após a clássica indagação de todos os pais.

Dan ainda objetou:

O DIA principiara tranqüilo para a família. Dan Hilliard lia o jornal que a espôsa lhe trouxera. Ralphie e Cindy tomavam o café da manhã. Não podiam suspeitar jamais de que em breve iria acontecer algo com êles.

— Mas êle ainda não me falou de nada a respeito...

x x x

Antes que o marido e a filha se dirigissem cada um para a sua ocupação, Eleanor conseguiu um meio de ficar a sós com cada um, por alguns momentos. A Cindy, recomendou que não falasse com o namorado, Chuck Wilson, a caminho do trabalho, e a Dan, que prestasse atenção nas maneiras encantadoras que a filha tinha adquirido, depois que começara a amar. Eleanor não pôde deixar de sorrir, quando Dan remarcou que Cindy ainda era muito jovem para o amor. Disse-lhe adeus com um beijo, à porta. A senhora observou o casal — pai e filho — até que êle entrou no carrinho de Cindy. Depois fechou a porta, descansando um pouco debruçada a ela, e pensando que ficara completamente só. Dirigiu-se para a sala de estar, ligou o rádio, e só depois principiou a trabalhar em seus inúmeros afazeres como dona de casa. Pelo rádio, o locutor anunciava justamente a espetacular fuga, da prisão estadual, de um grupo de malfeitores, chefiado por Glenn Griffin. Relembrou aos ouvintes que fôra êsse mesmo Glenn quem, havia quatro anos, naquelas mesmas paragens, ao ser surpreendido efetuando um assalto, matou com um tiro no coração o policial que o descobrira, ferindo vários outros. Naquele tempo, quando fazia a prisão de Glenn, o comissário Jesse Bard, enraivecido, dera-lhe com a coronha do revólver na bôca, ferindo-o fortemente. O bandido jurara que, assim que pudesse, vingar-se-ia, de maneira terrível, da afronta sofrida.

x x x

Quando o comissário Jesse Bard chegou à chefatura, a atividade, ali, ultrapassava a dos dias comuns. Atravessou o atravancado corredor, até chegar ao pequenino escritório que ocupava, juntamente com seu colega Tom Winston. Jesse, homem sério, e cônscio de suas responsabilidades e deveres, saudou o companheiro com uma leve inclinação da cabeça, e perguntou-lhe se acaso sabia o porquê da agitação, lá fora. Winston, bonachão e com uma tendência acentuada para a obesidade, explicou-lhe que era simples questão de rotina. Depois, recebeu pelo teletipo uma mensagem, em que era narrada justamente a fuga de detentos da prisão de Terre Haute. Não pôde, certamente, compreender qual o motivo pelo qual Jesse Bard ficara tão pálido, quando o locutor disse os nomes dos três fugitivos: Kobish, um homicida violento; e os dois irmãos Griffin. Jesse arrancou violentamente do aparelho a mensagem, e leu. Griffin? Por que não lhe dissera Winston do que se tratava? Ràpidamente, apertou o botão do aparelho de intercomunicação, e chamou à sua presença o tenente Fredericks, da Polícia Estadual.

Quando a voz do tenente respondeu pelo aparelho, qualquer coisa de irônica e sarcástica, cortante como uma navalha, havia nela.

— Vocês já sabem do paradeiro da pequena de Griffin, Helen Miller? perguntou Jesse Bard.

Fredericks respondeu com um muxôxo de segurança. Claro que sabiam: ela deixara a cidade três semanas antes. Nenhum vestígio deixara atrás de si. E adiantou, confidencialmente:

— Olhe, Bard, passamos telegramas para o Estado inteiro, mas não conseguimos saber absolutamente nada sôbre a menina.

— Não sabes quem é Griffin. Não há barreira capaz de detê-lo, nem NADA que o impeça de vir diretamente para Indianópolis.

Dessa vez, a rivalidade entre os dois policiais veio estampada na voz de Fredericks:

— Olhe, Bard. Se queres realmente o homem, por que não o capturas? O problema é mais teu do que meu. Tu é quem fôste ameaçado, e...

Um ruido sêco indicou que do outro lado o aparelho fôra desligado. Fredericks ainda pensou consigo mesmo quem pensava Jesse que era. Se acaso imaginava que era o único bom policial do Estado inteiro, se...

Em seu gabinete, Jesse Bard chegava à conclusão de que era, com efeito, o homem mais indicado para deter, mais uma vez, o famigerado Glenn Griffin.

x x x

Hal Griffin dirigiu o automóvel cinzento para uma das ruas residenciais da pacata localidade. À vista, apareceu a casa dos Hilliard, com a bicicleta de Ralphie à porta. Kobish, apontando-a com o dedo, perguntou a Glenn o que achava. O outro se calou, em assentimento. E então, Hal entortou o guidão do carro, na direção da casa.

x x x

Eleanor Hilliard estava preparando a cama de Ralphie, no andar superior, quando percebeu um ruído de campainhas, na porta da frente. Levou consigo o rádio portátil, mas desligou a música. Quando abriu a porta, Glenn Griffin apareceu à sua frente, e perguntou-lhe, grosseiramente, se poderia acaso indicar-lhe onde ficava a leiteria de Bowden. Eleanor ia dizer-lhe que pelas redondezas não existia nenhuma leiteria Bowden, quando reparou nos olhares que Glenn lançava por sôbre sua cabeça. Virou-se, e deparou então com a gigantesca figura de Kobish, que havia penetrado pelos fundos. Tão grande foi o seu espanto, que não pôde opor qualquer resistência ao ato de Glenn, o qual, depois de empurrá-la violentamente para o lado, penetrou na sala, e trancou a porta a chave. À vista da arma que Glenn empunhava na mão direita, Eleanor precisou morder o dorso da mão direita, para não soltar um grito de pavor.

— Cuidado, dona! Qualquer pedido de socorro, e seu garôto ao valtor para casa irá encontrá-la dura dentro de uma poça de sangue.

Glenn, enquanto falava, dizia com um gesto a Kobish para revistar os aposentos superiores. Em pouco voltava Kobish, com a certeza de que Eleanor estava sòzinha em casa. Entrementes, Griffin, depois de sair pela porta dos fundos, voltara à sala com a notícia de que os Hilliard possuíam um automóvel. Glenn, então, perguntou a Eleanor onde estava a chave do carro, e como ela não se dispusesse a falar imediatamente, ameaçou-a com o revólver, dizendo:

— Dona, quando eu falo não gosto de demora. Fale, e fale depressa: onde está a chave do carro?

Eleanor não pôde se furtar da indicação, apontando para o local onde a chave se encontrava.

— Levem o automóvel, levem tudo o que desejarem.

Glenn Griffin ignorava a razão dessa mudança de atitude, porém disse a Eleanor que a seguisse. Por êsse momento, Hal se ocupava em tirar da garage o carro furtado, depois do que fechou a porta. Kobish, ajoelhado diante de um armário, dêle tirara uma grande garrafa de uísque, que esvaziava em largos tragos, dizendo:

— Há oito anos que não tomava um traguinho!

Depois, acendeu o caríssimo charuto que Glenn lhe estendera, dizendo:

— Depois do uísque, um bom charuto, para variar...

— Vamos, vejamos o restante da casa.

Depois de inspecionarem os aposentos, chegou Hal com a notícia de que o carro estava pronto para partir assim que desejassem.

Eleanor permaneceu ouvindo e assistindo, enquanto os preparativos da fuga eram combinados pelos bandidos. Tôdas as suas fôrças tinham sido necessárias para dominar o terror, que ameaçava transformar-se em um grito, a qualquer momento.

x x x

Nesse interim, o tenente Fredericks, da Polícia Estadual, comparecia ao gabinete do comissário Jesse Bard, levando em sua companhia um inteligente policial do F.B.I., o jovem Carson. O agente federal pôs Jesse ràpidamente a par dos últimos acontecimentos: o roubo de um automóvel, pelos três fugitivos, de uma das fazendas das imediações, acabara de ser comunicado, por telefone.

Carson, virando-se para Bard, exclamou:

— Jesse, você conhece, melhor do que ninguém, êsses irmãos Griffin. Que tal tomar conta do caso?

Sem qualquer hesitação, Jesse retrucou:

— Aceito.

E, ligando o aparelho de intercomunicação, imediatamente passou a descrever os bandidos, o carro roubado e as circunstâncias em que se dera o fato, solicitando que tôdas as barreiras fôssem fechadas, no Estado, a fim de que os perigosos fugitivos fôssem ràpidamente encontrados e detidos.

(Continua no próximo número)

GLENN GRIFFIN ameaça com o revólver a senhora Hilliard, que, atemorizada, leva a mão a bôca, assim tentando evitar o grito iminente. Glenn e mais dois fugitivos da Penitenciária tinham invadido o lar dos Hilliard.

MOÇAS

Fernando LÔBO

◆ O «show» diante dos meus olhos. O dono do espetáculo escolhera bem as moças: um punhado de moças bonitas. Coisas perfeitas em forma, em côr, em beleza total. «Show» de «boite» quer dizer coisa bela, mulheres lindas num desfile para encher os olhos de quem paga alto para assisti-lo. Vi uma moça feia, de olhos sem brilho, de pele sem côr bem longe do palco, bem perto da mesa em que eu estava. Há de ter um coração bom e uma cabeça de pensar bonito! Há de ter! E fiquei com ela no meu pensamento, numa mistura de pensamentos meus e dela, enquanto o «show» rodava e lindas mulheres outra vez surgiam. Há de surgir um homem feio... Não o sonho que a gente carrega é sempre bonito, enfeitado e colorido. Um homem, mesmo um dos mais elegantes da lista, é sempre feio. E' o animal barbudo, peludo, de voz rouca, de bôca cheirando a cigarro no mínimo. Mulheres bonitas, aquêle punhado ali diante de nós tôdos! Mas, para a tranqüilidade de todos os homens, a receita da mulher feia é a mais eficaz — a do coração bom, a quieta pela fôrça da feiúra, a não tentada pela tentação que provoca. Por causa delas — as lindas — os homens fizeram mil guerras e até hoje ainda a fazem. Por causa delas um mundo de coisas foram feitas à base de sangue. Foi Cleópatra, foi Helena, foi Maria Antonieta, foram tantas como estão sendo agora Marylin Monroe, Zsa Zsa Gabor, Grace Kelly. Ah! Se êsse mundo fôsse feito a base de mulheres feias, as noites seriam mais mansas, o dinheiro seria maior, a cidade dormia mais cedo e as praias não ficavam dando êsse terrível complexo de inferioridade em todos os homens quando passa aquela de «bikini» amarelo, candidata e muitas vêzes eleita rainha de muitos clubes. Tudo seria mais tranqüilo e mais tranqüilo todos os sonos de todos os homens!

CARLA NEIL Uma estrêla bonita presente em muitos «shows»...

◆ PIAFF

E continua o pio de que Edith Piaff teria sido contratada para fazer uma temporada. Quem a contratou?

◆ SÍLVIO CALDAS

Talvez nesta altura o seresteiro já tenha sido contratado pelo Michel's». Sílvio fazia cheias as noites do «Chicote» de São Paulo e como agora há o fenômeno do «36», com Dorival Caymmi, Mimi pretende dar um bom tombo na noite com a voz, a presença do nosso Sílvio que arrastará, sem dúvida, um público enorme. Enquanto isso o «Cangaceiro» — um dos mais belos «bars» desta cidade — trata de organizar seu lado artístico descuidado desde a estréia — daí a vasante — e procura contratar uma estrêla de cartaz alto para as suas noites. O «36» já feito está dormindo no sucesso e deixa acabar o gêlo as quatro da manhã!

◆ UM INFERNO

Não se compra mais uma revista nacional ou estrangeira que não traga ainda o romance de Grace Kelly. O mundo inteiro já sabe de tudo o que vai acontecer e do que já aconteceu antes do casamento do príncipe. Agora que casem, que tenham filhos e deixem a gente ganhar pelas revistas alguma coisa que interesse mais. A verdade é que a publicidade do casamento de Grace Kelly superou os escândalos de Marylin Monroe e o desfecho do namôro da princesa Margaret.

◆ GRETA GARBO, SABE E SABE

Ela que até hoje nunca foi esquecida, ela que jamais gostou de fotógrafos nem de publicidade, disse: «uma moça luta a vida inteira para ser conhecida como artista, uma vez que vira «estrêla» se esconde atrás dos óculos escuros, foge dos fãs e da imprensa. A não ser quando é «falsa artista».

◆ «BEGUIN» E DOIS NOVOS

A «boite» «Beguin», no seu regulamentar período de fechamento, traça planos para abrir às portas com um grande «show». Para isso foi convidado Haroldo Barbosa que já conversou com o sr. Brandi sôbre o espetáculo. Tudo em boa marcha. Haroldo terá como parceiro Paulinho Soledade.

ROTEIRINHO

Helena de Lima e Nanai tôdas as noites e ainda o piano de Ribamar. Quando a noite desce mais sempre aparece Vadico e toca bonito seus sambas com Noel Rosa — Possivelmente Marta Janete no «Cangaceiro» — Verônica Beck nos jantares do «Sacha's» — Vasio o «Scothish Bar». Há quem diga que Machado vai comprá-lo — Bom jantar no «Studio» — Não há mais cajus, mas há lagostas ainda no Copacabana Palace.

◆ O «SHOW» DE ONTEM — Um terrível «show» do Casablanca de outros tempos. A casa ficou tão vasia que foi preciso fazer às pressas um outro. A fotografia tem uma certa graça, pois tôdas as figuras que nela estão nos dias presentes são cartazes. Badu (o de baiana), Siwa (empresária teatral e vedeta), Araçari (hoje Mme. Lima Barreto) e Ester Tarcitano que foi «rainha». Mas o «show» era de morte!

◆ NO «CLUBE 36» — Caymmi tem chamado gente para as noites do «36» que eram sempre mortas. Jean Sablon é velho amigo do cantor dos mares da Bahia que para êle já fêz um samba especial. A caminho de Paris, Sablon foi ver Caymmi naquela casa e no grupo estão Roberto Seabra, Sablon, uma moça bonita e o cantor.

«Fantasia Índia», comédia musical baseada na opereta «Rose Marie» constitui um dos pontos altos do «Vanities Skating 1956». A Princesa Índia, no desempenho da principal atriz, Nancy Lee Parker, executa maravilhosos movimentos coreográficos sob patins.

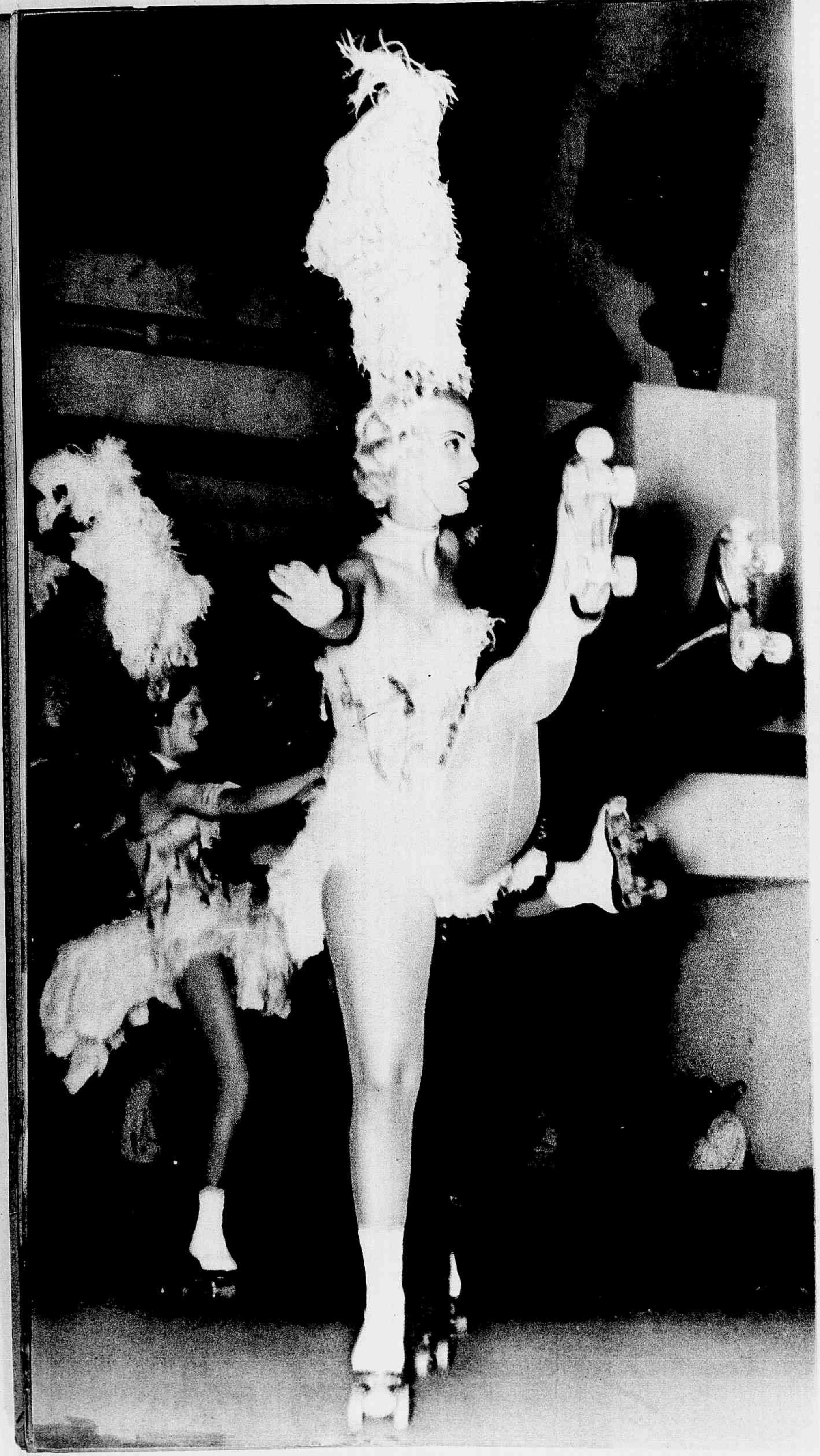
Sob a direção de Gae Foster, «Syating Vanities 1956» é, realmente, um maravilhoso espetáculo de côres, compensando o seu alto custo — 15.000 dólares por semana! O Brasil é o 8º país que a Companhia visita, após 3 anos de sucessos nos palcos do famoso «Radio City», em Nova Iorque.

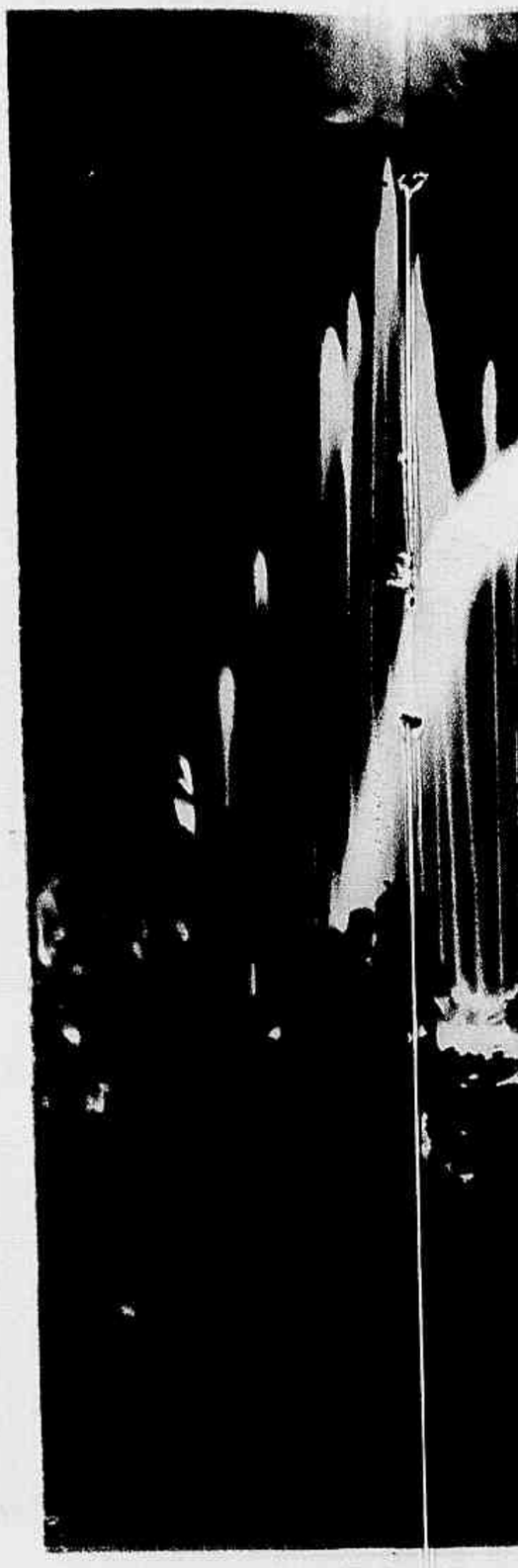
Fotos A. FERREIRA

"SINFONIA DAS ÁGUAS

UMA FESTA DE CÔRES

TRÊS ANOS CONSECUTIVOS EM NOVA IORQUE E TRÊS SEMANAS NO RIO DE JANEIRO — NANCY LEE PARKER, TRICAMPEÃ EUROPÉIA DE PATINAÇÃO ARTÍSTICA — BONITO ESPETÁCULO PARA OS OLHOS.





QUARENTA BELEZAS EXU
nities Girls» realizam ver
ACIMA. Detalhe da «Sinfo
eletrônicamente, e acompa
quenique dos Ursinhos».

«SKATING VANITIES 19
ricano Harold Steirman, p
York» por 3 anos consecu
pessoas.

Trazida ao Brasil, pelas
já nos proporcionaram os
no Teatro República, vem
numeroso público.

A idéia da apresentaçã
dúvida, a **«Sinfonia das**
em 1952 visitava a «Expos
do jovem inventor alemão
instrumental engenhoso c
rosas fontes de esguicho

Pela aplicação de «elle
guichos, conseguiu um b
petáculo por um acompa

Assim, chegou a Nova
pulares melodias norte-a

Gay Foster, outro prod
pliando-o consideràvelme
juntando, então, as «Van

LEZAS EXUBERANTES COMO ESTA, à esquerda, as «Va-
ealizam verdadeiros prodígios com patins silenciosos. —
e da «Sinfonia das Águas»: jatos contínuos, controlados
e, e acompanhados de fundo musical. EM BAIXO, «Pi-
Ursinhos», quadro cômico para a alegria da gurizada.

ANITIES 1956», fantasia colorida do produtor norte-ame-
Steirman, permaneceu em cartaz no «Radio City de New
nos consecutivos, aplaudida por mais de 10 milhões de

Brasil, pelas mãos dos empresários Bergman & Wull (que
cionaram os «Globbetrotters») para uma curta temporada
ublica, vem alcançando sucesso sem precedentes, atraindo
lico.

apresentação dêsse «show», cuja maior atração é, sem
nfonia das Águas», ocorreu ao produtor Steirman quando
va a «Exposição Industrial» de Berlim Ocidental e adquiria
ntor alemão, Otto Przystawik, a cessão da patente de um
engenhoso que permitia o contrôle (eletrônico) de nume-
e esguicho d'água.

ção de refletores que incidem luzes coloridas sôbre os es-
eguiu um belo efeito cênico, valorizando ainda mais o es-
um acompanhamento musical.

gou a Nova York a «Dança das Aguas» que ao som de po-
dias norte-americanas, obteve êxito retumbante.

outro produtor famoso, montou um novo espetáculo, am-
nsideràvelmente pela inclusão de números de variedades
ão, as «Vanities Boys Girls».

UMA FESTA DE CÔRES

«As irmãs» fantasia colorida com Maureen Ahern e Judy Baker (ao som de «Steam Heat», de Jerry Rose).

Do «show», uma das maiores atrações é a linda Nancy Lee Parker, tri-campeã européia de patinção sob rodas, e Gilbert Glorieux e Gaston Van Geider, também campeões de patinação artística.

O espetáculo, que é uma festa de côres, decorre em quadros de números variados, destacando-se algumas belas composições coreográficas como «Fantasia Índia» e um número de sadia comicidade que faz a delícia da criançada — o «Pic-nic dos Ursinhos», com a dupla de anões — os «Remos Toys Boys».

A «Sinfonia das Águas» é apresentada por duas vêzes arrancando espontâneos aplausos do público, e merecendo sem dúvida êsses aplausos, pelo maravilhoso efeito de côres que torna o espetáculo uma festa agradável para os olhos.

Nancy Lee Parker, tri-campeã européia de patinação artística, ainda não derrotada, é um grande prodígio de graça.

UM LIVRO

A POESIA DE JOÃO CABRAL

J.R. TEIXEIRA LEITE

◆ Depois de uma edição bem cuidada porém incompleta de Livros de Portugal S.A., a Livraria José Olympio, como já fizera com as obras poéticas de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade, acaba de lançar as Poesias Completas de João Cabral de Melo Neto (1). Nada menos de nove livros de poemas (Pedra de Sono, 1942; Os Três Mal-Amados, 1943; O Engenheiro, 1945; Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode, 1947; O Cão sem Plumas, 1950; O Rio, 1954; e os livros até então inéditos Morte e Vida Severina; Paisagens com Figuras, e Uma Faca Só Lâmina) estão reunidos na coletânea, cujo título talvez um pouco estranho foi sugerido pelo poeta Aníbal M. Machado.

João Cabral goza de especial prestígio entre as gerações de poetas mais novos, que nêle vêem o grande poeta moderno que a obra de Carlos Drummond de Andrade já anunciara alguns anos antes. Pode-se, efetivamente, acreditar que foi a poesia de Drummond que fêz brotar a de João Cabral de Melo Neto, que aproveita a lição do mestre mineiro, já se depurando do que, no autor de «Rosa do Povo», é ainda imaturo ou apenas esboçado. Por sua vez, João Cabral, indicando outros caminhos à poesia nacional, propiciou o aparecimento de novos poetas, como Ferreira Gullar, por exemplo, que veio pràticamente renovar o cenário poético brasileiro, com seu livro «Luta Corporal».

Carlos Drummond, João Cabral, Ferreira Gullar: uma linha natural, sem solução de continuidade. O poema «Uma Faca só Lâmina», inédito em livro até à presente edição, é uma peça admirável de fôrça e de profunda intensidade poéticas; nêle está presente o melhor de João Cabral de Melo Neto, senhor de todos os seus poderosos dotes de poeta superior. De «Duas Águas», da parte inédita, pelo menos, foi o que mais apreciamos. Interessantíssimo o Auto de Natal Pernambucano «Morte e Vida Severina», sucessão de poemas cujos títulos, compridos e profundamente elucidativos, recordam os títulos dos capítulos do «Quixote», pelo pitoresco e pelo imprevisto.

Quanto ao livro «Paisagens com Figuras», com suas descrições de cemitérios pernambucanos, com seus cenários espanhóis, onde se movimentam toureiros e «poetas frugais», como Joan Brossa, enquadra-se perfeitamente na linha poética do autor, sem contudo mostrar qualquer novidade quer na forma, concisa e sêca, quer na temática, de João Cabral de Melo Neto.

(1) — «Duas Águas», de João Cabral de Melo Neto. 272 páginas. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1956.

Notas

◆ Temos em mãos «Kriterion», a excelente revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. O presente número — que corresponde ao período entre julho e dezembro de 1955 — traz, como de costume, matéria variada e de interêsse. Destacamos o interessante estudo de Eduardo Frieiro sôbre «Poesia Afro-Antilhana».

◆ Na coleção «Os Novos», publicada há alguns mêses pelo Serviço de Documentação, vem sobressaindo o ensaio «Raimundo Correia, Estudante», de autoria de Waldir Ribeiro do Val. O minucioso trabalho de pesquisa dêsse jovem e talentoso escritor paulista, radicado no Espírito Santo, vem sendo salientado em uma série de artigos, entre os quais os escritos por Magalhães Júnior e José Condé.

◆ Leo Victor, que já fizera há tempos, para o Duse, a adaptação para o teatro de «O Idiota», estreará em abril como contista, apresentando seu livro «Círculo de Giz». As ilustrações estarão a cargo do conhecido artista Darel Valença Lins, e constituirão um álbum à parte, englobando dez litografias de grande tamanho. Tanto o texto como as litografias vêm sendo esperados com grande expectativa, nos círculos literários e artísticos.

Darel

ENTREVISTA RELÂMPAGO

Com Saldanha Coelho, autor de «Mural» e de «O Pátio». Diretor da «Revista Brancas».

— Se pudesse escolher, que arte gostaria de cultivar?

— **A música, que considero a grande linguagem universal, sôbre tôdas as outras.**

— Se ganhasse dez milhões de cruzeiros, o que faria?

— **Seria capaz de logo convertê-los em dólares, para não se desvalorizarem ainda mais. Depois então, realizaria muitos planos, que para o magro orçamento de um barnabé, são meros sonhos impossíveis.**

— Gostaria de ter vinte anos menos?

— **Não. Há vinte anos eu tinha apenas nove. E como a vida deve ter sido insípida, nessa idade...**

— Qual a sua maior ambição literária?

— **Chegar à velhice e sentir que meus livros são lidos.**

— Tem novo livro a publicar?

— **Um romance: «Memórias de Inverno», que vai ser lançado pelas Edições «O Cruzeiro», em princípios de maio.**

— Quais os melhores livros aparecidos ùltimamente no Brasil e no estrangeiro?

— **«O Velho e o Mar», de Hemingway; «Uma Fábula», de Faulkner; «A Realidade Americana», de Alceu Amoroso Lima.**

— A seu ver, quais os melhores poetas e prosadores, brasileiros e portuguêses, do passado e do presente?

— **Machado de Assis, João do Rio, Joaquim Nabuco, Lima Barreto, Alceu de Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt, Rachel de Queiroz, Cyro dos Anjos, Sérgio Milliet, Carlos Drumond de Andrade. Portuguêses: Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Miguel Torga, João Gaspar Simões.**

— Onde gostaria de morar, atualmente?

— **Na avenida Rainha Elizabeth, onde moro desde abril do ano passado.**

— Satisfeito com o sucesso de seu último livro?

— **Muito, pois mesmo os escritores que fizeram restrições ao meu livro de estréia, «Mural», à publicação de «O Pátio» fizeram-me as melhores referências. Quer dizer que evolui, ao menos para êles...**

P.M.

POESIA E PINTURA

Os Arenques, por Chaim Soutine

O jovem poeta baiano Fernando Campos — cujo livro de estréia, ainda inédito, "Biografia", tivemos a oportunidade de ler — não tem pressa de publicar o que escreve. Não que considere desnecessário o julgamento público; mas porque, profundamente exigente com a própria obra, adia sempre e sempre sua publicação, à espera de que seu estro se cristalize e lhe dê a obra que êle mesmo espera de si. O que é interessante em Fernando, é que, nêle, Poesia e Pintura se entremesclam. Uma parte de seu livro chama-se, mesmo, "Pinacoteca", e é, a nosso ver, o mais forte do volume.

Estendo meu corpo e faço
estreita ponte de verso
sentida pureza e aço.

"Composição em prêto", "Composição em Forma de Espiral", "Estudo de Nu", "Natureza Morta", assim se chamam os poemas dessa parte do livro. Sôbre o conhecido quadro de Chagall "Os Noivos", escreveu Fernando um sentido poema.

O mais interessante, contudo, é que Fernando Campos, sem conhecer a tela "Os Arenques", de Soutine, escreveu êsse poema, que a descreve, pràticamente:

Na transparência doirada
mergulhado em azeite
pequeno cardume navega
a vez derradeira.

os olhos tão calmos
fixos no teto
não vêem a festa
que seus corpos despertam.

e insensíveis esperam
tinir de talheres
como repiques de sinos
dobrando finados.

A título de curiosidade, estampamos acima a mencionada tela de Chaim Soutine.

RÚSSIA SOVIÉTICA — INFERNO OU PARAÍSO (IV)

A PAZ SERÁ MANTIDA?

Por LAUREN SOTH

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

◆ **BERLIM, ALEMANHA —**

POR QUE resolveram os dirigentes da política soviética franquear suas portas, e admitir, na União Soviética, para uma visita sem qualquer segrêdo, e que, no transcorrer de cinco semanas, percorreu o país de ponta a ponta, uma delegação de camponeses, fazendeiros e técnicos em agricultura norte-americanos?

A razão primordial talvez tenha sido o desejo de conhecer o que nos Estados Unidos é hoje em dia a agricultura. Porque, o que é verdade, é que a agricultura soviética não vem produzindo os frutos que dela esperavam os líderes comunistas. Sabem êles, também, que os fazendeiros norte-americanos continuam muito à sua frente em tudo o que diga respeito ao tratamento dos campos e à produção agrícola, a despeito de continuarem entoando loas aos métodos comunistas de trabalho agrário, e sem embargo de menosprezarem, mais e mais, aquilo que chamam, irônicamente, de «agricultura capitalista dos Estados Unidos»...

Mas outra razão não menos importante é que, com essa viagem, e com a conseqüente dos camponeses russos aos Estados Unidos, os elos de camaradagem e de amizade entre as duas nações podem ser estreitados, nesses tempos difíceis de divergências profundas.

Nós, os membros da delegação norte-americana, ficamos comovidos com as demonstrações de amizade que nos foram proporcionadas no decorrer de tôda a excursão. A cada cidade, a cada vila onde chegávamos, éramos recebidos com flores. O pão e sal, tradicionalmente oferecidos pelos camponeses russos aos visitantes, eram-nos oferecidos. Presentearam-nos com casacos e chapéus de «uzbek» e de «kazak», com caixas de madeiras preciosas da Rússia, enfim, com uma infinidade de brindes dados de coração.

EM TÔDA A PARTE — PAZ

Não me recordo de nenhuma ocasião em que os altos dignatários soviéticos não me tenham reiteradas vêzes explicado o desejo de todo o povo russo pela Paz. Falava-se em Paz, Paz, Paz, em tôda a parte.

Duas vêzes, quando convidado a falar, em nome da delegação, a fim de agradecer a uma manifestação qualquer, corri o risco de me tornar impopular, ao afirmar que não se conquista a Paz, sòmente falando nela. A Paz custa muito trabalho, exclamei, boa vontade nas negociações e sobretudo compromissos mútuos. Essas frases cheias de realismo foram recebidas da pior maneira possível.

Mas não há qualquer sombra de dúvida no cérebro de nós, delegados norte-americanos, de que os votos de boas vindas formulados pelo povo russo eram realmente sinceros, e brotados do fundo do coração. E' claro que tais votos apenas se desenvolviam dentro dos limites de cordialidade que se permite, oficialmente, manter com norte-americanos...

O fato é que o govêrno soviético arriscou-se, ao permitir um contacto mais íntimo entre russos e norte-americanos. Expôs, destarte, às influências do mundo livre, um punhado de cidadãos comunistas. Embora muito rápido, êsse contacto bem poderia sacudir a confiança de muitos russos na infalibilidade de seus governantes. Poderia, mesmo, fazer com que, para o futuro, êsses homens não mais se deixassem enganar pelas falsas promessas de Moscou.

PERGUNTAS

Fomos constantemente interrogados sôbre a América, e podemos todos ter a certeza de que nossas respostas correrão rápidas pelo seio de todos os camponeses. Em muitas ocasiões, quando pessoas do povo nos contavam com pormenores a utilização de um novo método agrícola, recentemente preconizado pelos dirigentes soviéticos, queriam elas saber se nos Estados Unidos tais métodos eram também empregados. Quantas vêzes não tivemos de responder-lhes que tais métodos, declarados obsoletos pelas autoridades agrícolas norte-americanas, de há muito que não mais eram utilizados em nosso país, tendo sido substituídos, vantajosamente, por outros, mais eficientes e rápidos!

Um número surpreendente de camponeses nos perguntou sôbre a propriedade de automóveis, sôbre os salários percebidos pelos camponeses nos Estados Unidos, pela produção de litros de leite por vaca, pela de milho, etc. E as perguntas, francamente, são subversivas à idéia de que tudo, na União Soviética, é superior ao que existe nos demais países... Camponeses, em número diminuto, mas principalmente diretores de granjas, técnicos em agricultura e agrônomos, nos fizeram essas, e dezenas de indagações semelhantes.

Outro risco assumiram os soviéticos, ao permitirem que nós, os americanos, víssemos e fotografássemos tudo quanto desejássemos livremente. Pois também isso há de enfraquecer um pouco a custosa propaganda que a União Soviética distribuiu pelo mundo inteiro. Os russos ainda fizeram uma tentativa de diminuir êsses riscos, levando-nos sòmente às melhores fazendas de que dispunham, e cercando-nos de uma cordial vigilância, que bastante nos dificultou uma pesquisa independente.

Descobri que uma fazenda coletiva que visitamos em Tashkent, antes de nossa visita, já recebera a visita de 6 outras degelações estrangeiras, num só ano. Uma outra fazenda estatal, à qual fomos conduzidos, próximo a Rubtsovk, recebera também a visita do primeiro Ministro Nehru, na Índia, no mês de junho do mesmo ano. Outras indicações ao longo de nosso caminho obtidas nos convenceram de que, realmente, efetuávamos um longo giro agrícola, palmilhado com freqüência...

COMPARAÇÕES DESVANTAJOSAS

O simples fato de têrmos conhecido a União Soviética torna ainda mais convincente as comparações levadas a efeito entre os dois sistemas, minando a fé religiosa que muitos russos nutrem pelo seu método de produção e govêrno.

A mudança na atitude da União Soviética para com o mundo ocidental foi tão flagrante, que muitos observadores das mais diferentes nações estão inclinados a encará-la como um indício de que a própria estrutura do sistema comunista está sendo aos poucos modificada, e de que a brutalidade do stalinismo foi dado por finda. Agora, ao que parece, os chefes comunistas desejam tornar-se bons cidadãos do mundo.

O povo russo é encantador. Desde os mais elevados chefes do Ministério da Agricultura, até às criadas de hotel, às meninas de escola e aos condutores de trator, todos se mostraram delicados, corteses e hospitaleiros. Depois de tantas semanas de contacto com o povo, é difícil de recordar, sem espanto, que por muitos anos os chefões dêsse país imenso se utilizaram do assassinato, da tortura, e de tantas outras formas de barbaridades, para atingir suas finalidades. Essa cidade de Berlim, de onde escrevo, por exemplo, poucos anos atrás foi massacrada por êles. E foram os russos quem insuflaram aos norte-coreanos e aos chineses o ataque à Coréia do Sul. E ainda conservam, apesar de tudo, milhões de pessoas em prisões e em campos de concentração, pelo simples fato de terem discordado, por pouco que fôsse, de alguma resolução dos patrões comunistas.

A PAZ, AGORA

O que pretendem os russos, com a atual política de boa vizinhança, não há quem saiba, fora dos muros do Kremlin. De uma coisa, porém, não há que duvidar: os líderes soviéticos desejam a Paz, e um maior intercâmbio com todos os países do mundo, para os tempos futuros. A intenção é o desenvolvimento do sistema econômico soviético, especialmente no que diz respeito à agricultura. E êsse desiderato bem pode ser alcançado, provendo a economia russa de maiores reservas.

Utilizei a palavra «pode», porque ainda não existe qualquer sinal que indique uma redução nos preparativos bélicos dos soviéticos. O recente aviso de que 640 mil homens do exército russo tinham sido desmobilizados, em si não significam grande coisa. Grande número de soldados está sendo empregado na construção de estradas de ferro, e em muitas outras ocupações civis. Que êsses homens usem ou deixem de usar o uniforme do Exército Vermelho, creio que não tem grande importância.

A despeito de nossa viagem de ter sido cuidadosamente elaborada, encontramo-nos com homens envergando fardas por todos os cantos da União Soviética. E guarnições fortemente aprestadas estavam colocadas em tôdas as cidades que visitamos. Ainda não é tempo de se pensar, sinceramente, que é verdadeira a paz preconizada pelos soviéticos.

PARAÍSO DOS TRABALHADORES?

Os propagandistas da Rússia Comunista, espalhados pelo mundo inteiro, costumam apontar êsse país como um verdadeiro paraíso dos trabalhadores, para milhões de ouvintes que lhes dão crédito. Contudo, basta um simples lance de olhos sôbre a situação dos trabalhadores, sob o cruel regime de trabalho a que são expostos, para se ver a inverdade de tal «slogan». Um operário recebe, de parte de seus patrões comunistas, muito menos consideração

do que a que é dada, no Ocidente, pelo mais explorador dos patrões ao mais relapso dos trabalhadôres.

A delegação de fazendeiros norte-americanos que visitou recentemente a Rússia, foi levada a visitar cêrca de meia dúzia de imensas fábricas, três estações de tratores, um grande moinho e um estabelecimento de embalagem de cereais. Em todos êsses lugares, ficaram os seus componentes chocados com a absoluta ausência das mais triviais precauções de segurança contra acidentes. O trabalhador soviético trabalha à mercê de sua própria sorte, exposto aos acidentes de trabalho e expondo, à sanha das máquinas, sua sorte.

Contudo, em qualquer crítica ao sistema soviético, é preciso reconhecer que o país sofreu terrìvelmente durante a Segunda Guerra Mundial. Muitas das energias e dos recursos da União Soviética foram consumidos na enorme tarefa bélica sustentada até 1945. Aliás, nesses dez anos muito fizeram os russos para atingir ao nível de prosperidade de antes da guerra.

Nossa delegação aprovou, com sinceridade e admiração profunda, o esfôrço de reconstrução observado em cidades como Stalingrado, Kharkov, Rostov, Novorossik, e Dnepropetrovsk, que tinham sido pràticamente arrasadas pelos alemães.

Contudo, a crise da guerra, e do período imediatamente posterior, não podem de modo algum explicar o berrante abandono em que vivem os trabalhadores na União Soviética, como se não fôssem sêres humanos, e sim, sòmente uma máquina de produzir, cômodamente substituível.

As três estações de montagem de tratores que visitamos estavam localizadas em Kharkov, Stalingrado e Rubtsovsk. Tôdas elas produziam o tipo padronizado, Caterpillar de 54 cavalos vapor, comumente utilizado em tôdas as fazendas soviéticas.

CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE ILUMINAÇÃO

Em tôdas essas imensas oficinas de montagem, as condições de iluminação eram precaríssimas. Em algumas, numa superfície onde se acomodavam de quarenta a cinqüenta operários, havia apenas um foco de luz, a cêrca de dez metros de altura. O assoalho é grosseiro e desigual, e tínhamos de caminhar policiando nossos próprios passos, a fim de não tropeçarmos nas inúmeras anfractuosidades que apresentava. As grandes máquinas, como prensas e cortadeiras, não eram providas de qualquer espécie de anteparo destinado a proteger os braços dos operadores.

Naturalmente que, sob tais condições, pensarão os leitores que é muito grande o número de acidentes de trabalho nas oficinas e fábricas da União Soviética. Contudo, ao que nos informou o gerente da grande fábrica de Kharkov, por mil operários, apenas seis baixavam aos hospitais, acidentados, por ano. Pode ser verídica a informação; porém, custa-nos muito nela acreditar.

Outras condições de trabalho são igualmente miseráveis, em tôda a União Soviética. Nenhum empregado de fábrica nos Estados Unidos conseguiria suportá-las por muito tempo. Os vestuários e lavatórios são deficientes e de exiguas dimensões. Certamente os administradores não emprestam grande importância às condições higiênicas de suas fábricas. Na fábrica que visitamos em Kharkov, por exemplo, a construção de uma série de instalações sanitárias fôra deixada inacabada, ao relento. Para resumir, basta dizer que as condições sanitárias dos operários não diferiam muito das em que vivem os próprios animais das fazendas coletivas.

Os trabalhadores de fábrica percebem, mensalmente, entre 800 a 1000 rublos, fora as gratificações dadas segundo o rendimento de cada um, e que variam entre 200 e 500 rublos mais. O total equivale a, aproximadamente, sete ou oito mil cruzeiros mensais. A semana de trabalho tem 48 horas. Determinados sistemas de produção, ou certas espécies de trabalho mais perigoso ou penoso, permitem um maior salário a quem nelas trabalha. Fomos informados de que, a quem trabalha o tempo integral, por vêzes é pago em dôbro o salário.

Na imensa fábrica que visitamos em Kharkov, mais de metade dos operários era do sexo feminino. Essa percentagem diminuía nas fábricas de Stalingrado, onde era de sòmente 27 por cento, e sofria um pequeno acréscimo, em relação a essa última cidade, em Rubtsovsk, onde era de 40 por cento. Pelo que vimos, contudo, caminhando simplesmente por entre as oficinas, diríamos que tais dados oficiais ficam aquém da realidade. Mulheres trabalhando em oficinas, isso é uma idéia que certamente espantará a muitos dos leitores: elas levantam fardos pesados, besuntam-se de graxa, manejam ferramentas, fazem, em suma, todos os trabalhos de seus companheiros.

O TRABALHO DE MENORES

Muitos dos trabalhadores russos são de pouca idade — tanto rapazes como moças. Informaram-nos de que a idade mínima era de dezoito anos, porém, vimos jovens de 14 já em seus macacões de graxa, que trabalhavam apenas um período do dia.

Disse-nos o diretor da fábrica que visitamos em Stalingrado, respondendo a uma pergunta nossa, que a produtividade, «per capita», subira na União Soviética, nos últimos cinco anos, de 65 por cento. Perguntamos, então, maliciosamente, se os salários tinham sofrido um aumento proporcional. E o diretor retrucou-nos, com sinceridade, que êsse aumento fôra de 25 por cento apenas.

— Porque — voltamos a indagar — razões não acompanhou o acréscimo de produtividade o salário dos operários?

A resposta que nos deu o homem, franzindo o cenho, está bastante distanciada daquela que esperávamos ouvir da bôca de um patrão do «paraíso dos trabalhadores»:

— E' claro que a produtividade tem de ser sempre progressivamente mais alta do que os salários percebidos pelos operários.

E explicou, ainda, que êsse sistema não seria mudado, pois estava dando resultados excelentes. Em outras palavras: os aumentos nos salários, prosseguirão sempre aquém dos sofridos pela produtividade. E o principal meio pelo qual isso é conseguido, é, todos os anos, reajustar as normas de trabalho.

Nos Estados Unidos, pelo contrário, o Sindicato dos Trabalhadores tem a mais funda preocupação no sentido de que o aumento de produtividade seja sempre idêntico aos aumentos sofridos nos salários dos trabalhadores. Na Rússia, porém, tais sindicatos não passam de meros fantoches, quando não instrumentos do próprio govêrno, destinado a policiar os operários. Ao invés de solicitarem do govêrno salários equitativos para os seus sindicalizados, os sindicatos soviéticos têm por principal atividade «explicar» aos trabalhadores por que não podem ser mais elevados os seus salários.

A explicação oficial que nos foi proporcionada, a respeito do estabelecimento dos salários, é que uma comissão de técnicos os elaborava, depois de consultar os sindicatos.

MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO

Muito melhor do que o vimos, na fábrica de tratores, era sem dúvida o aspecto da usina de Mikoyan. Com efeito, ali, a iluminação, a limpeza e as condições gerais de trabalho podiam ser comparadas ao que possuímos, nos Estados Unidos. Não tivemos tempo de examinar os banheiros. Porém, a fábrica de Mikoyan é tão boa, e produz tanto, quanto as melhores dos Estados Unidos, no seu gênero.

Também o moinho de Dnepropetrovsk pareceu-nos excelentemente atualizado, e com ótimas condições para o trabalho de seus empregados, quais sejam, o sistema de iluminação, a ventilação, etc., etc. Porém, também ali não havia, como na fábrica de Kharkov, qualquer espécie de proteção para os operários, a quem a mínima distração poderia custar um grave acidente, e nenhum confôrto quer para os administradores, quer para os trabalhadores.

Tôdas as fábricas da União Soviética possuem berçários para os filhos recém-nascidos das jovens mães que trabalham, bem como cozinhas especiais, e jardins da infância para os mais crescidos. O diretor kharkoviano informou-nos que entre 25 e 30 por cento de seus trabalhadores passam as férias em casas de campos e em estações de repouso especialmente construídas pelo govêrno.

Quer as fábricas, quer as fazendas, possuem todo um corpo médico destinado a cuidar do pessoal que nelas trabalha. Na imensa fábrica de Kharkov, por exemplo, existia um hospital com sessenta médicos, que atendia as necessidades de 15 mil operários. Se contarmos também os membros das famílias dêsses operários, veremos que êsse número se eleva a 50 mil pessoas. Sessenta médicos para cinqüenta mil pessoas.

Na fazenda de Rubtsovsk os trabalhadores agrícolas fazem 2 refeições por dia, em seu próprio restaurante. Parece-nos que na União Soviética ocorre o mesmo. Cada refeição custa ao trabalhador cêrca de 3 rublos. Um pequeno almôço, porém, pode ser obtido por cêrca de um rublo. Uma refeição se compõe de sopa, compota de frutas, chá, pão, e leite. Para fazê-la, dispõem os operários de uma hora de folga.

A seguir: «OS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS SÃO ESCASSOS».

NIKITA KRUSHEW, secretário do Partido Comunista Russo, cumprimenta uma camponesa que se distinguiu dentre suas companheiras, na última estação agrícola soviética.

JÂNIO QUADROS

HÉLIO ABREU

◆ **TEM-SE COMO CERTA a candidatura do sr. Jânio Quadros à Presidência da República, em substituição ao sr. Juscelino Kubitschek. Neste sentido não existe pròpriamente um movimento organizado, e nem mesmo se conhece o pensamento do governador. Entretanto, alguns amigos de S. Excia., entusiasmados com a receptividade encontrada por Jânio na recente campanha eleitoral em prol do general Juarez, fazem gestões isoladas, das quais o governador (ao que parece) está ausente. Em São Paulo os homens de indústria e do alto comércio vêem com simpatia o que se esboça, e mesmo alguns dêles não fazem segrêdo de suas preferências. Essa atitude dos «big bosses» da paulicéia reflete o grau de profundidade do nome do governador nas altas esferas econômico-financeiras do Estado e leva à conclusão de que o governador conseguiu situar-se entre elas sem prejuízo de seu prestígio pòpular.**

O único obstáculo que aparece como um fantasma no caminho dos que desejam ver o governador no Catete é a possível reforma da Constituição, contra a qual já começam a brotar as primeiras resistências, principalmente na parte da inegibilidade do Presidente da República para um período imediato.

Pelo sim ou pelo não «sonham» com afinco os fãs do sr. Jânio Quadros que, agora, sem a concorrência de Ademar, ao que tudo indica é o candidato natural à sucessão do atual Presidente Kubitschek.

◆ **EUREKA**

Quem primeiro cogitou da candidatura do atual Presidente, em São Paulo, foi o banqueiro Arnaldo D'Avila Florence que, em meados de 1953, lembrou em discurso o nome de Kubitschek à presidência.

◆ **LINO EM DIFICULDADES**

A pressa do sr. Lino de Matos em remodelar seu secretariado é explicada pelos amigos do prefeito como uma medida visando evitar o desgaste do prestígio político do combativo senador-prefeito. Com efeito, no terreno da popularidade anda não muito bem o sr. Lino de Matos. Suas batalhas com o governador (que não lhe dá vintém) impediram o prosseguimento de obras vitais à vida da cidade, inclusive a nova estrada do aeroporto de Congonhas.

◆ **B.B.**

O nome do sr. Amador Aguiar (Banco Brasileiro de Descontos) estêve muito cotado para a presidência do Banco do Brasil. Para tal faltou-lhe, ao que dizem, a necessária cobertura do sr. Jânio Quadros e o apoio do PSD. O sr. Amador Aguiar goza da melhor reputação no vasto círculo financeiro de São Paulo e teve o seu nome lembrado por vários líderes do PSD, PSP e PTB.

Aliás, a inclusão do sr. Sebastião Pais de Almeida entre aquêles que, por indicação do PSD, figurariam na já famosa lista, mereceu o apoio integral da seção paulista do partido. O que não agradou muito foi aquêle **«não sou político»** constante no discurso de posse do chefe da **Covibra**.

◆ **REELEIÇÃO**

O Diretório do Partido Republicano, seção de São Paulo, acaba de reconduzir o sr. Carneiro Giffoni (Lab. Sanitas e Presidente da Legião Amigos de Juscelino) à sua Comissão Diretora.

◆ **AINDA BEM...**

Diminuiu, na paulicéia, a onda de crimes, com exceção do roubo. Nada menos de 800 pessoas tiveram seus lares invadidos no decorrer dêste ano. Em compensação o assassinato, o estelionato e agressão física diminuíram sensìvelmente.

◆ **VALPARAISO**

Deverá avistar-se em breve com o sr. Juscelino Kubitschek o prefeito de Valparaiso, sr. Rezende Nery Sant'Ana. O assunto a ser tratado prende-se a um empréstimo de 10 milhões pretendido para a referida municipalidade.

◆ **NELSON VAI**

O sr. Nelson Mendes Caldeira está de partida para o velho mundo. Desta vez será a Itália a hospedeira do conhecido homem de negócios, que viaja em companhia de sua espôsa.

◆ **A BARBA DO FARABULINI**

O deputado Farabulini Júnior continua em guerra com os barbeiros. S. Exª. (que é um grande bate papo) tem sido visto de cabelos em desalinho e barba de uma semana, o que vem dando o que falar e confundindo os próprios funcionários da Assembléia do Estado que, nem sempre, podem com facilidade reconhecer nêle um representante do povo. Dizem até que, recentemente, quando o deputado tentava ingressar no Palácio 9 de Julho foi «barrado» por um dos contínuos, que disse: — «Arreda cabeludo; abaixa a juba que isto aqui não é albergue».

◆ **EXTRA**

Está circulando em São Paulo o jornal «Última Forma». O órgão é dirigido pelo «camarada Lorotoff» e vem alcançando sucesso. Custa Cr$ 3,00 e invariàvelmente imita a antiga «A MANHA» do barão de Itararé.

◆ **VICTOR COSTA**

As rádios América e Bandeirantes, ambas de propriedade do sr. Ademar de Barros, estão sendo adquiridas pela **Organização Victor Costa**. Também o matutino «O Tempo» está nas cogitações do referido grupo.

◆ **HOMENAGEM**

Os partidos políticos que apoiaram o sr. Juscelino Kubitschek na recente campanha eleitoral e também a «Legião Amigos de Juscelino», de São Paulo, vão homenagear com um banquete o ministro Tancredo Neves, coordenador da candidatura do atual presidente na paulicéia. O ágape terá lugar no hotel Comodoro.

◆ **JANTAR**

O governador jantou muito bem e conversou ainda melhor na residência do deputado pessedista Narciso Pieronni. Depois disso foi que começou o namôro Cirilo-Campos Elíseos. O encontro não teve publicidade.

◆ **SUPERINTENDENTE**

O sr. Thomas Corbett (uma das inteligências moças de São Paulo) foi eleito superintendente do Banco do Comércio de São Paulo, uma das casas de crédito que apresenta melhor índice de negócios. O referido banco pertence ao grupo Mário Eugênio.

◆ **PLANO**

O engenheiro e deputado Dagoberto Sales vem de concluir um minucioso plano de aproveitamento hidrelétrico da região centro-sul do país. O parlamentar, que é também o realizador do plano Paranapanema, deverá submeter seu trabalho ao sr. Juscelino Kubitschek.

◆ **GUERRA**

O industrial Juvenal Chede (35 anos e 35 milhões) está cursando a Escola Superior de Guerra. Juvenal Chede foi um dos líderes da campanha que elegeu o sr. Kubitschek (de quem êle é amigo) à Presidência da República.

◆ **INDÚSTRIA**

O sr. Humberto Dantas, secretário da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, não mais irá aos Estados Unidos. Motivo: falta de tempo.

◆ **NOMEAÇÃO**

A nomeação do sr. Eloivaldo Chagas para o IAPC repercutiu muito bem em São Paulo. Trata-se de um homem íntegro, que vem da melhor família baiana.

◆ **GARCEZ**

Não é verdade que o sr. Lucas Garcez tenha pleiteado qualquer cargo no govêrno de Juscelino. O que houve foi um movimento expontâneo de amigos seus no sentido de dar ao ex-governador um lugar de destaque no atual govêrno.

◆ **SEGRÊDO**

Ninguém deve saber que os lucros dos moageiros subiram a mais de 400% no passado ano. Também é segrêdo a história do trigo estrangeiro, vendido como nacional, que sai do Rio Grande do Sul valendo alguns (bons) cruzeiros acima da tabela.

◆ **BICHO**

O elefante vem repetindo muito ùltimamente. Os banqueiros paulistas do popular joguinho de bicho bem merecem levar na cabeça. O elefante cuidou disso, fazendo muitos «bis». Há quem afirme não existir jôgo do bicho em São Paulo. E quem acredite, existirá?

◆ **CAFÉ**

Continua a baixa do café. E a reforma cambial (profundamente) no gabinete do sr. Ministro Alkmin. Aonde vamos?

◆ **PITEIRA PARA PENIDO**

O sr. Luís Carlos Pujol, deputado petenista, vai oferecer uma piteira de ouro ao sr. Oswaldo Penido, simpático sub-chefe do Gabinete Civil do Presidente Juscelino. O sr. Oswaldo Penido receberá seu presente em São Paulo, para onde deverá viajar em companhia de sua espôsa, sra. Ruth Penido.

◆ **IMPORTAÇÃO**

Está para estourar um escândalo. Muita gente boa envolvida. Muitos carros serão apreendidos e muita gente irá para a cadeia quando se descobrir o chefe da vasta organização que está fazendo entrar, ilegalmente, carros de procedência americana por Santos, Rio e Vitória.

◆ **SURPRESA**

Fala-se que entre as cidades paulistas que deverão merecer «incertas» do sr. Juscelino Kubistschek figuram Ribeirão Prêto, Santos, Campinas e Araçatuba.

GENTE BEM E J.K.

O sr. Gastão Alves Ferreira, um dos melhores partidos de São Paulo e diretor-superintendente da firma Isoldino Alves Ferreira S/A acaba de receber um presente da França: Um retrato seu abraçando o Presidente Juscelino. «Souvenir» de um fotógrafo francês, seu amigo.

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

AS TEMPORADAS DE 56

◆ As nossas temporadas musicais quase sempre se ressentem da presença de novidades, quer no que diz respeito a intérpretes ou no que se refere a repertórios. O revesamento de artistas estrangeiros é a lei que rege invariàvelmente a nossa conduta de importadores de celebridades; e nos contentamos simplesmente com a consagração dos que já estão universalmente consagrados. E' claro que não existe público no mundo que não possua suas idiosincrasias, suas condições de aceitação e repúdio, sua capacidade de escolha, enfim, suas características próprias. O público do Rio de Janeiro, por exemplo, recebeu Yehude Menuhim — êsse notável violinista que é, antes de tudo, emotividade e fôrça de expressão — com imperdoável indiferença. Enquanto isso, o florescente Jascha Heifetz que, ao contrário do virtuoso norte-americano, é teatral e cheio de «visibilidade artística», sempre encontra, entre nós, uma receptividade fora do comum, fato certamente responsável pela falta de consideração que demonstrou para com a nossa platéia no ano passado quando deixou de cumprir um contrato por causa de uma simples questão cambiária. Um outro caso digno de nota é o de Friedrich Gulda, cujo extraordinário talento tem aproveitado os estímulos do nosso público para dar expansão aos seus malabarismos e impressionar com o seu jôgo de mãos, atitudes tão abusivas quanto falhas de convicção. E não é outro o pianista que foi considerado pela nossa crítica como o maior intérprete de Beethoven!

◆ A temporada dêste ano, como veremos, não será mais que uma repetição mesclada das temporadas anteriores. Na de «ballet», por exemplo, teremos Igor Schwezoff, Alicia Markova, que se exibirá com o Corpo de Bailados do Teatro Municipal; Istvan Rabowsky e Nora Kovach, que muito sucesso fizeram no ano passado, estarão novamente entre nós quando terão oportunidade de apresentar «Capricho Espanhol», «São Francisco de Assis», «La Boutique Fantastique» e «Ciranda» (sendo que esta última com música de Vila-Lôbos, cenários de Di Cavalcanti e texto de Tiago de Melo). Na Temporada Lírica (Internacional, Mista e Nacional) teremos a presença de Antonieta Stella, Del Monaco, Guelfi, Giulietta Semionato, Taddei, Barbieri, Nicolai e Maria Callas, sob a regência de Antonino Votto, do Teatro Scalla de Milão; repertório: «Norma», «Aida», «A Filha de Jório», «Lúcia», etc. Maria Sá Earp, Violeta Coelho Neto e Araci Belas Campos centralizarão as atenções na Temporada Nacional que constará de «O Contratador de Esmeraldas», de Mignone, «Dom Giovanni» e «Werther» de Massenet. O regente será a maestro Vicenzo Belleza, da Orquestra da Academia Santa Cecília de Roma.

Enquanto a ABC e a Pro-Arte reencetarão a sua Temporada de Concertos e Recitais em princípios de abril, com uma apresentação conjunta de Friedrich Gulda e Jacques Klein. Além dêstes ainda ouviremos o excepcional Firkusny, Isaac Stern, o «Quarteto de Budapeste», o «Ensemble Instrumental à Vent» de Paris e a «Orquestra de Câmara» de Berlim, sob a direção de Von Benda.

◆ A vinda de Walter Gieseking — um dos pianistas mais festejados pelo nosso público, ainda está dependendo de confirmação. As duas sociedades musicais oferecerão também um «Festival Mozart», constando de três concertos para violino e orquestra, sendo que o solo estará a cargo de Christian Ferras. Pelo que vimos, nada haverá de novo no decorrer da temporada que se avizinha. No entanto, temos o direito de esperar que, no decurso do ano, os empresários ou as associações nos tragam artistas ainda desconhecidos em nosso meio musical, como um David Oistrak, um Arthur Grumiaux ou uma Galina Ulanova.

NOTICIÁRIO

O violinista brasileiro Oscar Borgerth apresentou-se na França, em recital organizado pela Sociedade Filarmônica de Paris. Interpretou obras de Francoeur, Debussy, Brahms, Vila-Lôbos e José Siqueira. Referindo-se à estréia do conhecido violinista patrício na capital francesa, o crítico H. de La Grange disse que «Borgerth não se classificava entre os virtuosos atordoantes, mas muitas vêzes intragáveis da escola russa, nem entre os intérpretes robustos, porém quase sempre deficientes do ponto de vista instrumental da escola alemã. Ao contrário, Borgerth é uma personalidade musicalmente sólida e atraente, ainda que um pouco tímido».

x x x

A Orquestra Sinfônica Juvenil, organizada pela Comissão Artística e Cultural para solucionar a crise de instrumentistas, não apenas no Teatro Municipal, mas em todo o país, acha-se sob a responsabilidade do maestro Ari Ferreira, que acaba de chegar da Europa. As inscrições estão abertas na Escola Dramática Martins Pena, rua 20 de Abril nº 14.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!

PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

•

TUDO SÔBRE ESPORTES

ÀS QUARTAS-FEIRAS — PREÇO: CR$ 5,00

"Mil" lhe oferece:

ALMOFADAS
ASSENTOS VENTILADOS
Cadeiras PARA CRIANÇAS
PALHINHA - COURO - PLASTICO

Só na Mil

Pessoal Técnico Especialisado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

MINADO UM BALUARTE INGLÊS

A ILHA DE CHIPRE E SUA HISTÓRIA — SERÁ CONSEGUIDA A "ENOSIS"? — PARA ONDE FOI O ARCEBISPO MAKARIOS

Texto de HAROLD GREEN

A ilha de Chipre, situada no Mediterrâneo, adjacentemente às costas da Turquia, Síria e Israel, até à conclusão da Guerra da Criméia pertencia ao Império Otomano, sob o nome de «Kibris». E' uma ilha de formato irregular, com superfície de 9.282 quilômetros quadrados, e cuja população atual ascende à casa dos quinhentos mil habitantes, quase todos agricultores. A terra produz cereais, e em suas pastagens são criados carneiros de uma espécie única, mundialmente conhecidos como «carneiros de Chipre». Em tempos passados, possuía notáveis depósitos de cobre — e o nome dêsse metal veio justamente da denominação latina da ilha, Ciprium —, depósitos que três mil anos de contínua exploração terminaram por esgotar. Hoje, Chipre vale sobretudo pela sua excepcional colocação geográfica, a 74 quilômetros ao sul da Turquia, a 85 da costa siríaca, e a pouca distância do Egito e do canal de Suez, bem como dos campos petrolíferos do Oriente Médio. Quando, há alguns anos, uma série de agitações nacionalistas sacudiu o Irã, foi em Chipre que escalonaram as tropas britânicas, navais e aéreas, que terminaram por sufocar o movimento. E' por essas e outras que a Grã-Bretanha, que já se viu desprestigiada no Oriente Médio com a atitude da Jordânia ao demitir o General Glubb Pasha do comando da Legião Árabe (que êsse oficial inglês organizara e manejava a seu talante), busca manter a qualquer preço sua jurisdição sôbre a ilha — jurisdição hoje ameaçada, como devem os leitores saber, pelo nacionalismo do Arcebispo Makarios.

◆ **HISTÓRIA DE CHIPRE** — Os gregos foram os primeiros colonizadores de Chipre, e lhe imprimiram uma orientação que, em mais de três mil anos de conquistas e de reconquistas sucessivas, jamais se alterou grandemente. Em 1400 antes de Cristo, os hititas tomaram conta da ilha; depois vieram, horda sôbre horda, os fenícios, de novo os gregos, os assírios, os egípcios, os persas, novamente os gregos, os macedônios, de novo os egípcios, os romanos, os bizantinos, os inglêses de Ricardo Coração de Leão, que até ali foram para defender a rainha Berengária, noiva do soberano, os Templários, que a adquiriram por 25 mil moedas de prata, novamente os inglêses, terceira vez os egípcios, os venezianos (em cujo chefe, Cristoforo Moro, alguns historiadores reconhecem a figura sobre a qual baseou-se William Shakespeare para escrever seu «Othello»), os turcos, que a conquistaram em 1570 após tremenda batalha, os egípcios de Mohammed Ali uma quarta vez, e afinal de novo os turcos e os inglêses, a quem a ilha foi cedida em 1878 mediante um tributo anual de 22.799 esterlinos, tributo que desde 1914 não mais é pago. Em realidade, Chipre, desde aquela data, é uma colônia britânica, e de valor inestimável, baluarte de Sua Majestade Elizabeth II no Oriente Médio.

◆ **SURGE MAKARIOS** — Não é de hoje que os cipriotas anseiam por sua liberdade. Um dos territórios mais ambicionados através dos séculos, Chipre, na realidade, passou de mão em mão, como um objeto estranho é de valor no qual todos querem segurar, variando de dono segundo a ocasião. Mormente para os turcos e para os egípcios, representa verdadeira sentinela postada no oceano, e por isso, foram aquêles povos os que mais buscaram dominá-la. Isso, até que os britânicos, com o seu tino inato pelos bons negócios, nela não vissem justamente a base de operações de que necessitavam para controlar, discretamente, as ricas terras do Oriente Médio.

Rebeliões anteriores — entre as quais uma, exótica, de judeus — foram sufocadas de maneira terrível. Agora, porém, tendo à frente um homem de excepcional valor — o arcebispo Makarios — e aproveitando-se de um momento difícil na história da Inglaterra, a qual vê, pouco a pouco, escaparem-se-lhe dos dedos tôdas as posições no Oriente Médio, pretendem os cipriotas conseguir o seu objetivo, que é o de se tornarem independentes, de início, para depois, provàvelmente, realizarem seu velho ideal da «Enosis», isto é, da união com a Grécia.

◆ **CHIPRE, FILHA ESPIRITUAL DA HÉLADE** — Essa aspiração é mais do que justa. E' mesmo uma predestinação. Com efeito, foi há mais de três mil anos que os primitivos gregos, estabelecendo-se na ilha, a ela emprestaram os seus costumes, impondo-lhes sua língua, seu gôsto pelas artes, etc. Até hoje, na região de Famagusta, realiza-se um festival que obedece, em tudo, ao ritual daqueles que se realizavam há milênios atrás.

Depois, com o ocaso da Hélade, e com o aparecimento da Grécia atual, a influência helênica não deixou de prosseguir: assim, dos quinhentos mil habitantes de Chipre, quatrocentos e vinte mil descendem de gregos, e só oitenta mil de turcos. A religião dominante é a ortodoxa, em segundo lugar surgindo a maometana.

◆ **A IMPORTÂNCIA DE MAKARIOS** — O arcebispo Makarios assume, no momento, papel de grande destaque porque, a bem dizer, é o verdadeiro chefe, quer espiritual, quer temporal, do povo cipriota. Como chefe espiritual, só rende obediência ao Papa Pio XII. Como temporal, não conhece superior, de vez que se rebelou contra a administração britânica. Postando-se à frente de seu povo na luta pela independência, o arcebispo arrastou todo o clero para a causa nacional, e assim, é quase que uma «Guerra Santa» o que os inglêses estão enfrentando em Chipre.

◆ **OS ACONTECIMENTOS** — Há meses que atos de sabotagem e de terror vêm se sucedendo, na ilha. Os inglêses, a princípio, não lhes emprestavam muita importância. Nos últimos tempos, porém, os fatos assumiram proporções tão alarmantes, que foram necessárias severas reprimendas, de parte da administração da ilha. Inúmeros cidadãos, acusados de terroristas, foram parar na cadeia ou no degrêdo. Uma aldeia, acusada de atiçar contra os inglêses o ódio dos cipriotas, foi multada em 600 esterlinos. E, há cêrca de duas semanas, Makarios, cuja coragem não pode ser posta em dúvida, foi deportado para as ilhas Seychelles, no Oceano Índico, em companhia de vários outros religiosos.

◆ **A POLÍTICA BRITÂNICA ESTÁ ERRADA** — Quer nos parecer que a Grã-Bretanha está tomando o caminho errado, no caso de Chipre. Há tempos, haviam chegado a bom têrmo as negociações entre os inglêses e o arcebispo. Naquela ocasião, ficara estabelecido que uma Constituição seria outorgada à ilha. Depois, porém, os acontecimentos se precipitaram.

Há pouco, no Parlamento inglês, foi severamente criticada a atuação do Foreign Office no caso Chipre. Dizem os deputados da oposição que, se a Grã-Bretanha ainda deseja manter suas possessões no Oriente Médio, deve utilizar novos métodos, que não o do brutal colonialismo do século passado. Aconselhavam, então, a entabolação de um novo acôrdo entre os britânicos, e os cipriotas de Makarios. Agora, porém, com a deportação do arcebispo — deportação que foi o rompimento final entre os cipriotas e a Grã-Bretanha, e que determinou monstruosa greve de trabalhadores na Grécia —, haverá possibilidade de solução pacífica?

◆ **A «ENOSIS»** — A posição estratégica da ilha é o grande problema com que tem de se defrontar a Grécia para a consecução da «Enosis», querida tanto pelos cipriotas como pelos helênicos. O caso é que Chipre, estando tão próxima à Turquia, é de suma importância para essa, que mantém tratados com a Grã-Bretanha sôbre a administração da ilha, e que não vê com bons olhos a mudança de patrões. Ainda mais quando tais patrões são os gregos, tradicionais inimigos dos otomanos...

EIS O CHEFE nacionalista cipriota, arcebispo Makarios. Makarios foi acusado pela Grã-Bretanha de ser o cabeça da rebelião. Detido, foi em seguida exilado, com o bispo de Kyrenia, para as distantes ilhas Seychelles. Essas ilhas, situadas no Oceano Índico, foram descobertas por Vasco da Gama em 1502, e já se chamaram «Ilhas do Almirante». Os portuguêses não a exploram. Os franceses a ocuparam em 1742, retirando-se com a entrada dos inglêses em 1810. Tôdas as ilhotas reunidas, têm 117 kms. quadrados de extensão, e uma população de apenas 40 mil habitantes.

EU SEI TUDO

DE ABRIL

- LEITOR, VOCÊ É UM MILAGRE!
- A TERRA CHAMANDO MARTE...
- O SAL, ESSA MARAVILHA!
- O ASSASSINO QUE TINHA CONSCIÊNCIA
- OS MISTÉRIOS DA ÁGUA
- COMO A PALESTINA SE TORNOU A "TERRA SANTA"
- COMÉDIA E DRAMA NO REINO ANIMAL
- A CONSTITUIÇÃO CARBÔNICA

REDAÇÃO

RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

PREÇO

Cr$ 10,00 EM TODO O BRASIL

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 31 DE MARÇO E 6 DE ABRIL DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não force a situação nem precipite os acontecimentos. Deixe as coisas correrem naturalmente. Será muito melhor assim. Seu próprio automatismo se encarregará do encadeamento necessário das suas atitudes.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Os nossos atos se exercem em função do nosso destino. O leitor enfrentará uma semana cheia de fatos relacionados ao seu futuro, encontrando-se, entre os mesmos, a aquisição de novas e úteis amizades.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O novo período não será bom para viagem, para mudanças e para a tomada de posições. No seu caso o melhor é deixar passar a onda cósmica dos sete próximos dias. Não tome atitudes nem iniciativas quaisquer.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor terá uma semana altamente favorável aos seus negócios e à vida doméstica. Tudo lhe correrá a contento, havendo motivos, mesmo, para íntimas e intensas satisfações.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Adie para outra oportunidade, a constituição de firma ou a organização de sociedade comercial ou industrial. O que se fizer na vigência da semana entrante não frutificará. Tome suas precauções.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Aproveite a oportunidade que lhe vai ser oferecida para dar corpo às idéias e realizar os projetos já amadurecidos. O novo período será um dos mais fecundos do ano, no caso do leitor. Tire o maior partido.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A semana lhe proporcionará um clima astrológico muito equilibrado, sob o ponto de vista financeiro. Os acontecimentos, na ordem doméstica e social, serão os mais promissores, havendo chance pronunciada no que disser respeito aos seus negócios.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Dê tôda atenção ao que disser e ao que fizer nos três últimos dias da semana em pauta. Seus inimigos andarão alvoroçados e até mesmo os amigos poderão traí-lo. Não confie demasiado nem faça confidências, nos três mencionados dias.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O novo período será de prorrogações, de adiamentos. Nada do que houver programado para a próxima semana, terá realidade. Os dias 1, 2 e 3 de abril serão bem favoráveis à vida sentimental e às reconciliações.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Nenhum acontecimento substancial agitará sua vida no curso da próxima semana. Entretanto, notícias do maior interêsse e de tôda oportunidade poderão chegar, notadamente nos três últimos dias do novo período.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A semana terá um ar de espiritualidade. O leitor se sentirá inspirado e terá sonhos mais ou menos proféticos. Dê sua particular atenção ao sentido dos mesmos. Êles bem poderão orientá-lo na solução de um caso pendente.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Haverá forte ameaça de desentendimento doméstico ou conjugal, logo no início da semana. Se puder controlar os nervos, o perigo será conjurado, pois a provocação será levada a efeito, pelo leitor.

◆ **OS NOMES DA SEMANA**

Março, 31	—	Heitor	—	Lindalva.
Abril, 1	—	Suetônio	—	Minervina.
" 2	—	Ernesto	—	Ernestina.
" 3	—	Raimundo	—	Wanda.
" 4	—	Delmiro	—	Aída.
" 5	—	Sálvio	—	Clotilde.
" 6	—	Clóvis	—	Matilde.

◆ **EFEMÉRIDE DA SEMANA**

(Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich)

Março, 31	10° 55' 65"	(Signo dos Peixes)
Abril, 1	11° 44' 05"	(" " ")
" 2	12° 43' 15"	(" " ")
" 3	13° 43' 22"	(" " ")
" 4	14° 41' 28"	(" " ")
" 5	15° 40' 32"	(" " ")
" 6	16° 30' 34"	(" " ")

DOMINGO, 1º DE ABRIL DE 1906

AS CARREIRAS FEMININAS

«... Embora pareça uma affirmação paradoxal, o certo é que a evolução feminista tem um caracter accentuado de ordem economica. Pode formular-se dizendo que na somma do rendimento a parte do capital tende cada dia a diminuir enquanto o trabalho se torna cada vez mais preponderante.

Isto é, o intervirem as mulheres na vida social, como elemento activo, faz com que o trabalho se diversifique, alastre, atacando d'uma maneira directa as grandes acumulações do capital.

No Brasil progride-se lentamente; mas, já se podem citar muitas tentativas felizes, e confiamos que n'um futuro mais proximo irão desapparecendo os preconceitos dando-se entrada á mulher nos grandes centros industriaes. De há muito sem que ninguem extranhe, occupam honrosos logares nos telephones e correios, e algumas fizeram com êxito cursos superiores.

Comparando o nosso avanço com os exitos dos paizes estrangeiros, a nossa desproporção é enorme, mas não ha motivos para desanimar, pelo contrario deve servir de guia e de estimulo para aproveitar o verdadeiramente util, pondo de lado todo o ridiculo e pretencioso.

Em França ha 83 mulheres medicas, 18 dentistas, uma douctora oculista, 13.496 «institutrices» e 642 herboristas.

Nas bellas artes, só na America é que se conhecem mulheres exercendo as funcções de architecto. A musica cultiva-se muito e Paris tem 4.000 compositoras executantes e professoras, e metade ensina canto, piano e solfejo. Desde a lei de novembro de 1899 que autoriza as francesas a exercerem a advocacia, inscreveram-se duas mulheres no Palacio da Justiça, defendendo réos em audiencia publica.

A Inglaterra, que é o paiz onde se realizam mais rapidos progressos, fundou outra carreira feminina, creando um collegio de horticultura em Stanley.

É, porem, evidente que pouco e pouco chegaremos a fazer parte d'essa corrente positiva que afasta a mulher dos caminhos falsos, e dando-lhe o verdadeiro sentido de vida, livra-a dos males em que poderá cahir, mais pelo vicio, que pela miseria ou ignorancia».

O PRIMEIRO CARDEAL DA AMÉRICA DO SUL

«... Em aguas brasileiras vem já singrando o navio portador do mensageiro das bençams que o successor de S. Pedro manda ao Brasil, como uma prova de particular affecto de Sua Santidade, pela Terra de Santa-Cruz.

Nol-as traz o Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, coberto de rubra purpura symbolica da Fé ardente que a Eminencia synthetisa, de toda uma nação inteira.

Não é sem justificado contentamento que a catholicidade brasileira, pois, se agita para receber o primeiro Cardeal da América do Sul, em quem distinguiu Sua Santidade o Papa Pio X os povos neo-latinos do Continente de Colombo e especialmente o Brasil.

Grandes festejos estão preparados para a recepção de Sua Eminencia de regresso á sua archidiocese, embora não possam elles revestir-se do maior brilhantismo que se lhes quiz dar, por chegar na Semana da Paixão.

De remota e alta linhagem descende o sr. D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, cuja nobre parentela acha-se espalhada pelo Brasil, Hespanha, Portugal e Italia, ocupando saliente e brilhante posição social.

Ha sangue nobre portuguez nessa familia fidalga: sendo o Arcebispo do Rio de Janeiro oriundo em linha recta, de Jeronimo de Albuquerque, nobre portuguez, vindo de Pernambuco, no anno de 1535.

Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro

D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti é o setimo filho de Antonio Francisco de Albuquerque Cavalcanti e D. Marcolina Dorothéa Cavalcanti de Albuquerque, tendo nascido a 17 de janeiro de 1850, na cidade de Olinda.

CONGRESSO PAN-AMERICANO NO RIO

"...A Conferência Internacional de Algeziras, os sucessos da Russia, a greve dos mineiros na França e as crises ministeriais que se deram ùltimamente em alguns paises, mudando radicalmente a situação politica de diversas nações importantes, perderam o cunho da atualidade para a imprensa européia, que hoje se ocupa de preferência do Congresso Pan-Americano, a reunir-se no Rio de Janeiro no mês de julho próximo."

A PREFEITURA E OS BURACOS

"...Não podes, minha comadre, fazer uma idéia do que seja aqui, na cidade, uma rua em que se tem de renovar o calçamento. Pedras, lama, pedaços de táboas, de ferros velhos, destroços de tudo, um verdadeiro bazar de coisas impossiveis... E termos de aturar tudo isso, Deus sabe por quanto tempo, maximé se sobrevier alguma turra entre a Prefeitura, a City e a Inspetoria de Obras..."

INDÚSTRIA DO CONTRABANDO

Trecho de "Cartas de um Tabaréo", secção de comentários que a "Revista" apresenta, semanalmente, em suas paginas:

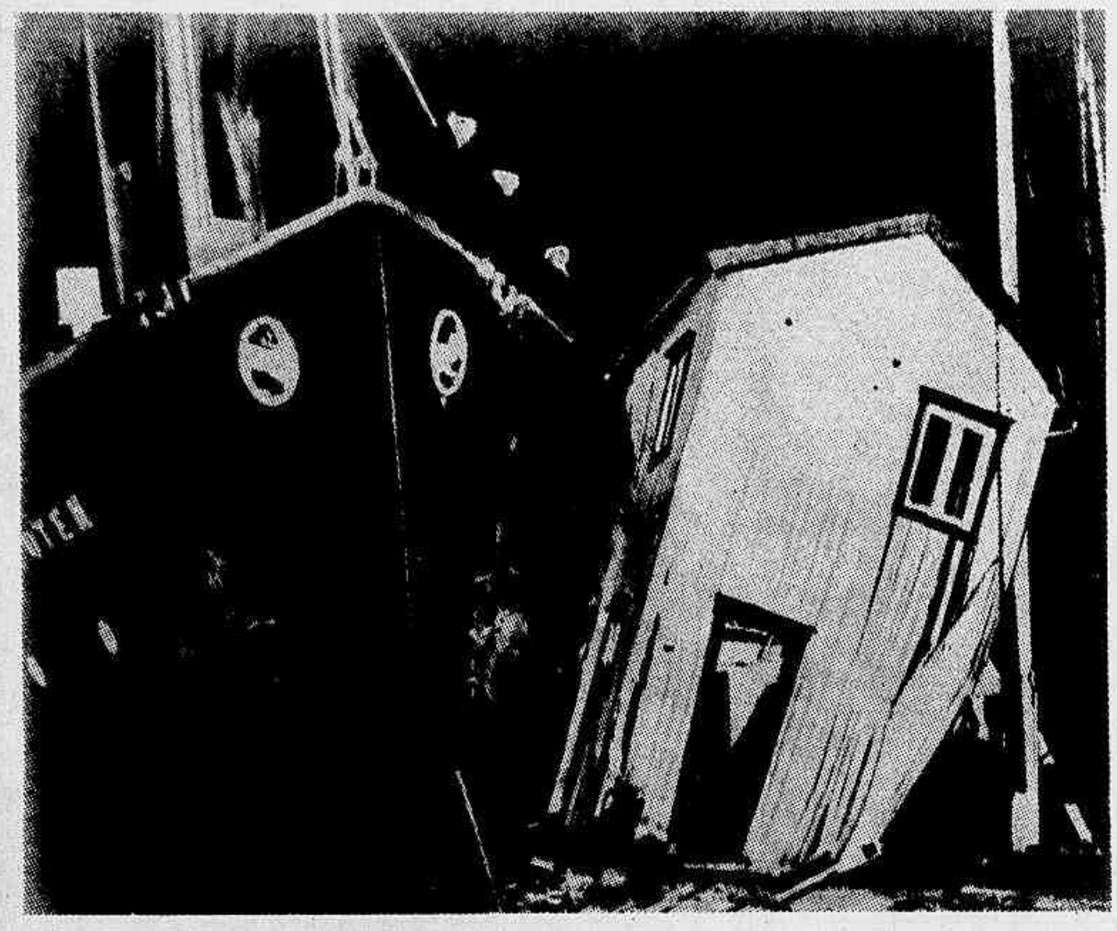
"...Parece que certas mudanças operadas no apparelho administrativo muito contribuiram para a azafama que se nota nos arraiais contrabandistas e infractores do regulamento de consumo... É evidente que o contrabando nesta cidade foi erigido em industria para muitos individuos e individuas, que a muita gente parecia bons moços e boas pessoas, de boas rodas, etc..."

O «TOURISTE» AFFONSO XIII

...«O Rei Affonso XIII que, desde a proclamação de sua maioridade se dedica especialmente á vida de «touriste», acha-se actualmente nas ilhas Canarias, recebendo as homenagens de seus subditos e da grande colonia britannica dessas possessões hespanholas. Ao jovem Soberano devem ser muito gratas essas demonstrações de affecuoso respeito, porém, seu coração de moço namorado, achar-se-á ainda mais impressionado com a delicada lembrança de sua gentil futura, de enviar-lhe ramilhetes de flores naturaes a todos os portos onde chega o augusto viajante.»

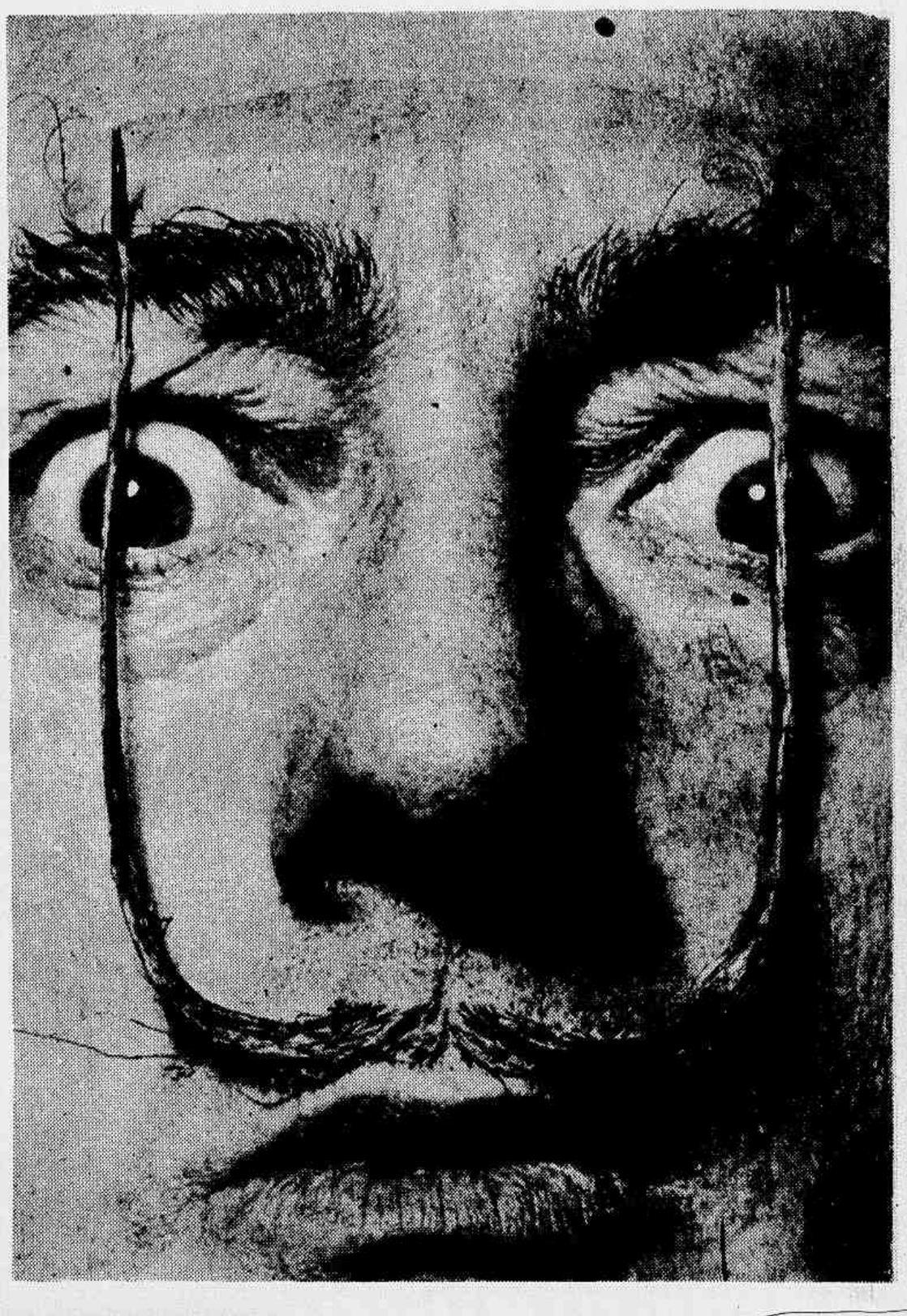
AGITAÇÃO ENTRE OS MUSSULMANOS

...«No Imperio do Maghzen começa a manifestar-se perigosa agitação entre os mussulmanos refractarios á reforma social e administrativa que actualmente discutem os delegados á Conferência de Algeziras. Os mais influentes «caids» pregam a guerra santa contra o estrangeiro, levantando milhares de fanaticos mouros. As consequencias dessa effervescencia podem ser muito graves, se as potencias não tomarem suas precauções oportunamente. Numerosas hostes preparam-se para atacar Tanger no caso em que a policia franco-hespanhola seja instalada nos portos marroquinos.»

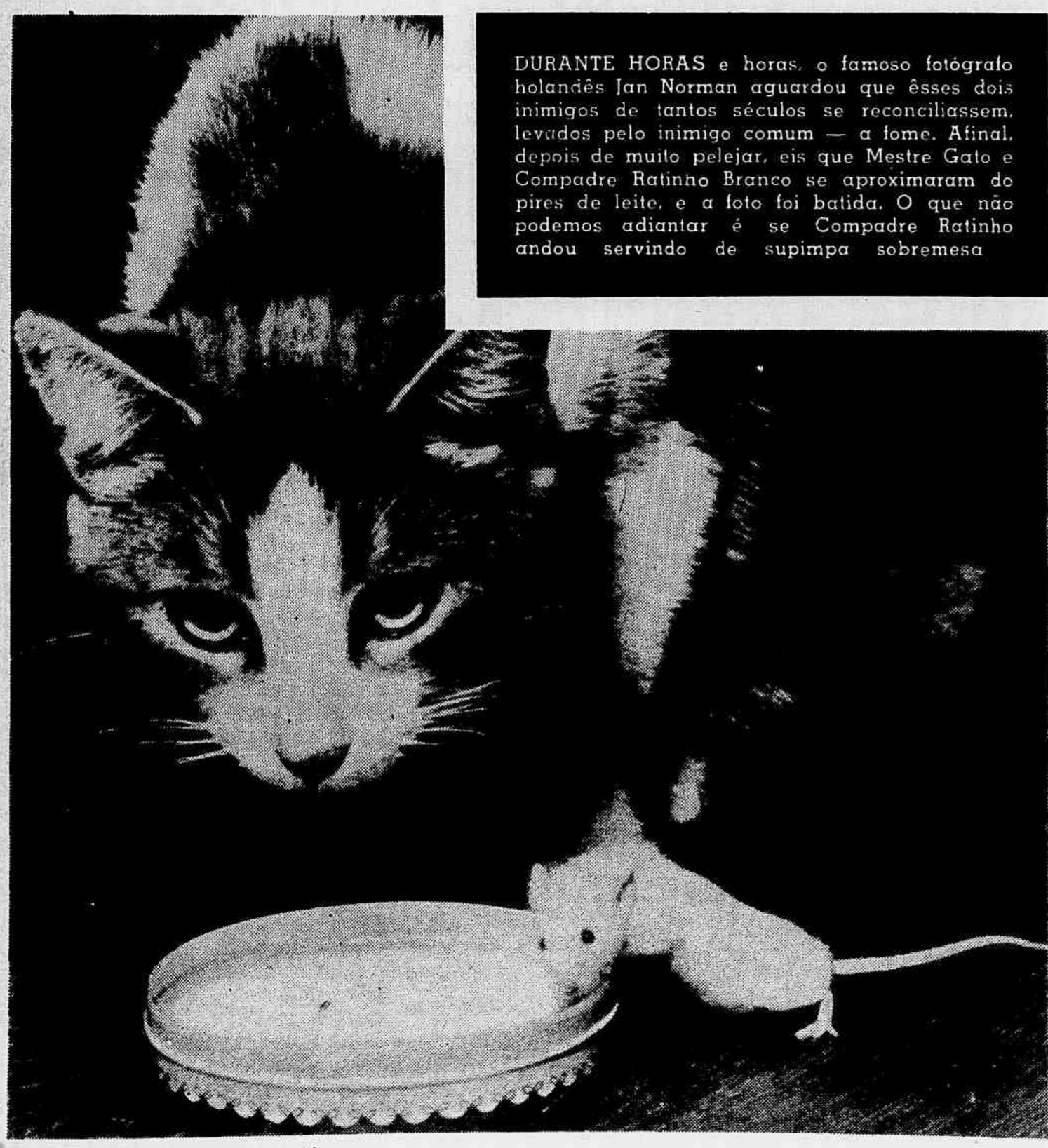


POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

NUNCA o inverno fôra tão rigoroso como êsse ano, na Europa. Que dizer então do frio norueguês? Ali, êsse pesqueiro foi atirado pelas ondas revoltas de encontro a uma aldeia de pescadores.



SALVADOR DALI e seus bigodes, em foto espetacular. A revista de onde a tiramos dava-o como famoso pintor «sul-americano». Ora, todo mundo sabe que o pintor Dali, não é, positivamente, daqui.



DURANTE HORAS e horas, o famoso fotógrafo holandês Jan Norman aguardou que êsses dois inimigos de tantos séculos se reconciliassem, levados pelo inimigo comum — a fome. Afinal, depois de muito pelejar, eis que Mestre Gato e Compadre Ratinho Branco se aproximaram do pires de leite, e a foto foi batida. O que não podemos adiantar é se Compadre Ratinho andou servindo de supimpa sobremesa

GWENN MOFFAT — que acima vemos no cume de um elevado monte do Himalaia, lendo possìvelmente seu testamento —, tem apenas 31 anos, mas já é considerada a maior alpinista feminina do mundo. Acaba de participar de uma excursão ao Kulu-Lahul-Spiti, chefiando 5 outras, dispostas a conquistar o monte.

EVAN GORGA foi um célebre tenor, de há muito retirado do palco lírico — mais precisamente: há 57 anos. Retirou-se, não porque já lhe faltasse voz, mas porque desejava dedicar-se, por completo, à fabulosa coleção de instrumentos musicais que principiou ainda moço, trazendo, de cada país onde cantava, tambores e buzinas, flautas e rústicos violinos. Hoje, a Coleção Gorga, que desde 1929 pertence à Itália, é uma das maiores, no seu gênero, em todo o mundo. Eis o velho prof. Gorga, acima, e um recanto da Coleção, abaixo.

A RAINHA Elizabeth há pouco visitou a Nigéria, bem como outras possessões britânicas na África. Na Nigéria, inúmeras homenagens lhe foram prestadas — tocantes demonstrações de fidelidade, de um povo valente e valoroso. Eis uma dessas homenagens, quando o bispo de Lagoss e o da África Ocidental Inglêsa, lado a lado, cumprimentavam a rainha do Reino Unido.

★

EIS O CAPITÃO Vika Kovelenko, um dos inúmeros oficiais do sexo feminino com que conta a fôrça aérea soviética. Assim aparecerá a conhecida atriz Katherine Hepburn em seu próximo filme, «Nor for Money», que tem por motivo o sacrifício das mulheres russas, que são obrigadas a trocar sua feminilidade pelas tarefas masculinas.

PROSSEGUEM ativamente os preparativos, para o Ano Geofísico Internacional a principiar em junho do ano vindouro. Americanos e russos efetuam pesquisas e experimentos nas regiões polares. Muito breve, foguetes como o da página ao lado partirão em direção ao desconhecido.

O MUNDO CORRE PARA OS PÓLOS

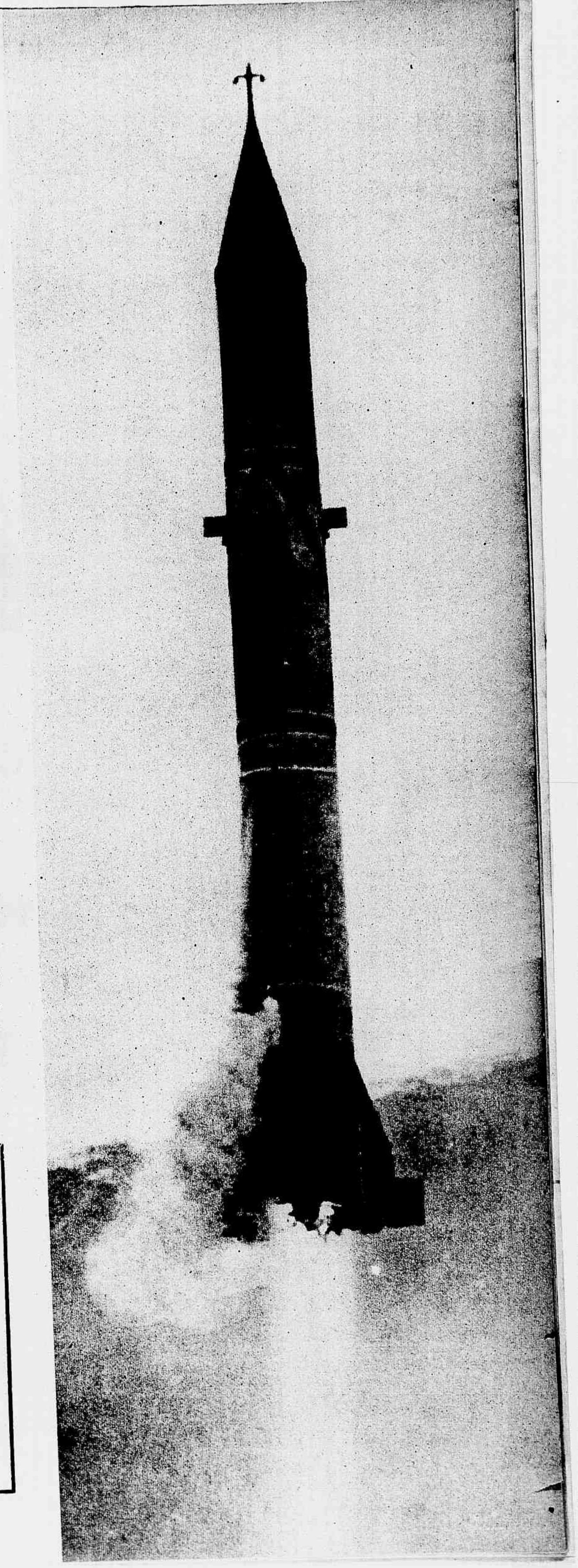
Texto de fotos de ROBERT VIGIU

(Exclusividade para a REVISTA DA SEMANA)

QUANDO o almirante Chester Nimitz pela primeira vez regressou do pólo sul, isto em 1910, não êle, mas os homens que o acompanhavam criaram em tôrno da expedição uma espécie de lenda. Para êles, o inverno permanente, as geleiras inertes e o atemorizador manto da noite infinda encobriam fantásticas histórias de «homens da neve», monstros do gêlo e esquimós sedentos de carne humana. Os jornais se enchiam daquelas histórias de mil e uma noites, e comentavam com parcas provas o que destilavam os expedicionários. Um desmentido do próprio almirante se fêz necessário, mas, feito de modo impróprio, causou mais estranheza do que esclarecimento. Disse com efeito o almirante que não foi possível ao «corta-gêlo» em que viajava embicar pela neve, no pólo sul. Perdidos estiveram doze dias e doze noites, guiando-se pelo radar e pelos instrumentos de goniometria. Nada descobrira e mal sabia, na certa, exatamente onde estivera. Não vira fantasmas nem monstros, — isso não —, mas a neblina permanente não permitia que se olhasse palmo adiante do nariz. Êsse desmentido, eivado cremos nós de taciturnas revelações, veio complicar o que já se dizia inverídicamente.

Ao examinarem o relatório deixado no almirantado pelo chefe da expedição de 1910, as autoridades norte-americanas não esconderam sua apreensão ante as dificuldades apresentadas no documento, que pareciam mesmo insuperáveis. Mas o espírito de aventura do povo norte-americano, responsável, aliás, pelos seus progressos além-fronteira, fêz com que se estudasse desde logo uma segunda expedição, não integrada por dois navios, como a anterior, mas por 8 belonaves, 4 de guerra e 4 tècnicamente aparelhadas, além de copioso material aero-transportado, tais como aparelhos de rádio portátil, câmaras de estufa e combustível.

DE 1910, ATÉ AOS DIAS PRESENTES, PASSANDO PELA EXPEDIÇÃO DE BYRD, EM 1929, TUDO O QUE SE FÊZ, NO PÓLO SUL, FOI APENAS UMA SÉRIE DE PREPARATIVOS PARA O GRANDE ANO INTERNACIONAL GEOFÍSICO, A INICIAR-SE EM 1957 ★ RUSSOS E AMERICANOS LANÇAR-SE-ÃO À CONQUISTA DO UNIVERSO



O MUNDO CORRE PARA OS PÓLOS

FOTOGRAFIA aérea tomada no dia 14 de janeiro último, na Antártica. Mostra a «Pequena América», onde um grupo de cientistas se prepara para o inverno, que se aproxima. Por enquanto, tudo é tranqüilo. Em 1957, aí serão efetuados experimentos de valor capital para a conquista do Universo.

Lançamentos diários de pára-quedas luminosos com alimentos, medicamentos e finalmente pára-quedistas adrede preparados, estabeleceram a primeira cabeça de ponte no seio do pólo sul, onde nenhum outro homem, a não ser Fernando Magalhães em sua famosa viagem, já pisara. Isso aconteceu em 1929, sob a chefia do almirante Richard Byrd. O desbravador do Pólo Sul, assim podemos dizer, conseguiu no «verão» polar estabelecer dois postos avançados, e ali fixou a bandeira dos Estados Unidos da América. Descobria-se a «Little America», como chamaram à região.

Nem oito meses depois, eis que os argentinos, com duas pequenas fragatas, ali também estabeleciam seu primeiro acampamento, afastado alguns minutos de avião da Pequena América. Um ano e 4 meses após, eis que os russos, também autorizados pela Associação Internacional de Pesquisas Inter-Planetárias, com sede em Helsinque, conseguiam chegar ao Pólo Sul, depois de terem instalado duas estações militares no extremo oposto — o Pólo Norte.

Já então o almirante Byrd, que ali fixara seus postos, retornara mais duas vêzes, com novas instruções. Existia, desde então, no Departamento de Defesa dos EE. UU., um bem organizado arquivo sôbre as reações do ambiente à vida humana natural, natureza da atmosfera e meios de sobrevivência polar.

Êsses estudos, feitos por antecipação, encontraram na realidade as esperadas reações das autoridades. Tudo estava previsto como os cálculos das probabilidades científicas. Não havia mais que erros pequeníssimos de tempo, duração, etc... Mas para que serviriam êsses experimentos? Que importância teria para o homem sondar os extremos gélidos do planêta terráqueo? Que intenções teriam russos e americanos nas terras mais próximas do continente sul, propriedade natural dos argentinos? A pergunta se fêz demorar, mas a resposta foi pronta: **Daqui partirá a ciência para sua exploração universal!**

Era o que logo se chamou de ANO GEOFÍSICO INTERNACIONAL.

O QUE É O ANO GEOFÍSICO

A iniciar-se em primeiro de junho de 1957, durando 365 dias até 1958, o Ano Geofísico Internacional foi convencionado por cientistas de onze

O TRANSPORTE DE TROPAS, DE NACIONALIDADE RUSSA, ESTÁ DESEMBARCANDO MATERIAL PARA PESQUISAS CIENTÍFICAS NO PÓLO SUL.

UM URSINHO polar, sendo acariciado por alguns oficiais e cientistas russos, que andam ativos pelas regiões polares, efetuando uma série de experiências. Os russos estabeleceram-se de há muitos anos na Antártica.

países, que vêem na sua realização, a unidade internacional de assuntos nucleares aplicados na exploração do ambiente universal.

A psicose coletiva dos chamados «Discos Voadores», a animosidade dos cientistas decanos das conceituadas Universidades de lá e de cá da Cortina de Ferro contra a existência dêsses aparelhos alucinantes, fêz com que outros cientistas, também de renomadas qualidades, pensassem um pouco mais no Universo que nos circunda, e sentissem que a vida não é privilégio dêsse nosso planêta, contrariando tôdas as teses oriundas da teologia. Deveria haver vida animada em outros planêtas. Fotografias telescópicas da Lua e de Marte mostravam que rios e até canais engenhosamente preparados existiam, como no caso dêsse último planêta. A Lua era a ambição do homem. Desde Kublai Khan que o ser vivente pensa em dar o satélite da terra para a mulher amada, como presente mais rico do universo. E por que não?!...

Foi pensando assim, e baseados em estudos que não ousamos descrever a nossos leitores por serem enfadonhos, ao mesmo tempo que complexos, que os cientistas e naturalistas de países, resolveram engendrar os meios de sair da terra em explorações inter-planetárias. Proliferaram os desenhos fantásticos de foguetes, «discos», balões de sondagem e aviões tele-guiados, ao mesmo tempo que o govêrno de Washington abria créditos de milhões de dólares para experimentos dessa natureza. Agora, chegaram, segundo dizem, à perfeição. Querem pôr à prova tudo o que imaginaram. Idearam a condução à Marte. Vão tentá-la. Ao menos a certeza de obterem fotos concretas de junto da Lua possuem. Surgiu o que chamaram então a operação «Deepfreeze» (Congelamento). É preciso que daqui por diante fujamos da narrativa pura e simples do que será o Ano Geofísico, para que alguns detalhes técnicos sejam transmitidos aos nossos leitores, até hoje afastados da realidade que daqui a um ano abalará talvez os quatro quadrantes da terra.

A operação «Deepfreeze» é usada já há alguns anos em todo o mundo, como processo de medicina cirúrgica. Usada em atos cirúrgicos, consiste em congelar-se os membros doentios até a insensibilidade total, para depois amputá-los. Essa mesma operação é aplicada na indústria siderúrgica, onde as melhores ligas metálicas só se solidificam a temperaturas baixíssimas, depois do processo pirométrico das elevadas fusões. Os foguetes e projéteis tele-guiados usados atualmente, necessitam de várias cargas de propulsão adicionais, que são expelidas alguns minutos após a partida dêstes. Com o clima gélido em baixo, e temperatura fria até milhares de metros, se impedirá que êsses foguetes adicionais fundam a matéria original, que prosseguirá queimando depois da ionosfera. Daí a vantagem dêsses lançamentos do Pólo Sul, que por incidência geográfica impedirá que qualquer foguete retorne em condições de periculosidade para centros populosos. Uma série de outros fatôres mais complexos e de natureza eminentemente técnica, levaram os cientistas a escolher o Pólo Sul para ponto de partida de seus experimentos.

Há ainda o fator tempo, que os homens de ciência admitem como de suma importância. Haverá a necessidade de noites mais longas para observar êsses foguetes em pleno trajeto. O inverno polar permitirá êsse detalhe. Enfim, o sacrifício quase inumano de se chegar ao Pólo Sul e ali plantar bases e acampamentos, tem mais que sua compensação; fatôres múltiplos que garantirão o pleno sucesso dêsse Ano Físico. A atividade americana de quase 30 anos no Pólo Sul e a arrancada dos russos para não ficarem atrás de seus oponentes em tudo, talvez representem a maior segurança de que a perfeição será o móvel de tôda essa grita que se faz em tôrno do Ano Geofísico.

(Continua no próximo número)

A OPERAÇÃO «DEEP-FREEZE» JÁ PRINCIPIOU. EIS UM GRUPO DE CIENTISTAS E OFICIAIS, QUANDO DEIXAVAM A BASE PARA RECONHECIMENTO.

◆ **RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA** — A infelicidade de Elizath de Austria, filha do Duque Max da Baviera e espôsa do Imperador Francisco José, apenas diminui quando a ainda jovem e bela, porém algo doentia Imperatriz se põe a viajar. Suas viagens são numerosas, e prolongadas. Uma dessas últimas viagens, por exemplo, a levou a um tranqüilo sítio da Normândia, onde a figura pálida e elegante da nobre, montada em sólido cavalo, em breve passou a ser notada por todos os camponeses. O que de início era porém admiração, cedo transformou-se em aberta oposição, de vez que em suas constantes excursões Elizabeth não respeitava as plantações dos homens humildes que vivem justamente do cultivo dos campos. A tal ponto chega o conflito entre a Imperatriz e os camponeses, que a Embaixada Austríaca em Paris é obrigada a intervir. Pouco depois de serenados os ânimos, Elizabeth sofre uma violenta queda do cavalo, e passa alguns dias entre a vida e a morte. Então, manifesta-se de maneira generosa a boa índole dos camponeses normandos, que todos os dias levam flores para a real enfêrma, e que chegam até mesmo a solicitar ao pároco que não toque os sinos de sua capelinha, para não perturbá-la.

Por ROBERT VERNON (IX) Desenho de RAMÓN

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone

ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

SOUBE acaso Fritz Pacher a exata identidade da mulher com a qual uma noite de carnaval dançou? A correspondência entre ambos, que de início começara com ímpeto, em seguida se espaça mais e mais, terminando por cessar totalmente. Contudo, até ao fim da vida o velho funcionário conservará preciosamente algumas das cartas que «Gabrielle» lhe enviara, nunca se apagando de seu espírito a figura da dama misteriosa pela qual se apaixonara imediatamente em pleno baile. No crepúsculo da existência, muitas vêzes, no pequeno hotel em que se unia a seus amigos, êle narrava a sua história, cujo mistério jamais conseguira penetrar. O nome de Gabrielle, em tais ocasiões, lhe saía dos lábios qual se fôra um suspiro. Quanto a Elizabeth, nunca mais ela falou do jovem, nem mesmo a Ida, sua querida confidente, que de tal modo desaprovara a imprudência que a Imperatriz cometia cada vez que escrevia a Fritz, que, até ao fim da vida, a cada vez que evocava essa aventura de baile de máscaras, seu coração se acelerava assustadoramente...

●

1875 é um ano rico em acontecimentos. Elizabeth continua a levar sua vida habitual, porém, segundo o que se comenta nas mais longínquas côrtes da Europa, seu estado quer físico, quer moral, torna-se algo inquietador. Recusa-se ela, obstinadamente, a cumprir o protocolo da côrte austríaca. Sua revolta surda, contudo, se manifesta, já agora, de maneira mais violenta e exterior. Laços de afeição sincera a unem ao marido, mas encontram-se afrouxados, e se os cônjuges, na correspondência que trocam, ainda empregam frases cheias de ternura, não é menos verdade que tais frases são as últimas chamadas de uma fogueira de amor prestes a extinguir-se. Não há coisa alguma que consiga manter quieta, por alguns momentos, a Imperatriz: voltou-lhe a sêde antiga das viagens, e o céu claro, as magníficas praias cheias de sombra de laranjeiras, e as doces colinas da Normandia exercem sôbre sua mente poderosa atração. Pela primeira vez na sua vida, ela manifesta igualmente o desejo de conhecer Paris, mas, dessa vez, seu projeto encontra uma resistência obstinada de parte de Francisco José. Ao simples pensamento de que atualmente uma República é que rege os destinos da França, Francisco José estremece. Porque êsse semi-tirano vê, na vitória do regime democrático em França, a vitória da desordem. Para êle, um Estado que não tem à sua cabeça a figura de um monarca, corre fatalmente para a ruína e a anarquia. Crê que bandos de anarquistas percorrem em todos os sentidos as ruas de Paris, que cadáveres juncam o solo, que rios de sangue correm pela cidade. Elizabeth, ao partir, promete que não irá a Paris. Sua escolha recai então sôbre uma praia quase desconhecida, Sassetôt-le-Mauconduit, que não era procurada por ninguém da alta sociedade, mas que conservava todo o sabor da velha Normandia, com seus caminhos tortuosos, suas laranjeiras em flor, seus camponeses pitorescos. Alugou, ali, um pequeno castelo rodeado por um imenso parque, repleto de carvalhos gigantescos, e cheio de flores de tôdas as qualidades. Ali, pôde Elizabeth entregar-se com fervor à sua velha paixão, a equitação. Já seu incógnito dos primeiros dias fôra partido, e a curiosidade popular a envolvia de maneira muitas vêzes incômoda, ocasionando suas repetidas queixas:

— «As pessoas, nessa terra, são tão espantadas e mal educadas, que ontem me perseguiram de tal modo, que tive de ir, ràpidamente, de carruagem, até Fécamp, de onde voltei por via fluvial. Também quando estou a cavalo, tenho tido muitos aborrecimentos pelas estradas e nas cidades: as crianças, os cocheiros e de modo geral todos os habitantes, divertem-se em espantar meu cavalo. Quando cavalgo pelos campos, aquêles a quem não consegui impressionar — os camponeses, é claro — tornam-se por vêzes demasiadamente excessivos, em sua arrogância e grosseria».

Na realidade, eram injustas as queixas de Elizabeth. Uma vez montada, não pensava ela senão na velocidade de sua cavalgadura, e na felicidade que é sentir o vento bater contra o rosto. Então, galopava pelos campos a fora, atravessando aquelas terras que vinham de ser semeadas, e as em que as sementes, já desabrochadas, apenas despontavam à flor da terra. Sabe-se que os normandos, em tôdas as épocas, demonstraram a sua vigilância na defesa de todos os seus direitos e prerrogativas. Não podiam, pois, agüentar que uma mulher — fôsse embora uma Imperatriz da Austria — se divertisse a destruir os campos e as plantações que com tanto trabalho e sacrifício levavam o ano inteiro a preparar. E como as carreiras desabaladas de Elizabeth não cessavam, seu mau humor terminou por explodir. Essa guerra entre Elizabeth e os normandos encontrou ecos até na imprensa parisiense. O diário «L'Univers», por exemplo, nela divisou, com excesso de pessimismo, até a possibilidade de um perigoso conflito entre a França e a Áustria... A imaginação de outro redator chegou a inventar que a Imperatriz fôra insultada e perseguida por uma multidão de camponeses.

Em certo sentido, porém, as coisas não andaram boas, a ponto de o ministro da Imperatriz em Paris, Karl Linger, ter de intervir. Foi êle, com efeito, quem aplacou a ira dos camponeses, indenizando-os pelos danos causados. Foi êle, enfim, quem conseguiu que uma espécie de camaradagem viesse, por fim, estabelecer-se entre a Imperatriz e os campônios. Infelizmente, não se pode fazer calar, do mesmo modo, as más línguas que existem em tôda parte: muitas pessoas, com efeito, viam, nas estrepolias equitatórias da Imperatriz, mais um sintoma de seu propalado enfraquecimento mental

Aos olhos do próprio povo, essa mulher esbelta (Elizabeth, agora, se entregava a um regime para emagrecer), pálida como marfim, sempre vestida de maneira exótica, a galope, à cabeça um longo véu que o vento fazia ondular, acompanhada por meia dúzia de cães de olhar esgazeado, adquiria certo aspecto fantástico, incutindo ao povo um temor cheio de superstição. Um acidente que por pouco adquiria conseqüências mais trágicas veio ainda mais exacerbar êsse temor. Um dia em que, sòzinha, Elizabeth partira a cavalo, o animal terminou por derrubá-la ao solo, e voltou sòzinha para as estrebarias, no castelo. Camponeses encontraram-na tombada, sem sentidos, e a levaram de volta até sua residência. Grande era a confusão na comitiva da Imperatriz. Foi chamado o médico Viderhofer, o qual, após breve tratamento, conseguiu que Elizabeth voltasse a si, mais pálida do que nunca, lábios descoloridos, os olhos brilhando estranhamente. Ainda por algumas horas, com grande espanto de sua comitiva, ficou Elizabeth sem recobrar inteiramente suas faculdades de espírito. Longos dias transcorreram, envoltos em inquietação. Queixava-se a Imperatriz de uma terrível dor de cabeça, seus joelhos estavam inchados, e seu médico lhe implorava que consentisse no temporário sacrifício de sua cabeleira, a fim de que fôsse possível um melhor tratamento da base do crânio, atingida duramente durante a queda. Êsse acidente, contudo, teve conseqüências menores do que se chegou a temer, e ainda serviu para demonstrar a pureza da alma camponesa, que se revelou à Imperatriz de uma maneira cavalheiresca: a fim de não perturbar o repouso da enfêrma, por proposta dos próprios camponeses, o cura da aldeia deixou de tocar os sinos da capela. Singelos buquês de flores campestres, recolhidas por mãos ingênuas e oferecidas por corações sinceros, chegavam sem cessar ao castelo. E a animosidade que alguns dias antes se manifestava de maneira tão intensa, cedeu lugar à piedade, e à ternura.

Logo depois de consolidada a cura, e por instância de Francisco José, Elizabeth abandona a Normândia. Dessa vez, porém, recusa-se a obedecer os desejos de seu marido, e marcha para Paris. De qualquer maneira, ainda lhe faz uma concessão, evitando a visita de Mac Mahon, que manifestara, em Vernon, desejo de visitá-la. Passeia pelas ruas de Paris, acompanhada de Ida Ferenczi, visita os museus, os inválidos, porém não experimenta essa emoção especial que todos os turistas que pela primeira vez chegam à grande capital francesa sentem: aquelas ruas estreitas e mal iluminadas, a despreocupação dos parisienses, sua liberdade de maneiras, tão opostas à rigidez de costumes de Viena, desagradam-na fundamente. Sòmente no Louvre, diante da estátua de Vênus de Milo, ou na galeria dos pintores italianos ou holandeses, Elizabeth recupera seu antigo entusiasmo. Contudo, não chega a ter tempo de fruí-lo longamente, de vez que, de Budapest, chega-lhe a notícia de que seu grande amigo, o estadista Francisco Deak está à morte.

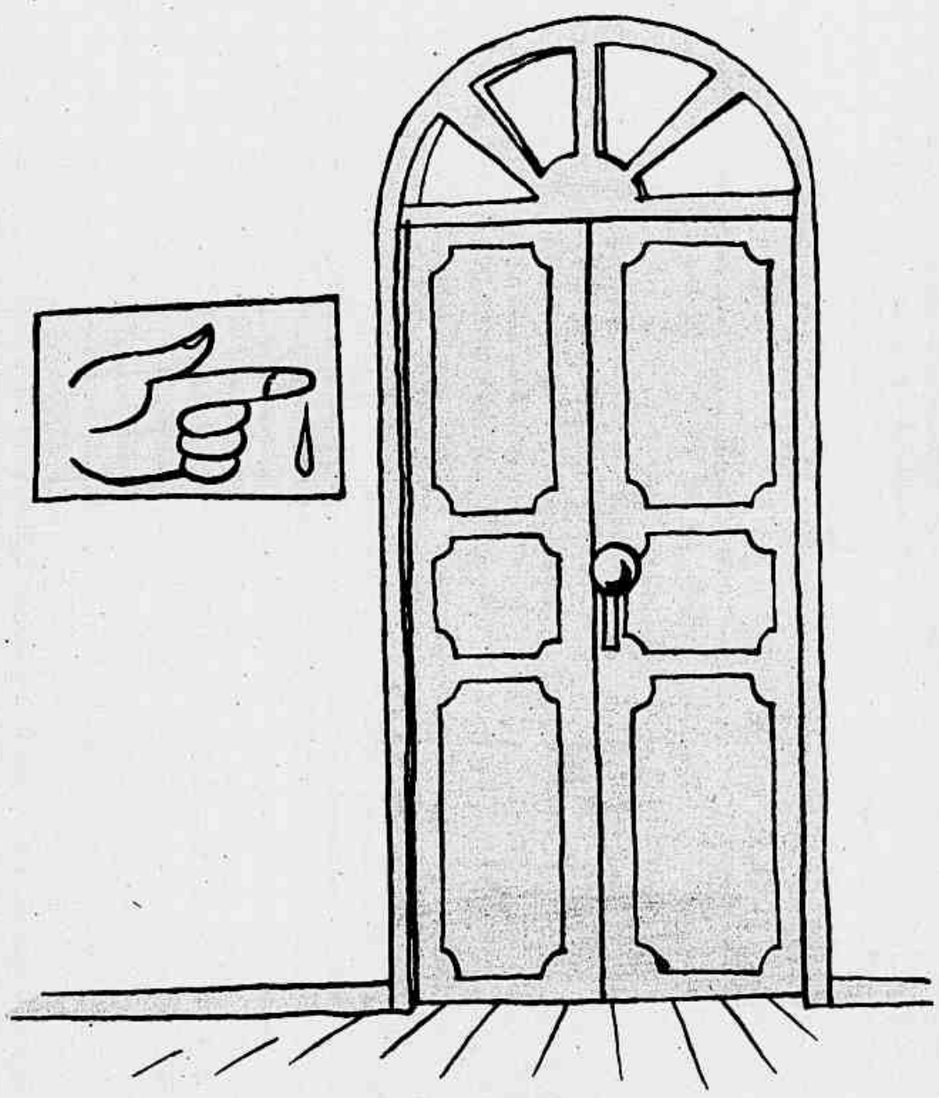
Tão ràpidamente quanto pôde, corre para Budapest, porém, não chega a tempo de encontrar, ainda com vida, o notável homem de Estado. E, como não consegue dar-lhe o último adeus, chora sentidamente a perda do amigo. Após o entêrro, continuam as peregrinações errantes, de Viena a Luxemburgo, dali a Isch. Seu mau humor manifesta-se de diferentes maneiras. Em sua companhia, apenas duas pessoas podem permanecer: sua filha Valéria e Ida. Qualquer outro rosto se lhe torna desagradável. Por vêzes, assaltam-na longas alucinações, durante as quais sua imaginação a transporta a regiões de mistério e de melancolia. Fala constantemente da morte, e, sem explicar porque, passa a invocar Jeová. Em sua fragilidade física e mental, Elizabeth ainda busca, uma última vez, atrair para si o filho Rodolfo, já então um rapazola de 17 anos, belo, forte, inteligente. Sòmente um traço de seu caráter trás em constante sobressalto e aborrecimento a perturbada mãe: sua eterna sêde de sangue, que o obriga a passar os dias a caçar, nos bosques vizinhos ao seu castelo, ou então a organizar massacres de pássaros. Constantemente dá mostras de sua incrível crueldade, lançando-se sôbre sua irmã, cobrindo-a de pancadas, arrancando-lhe os cabelos. Ousado, atira-se a tôdas as damas da côrte, e mesmo para as casadas, espôsas de figuras importantes do país. Muitas vêzes Elizabeth verifica que Rodolfo, infelizmente, possui, conjugadas, tôdas as taras dos Wittelsbach e dos Habsburgos. Rodolfo porém não quer aceitar a tutela materna, e Elizabeth, magoada fortemente, decide-se mais uma vez a deixar Viena, para dirigir-se à Inglaterra. Mais uma vez o pássaro erradia alça o seu vôo. Detém-se em Londres, visita a Rainha Vitória, porém o constante «fog» da capital inglêsa tornam-na ainda mais melancólica. Detendo-se aqui e ali, tomando parte em corridas e em recepções, Elizabeth alcança a Escócia.

(Continua no próximo número)

FORTUNA (dormindo na pontaria) APRESENTA

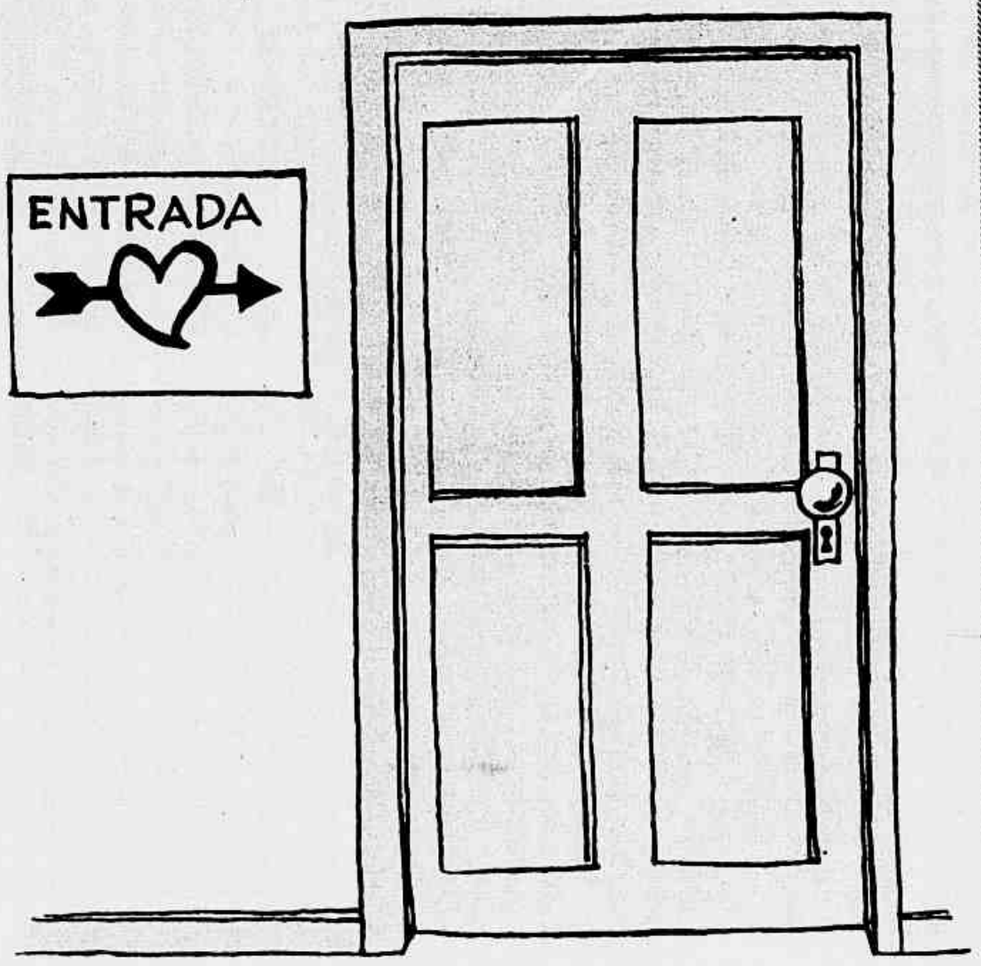
a Arte de Indicar

QUIROMANTE



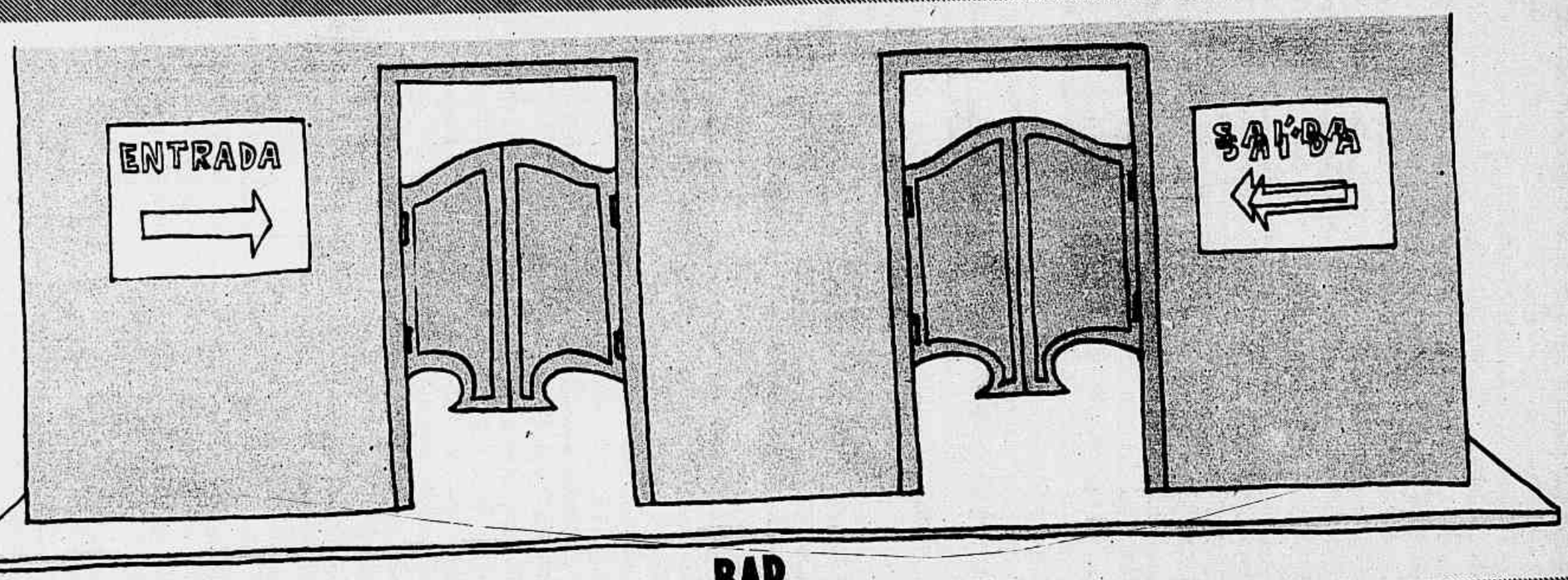
TINTA FRESCA

EDITOR

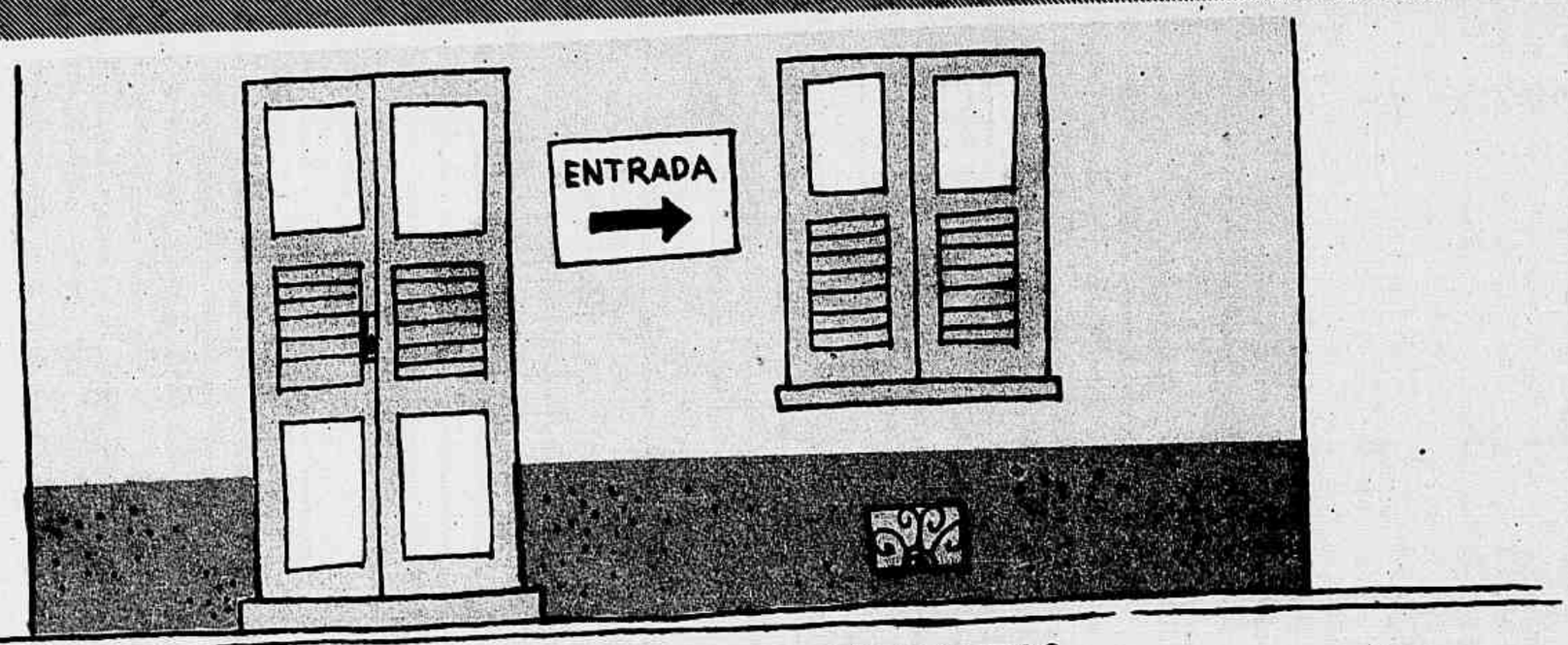


QUARTO DE HOTEL

CONCORRÊNCIA

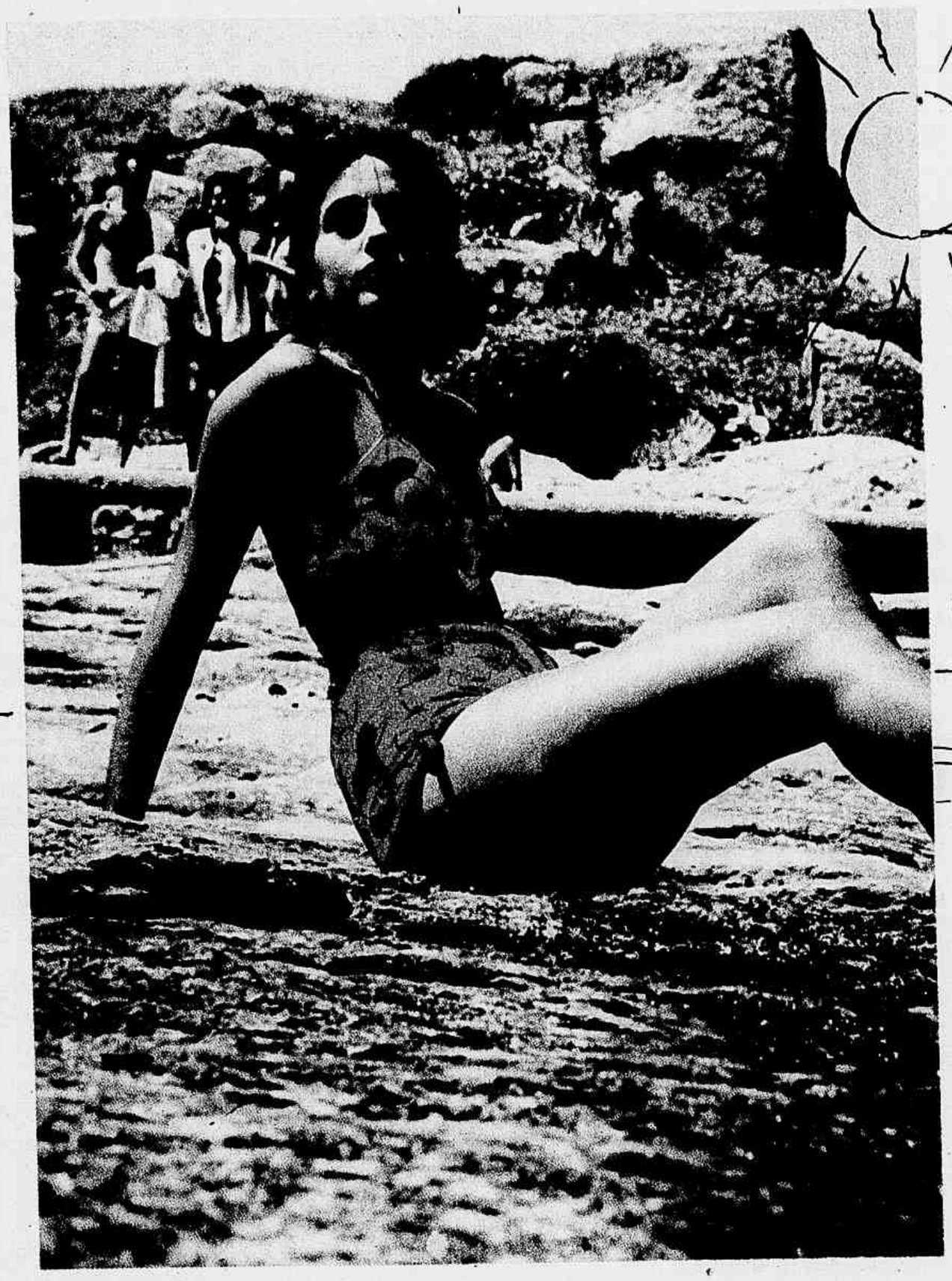


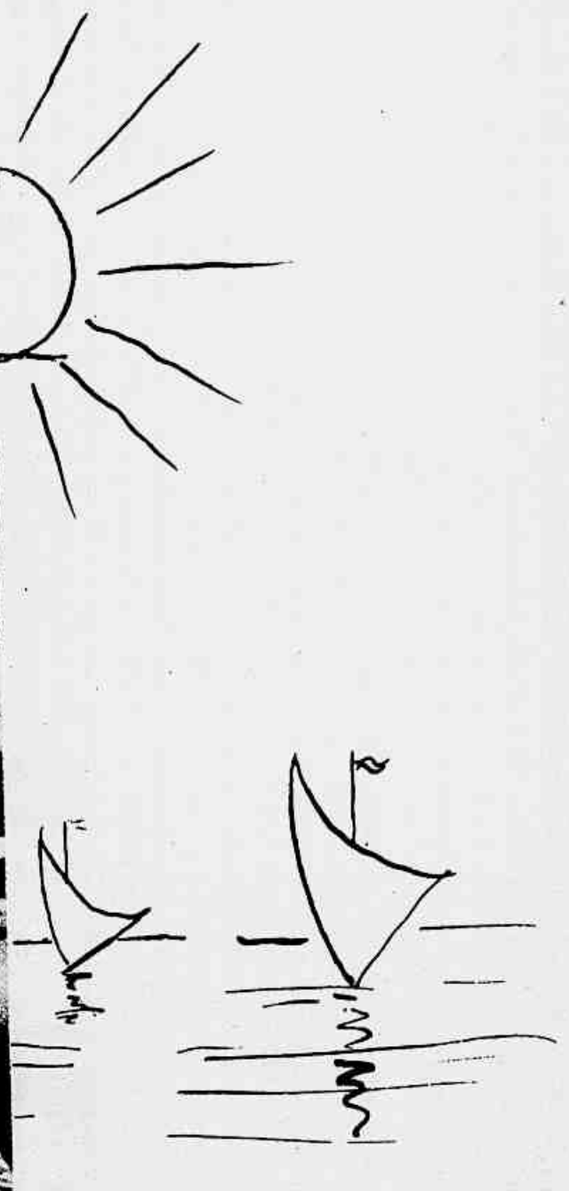
BAR



CLUBE DOS VENTANISTAS

CONVERSA DE MULHER





LIGIA JUNQUEIRA

◆

Desenho de JAIRO

"Façam as Pazes"

— Tratem de evitar brigas, como prometeram neste contrato. De outra forma terão que pagar multa ou... ir para o xadrez.

Com essas palavras o juiz Burke da Côrte de Conciliação de Los Angeles se despede de mais um casal seu cliente. Creio que nenhum legislador teve até hoje essa idéia de punir com severas penas as transgressões da boa ordem conjugal. Porém, foi o remédio encontrado por um homem de cinqüenta anos e de cabelos levemente grisalhos para combater a onda de divórcios naquela cidade.

Evitar remexer nos papéis do marido, não maldizer os parentes da mulher em voz alta, acompanhar a espôsa ao cinema de vez em quando... são normas de boa harmonia conjugal que em tôdas as famílias do mundo são deixadas por conta da educação e boa vontade do casal. Porém, quando marido e mulher começam a brigar e procuram a justiça para resolver suas pendências, o único jeito é obrigá-los «por contrato» a viverem em paz, a serem cortezes um com o outro «sob pena de multa ou prisão». Só assim, pensa o juiz, pode-se evitar a seperação definitiva. O período experimental em que os cônjuges se comprometem a seguir linha a linha o «Contrato de Conciliação» é de dois anos. Se conseguirem vencer essa etapa, a reconciliação é fatal. Com isso, já se conseguiu que 43% dos divórcios em perspectivas não fôssem pedidos.

— Pensem que nas 887 famílias salvas assim de desagregação, vivem cêrca de duas mil crianças... e que muitos delinqüentes juvenis provêm de lares desfeitos.

Infelizmente — pois constitui norma ótima de solução de divergências conjugais em geral — não posso transcrever aqui as 36 páginas dactilografadas do Contrato de Conciliação redigido pelo juiz Burke.

Prevê detalhadamente tôdas as situações de discórdia entre marido e mulher. Porém, para dar uma idéia geral do espírito do mesmo, aqui vão os 7 pontos principais que, por assim dizer, inspiraram o juiz:

1 — A IMPORTANCIA DA FRIVOLIDADE

Não tenha a pretensão de ser SEMPRE feliz. Segundo a psicologia moderna a felicidade é um estado de alma com oscilações regulares. Os períodos felizes duram de um mínimo de três e meia e um máximo de sete semanas. Segue-lhe sempre um intervalo depressivo. Nesses intervalos procure ser indulgente para com a irritabilidade de seu companheiro. Se explode uma briga não deixe que tome proporções alarmantes. O melhor sistema é conseguir um sorriso do outro. Se fôr preciso, domine-se e faça algo de frívolo para abaixar a tensão (saia dançando, conte uma anedota, dê cambalhota se souber).

2 — IGNORE O QUE NÃO É DE SUA CONTA

A discrição é importante, porém, mais importante ainda, é que não seja apresentada como um favor ou uma concessão. Não censure a correspondência de seu marido e nem lhe dê a entender que essa sua atitude é uma «generosidade». Simplesmente, ignore as cartas que êle recebe.

3 — UM POUCO DE LIBERDADE

Casamento bem sucedido não é casamento sem problemas, porém, aquêle em que êsses são resolvidos satisfatòriamente. O marido não deve obrigar a espôsa a ver um filme de mocinho mais de uma vez por quinzena. A espôsa não tem que se zangar se o marido chega em casa um pouco tarde, cada quinze dias, por estar jogando com os amigos, mesmo que entre em casa razoàvelmente «alegre».

4 — COMPLEXO DE NAPOLEÃO

Quando — apesar de tudo — surge uma briguinha, o pior remédio é sugerido pelo orgulho: a «greve do silêncio». Menos perigoso para a felecidade conjugal é o desabafo físico: quebrar pratos e vasos de flores.

5 — A CADA UM O SEU

Quanto ganha o marido e quanto ganha a mulher (se essa trabalha ou tem renda) deve ser conhecido por ambos. Porém, depois de distribuído o dinheiro para as despesas não se intrometa mais nas contas do outro.

6 — ATRAÇÃO

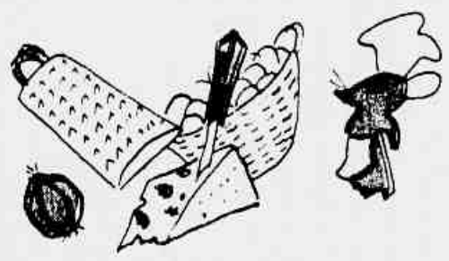
O marido precisa se esforçar por ser sempre gentil e galante. A espôsa faça tudo para se conservar atraente. Em particular: deve ir ao cabelereiro ao menos de quinze em quinze dias.

6 — ADULTÉRIO SE «CONGELA»

O pior inimigo do matrimônio não é a infidelidade. Quando surge uma situação dêsse gênero, o melhor é combater a intrusa. Geralmente basta uma intervenção decidida e direta para que a outra fique com mêdo. A experiência legal demonstra que muitas «paixões arrebatadoras» terminam por congelar-se à simples ameaça de escândalo ou processo. A mesma experiência judiciária prova que freqüentemente êsses corretivos enérgicos são acolhidos com gratidão pelo culpado.

NA COZINHA

Existem muitos salgadinhos deliciosos que você pode preparar num instante para acompanhar um coquetel, ou para oferecer em pequenas reuniões. Eis alguns dos mais interessantes:



Prepare um recheio de queijo (queijo creme, cebolinha e salsa picadinha, manteiga) bem amassado e encha tâmaras ou ameixas inteiras das quais retirou antes o caroço.

.....

Arrume camarões, cozidos e raminhos de couve flor a uma tijela de maionese, com um palito em cada um. O convidado, por si mesmo, passará o camarão ou a couve flor na maionese.

.....

Arrume pedacinhos de atum ou sardinha sôbre quadradinhos de pão de fôrma ou sôbre bolachinhas de água e sal. Cubra com o seguinte: bata 1/4 de xícara de manteiga, junte 1/4 de xícara de vinho branco em que se cozinhou 2 colheres das de sopa de cebolinha picada. Tempere com 1/2 colherinha de extrato de carne, 1/2 colherinha de extrato de tomate, uma colher das de sopa de salsa picadinha, e uma colherinha de suco de limão. Sal e pimenta a gôsto. Também serve para rechear sanduíches.

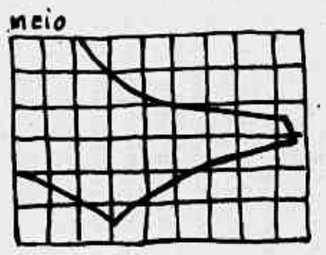
.....

Um ótimo recheio para sanduíches ou para cobrir salgadinhos: 1/4 de xícara de manteiga, 3 colheres das de sopa de parmezão ralado. Misture, passe pela peneira. Tempere a gôsto.

UMA BONITA GOLA

As vêzes, basta uma gola para dar novo aspecto ao vestido do ano passado. Esta, muito juvenil, pode ser confeccionada em fustão, linho ou «shantung». Uma fivela ou uma coroa de flores (como na fotografia) não de tornar a bonita gola ainda mais graciosa e elegante.

Muito simples é a maneira de cortá-la. Basta ampliar o esquema junto, pelo processo de quadradinhos.



Ser cortejada...

E' a atitude típicamente feminina deixar-se cortejar, isto é, desempenhar a parte passiva; ser admirada, desejada, amada. Não é um papel difícil de ser desempenhado. No entanto, é preciso que você saiba que essa é uma situação que não pode durar infinitamente. Sòmente nos romances os apaixonados têm bastante fôlego amoroso para suspirar pela sua bem amada durante cinco, dez, vinte anos.

Na vida real quem ama espera alguma retribuição, um encorajamento. Atenção, porém, para não cair no outro exagêro, a ponto de você cortejar um homem. Compete à êle mandar-lhe flores, telefonar-lhe (ao menos às primeiras vêzes), e acompanhá-lo ao cinema, ao teatro, à praia. Seria ridícula uma atitude muito insistente de sua parte, e, o que é pior: êle não apreciaria de forma alguma, pelo menos da forma que você espera. E... se por acaso êle é o tipo de homem que gosta de ser cortejado, pode estar certa de que não será um bom marido.

BELEZA

Boa "base"

A primeira e indispensável condição para você conseguir uma maquilagem perfeita é não ter a pele defeituosa. A pintura não foi inventada para esconder os defeitos do rosto, porém para realçar a beleza da pele e a vivacidade da expressão.

Infelizmente, ainda existem muitas mulheres que se descuidam de cuidar da côrtis e fazem aquelas e aquelas, com "placas aplicadas" de lama, pó e rouges. Para a saúde da côrtis são indispensáveis:

— limpeza constante com bons produtos ou com água e sabão; no mínimo pela manhã e à noite.

— uma dieta alimentar abundante em frutas e legumes (vitaminas).

— pelo menos oito horas diárias de sono bem dormido.

— vida ao ar livre, e, não sendo possível, dormir sempre com as janelas abertas.

A mulher que já é bonita por natureza procura acentuar sua beleza com a maquilagem e nunca modificar o seu tipo. Aquelas menos prendadas podem com a pintura bem feita do rosto dar a ilusão de beleza. Pode-se corrigir a linha dos olhos, da bôca, das sobrancelhas com pequenos truques. Pode-se acentuar o colorido de um rosto muito pálido, disfarçar faces encovadas, etc., etc.

A pintura feita com produtos escolhidos não estraga a pele, como erròneamente se propalava antigamente.

O sr. Costa Mello em companhia dos arrendatários do cinema.

INAUGURAÇÃO DO "CINE MELLO"

◆ A inauguração do «Cine Mello», nesta capital, constituiu acontecimento de grande importância social. Na Praça do Carmo, onde se ergue a elegante casa de espetáculos, centenas de populares prestigiaram a iniciativa do sr. Álvaro da Costa Mello, que é também conhecido desportista.

O ato foi presidido pelo dr. João Lira Filho, que, depois de ter pronunciado importante alocução, foi sucedido pelos srs. Antônio do Passo, vice-presidente da Federação Metropolitana de Futebol e Adriano Rodrigues.

Além do jornalista Mário Filho, convidado de honra, estiveram presentes os arrendatários do luxuoso cinema, srs. Paulo da Silva e Armando Nese, os quais foram cumprimentados pelos presentes.

Sr. Costa Mello tendo à esquerda o dr. Lira filho, no ato inaugural.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

PICASSO, entre Fernande Olivier e o escritor espanhol Raventos, em Barcelona, em 1905.

Um livro e sua autora

◆ Os livros de memórias são — todo o mundo sabe — de leitura atraente e instrutiva. O de Fernande Olivier não foge à regra. Essa artista francesa, que, muito jovem ainda, teve o ensejo de conhecer alguns dos mais famosos pintores e escritores que atuaram em Paris no princípio do século, naquela época famosa que viu nascer tantas tendências artísticas, publicou, em 1933 seu pitoresco «Picasso et ses Amies», de que há poucos anos a Librairie Stock fêz nova edição, ilustrada com desenhos, muitos da própria autora. Foi nesse livrinho de duzentas e poucas páginas que colhemos essas curiosidades que passamos a oferecer aos leitores:

*** Em Barcelona, onde começou Picasso sua carreira, o atelier do pintor era totalmente desprovido de móveis. Para atenuar um pouco sua falta, Picasso pintara, nas paredes, as peças que faltavam: cadeiras, uma mesa, cristaleira, dois armários... A um canto, desenhara uma espécie de capela.

*** A miséria era grande, de início. Picasso e Sotto — um colega de quarto — dispunham apenas de um par de luvas. Assim, para parecerem elegantes, saíam cada qual com uma luva, prudentemente conservando a mão desluvada no bôlso do colete...

*** Notável o grande amor de Picasso pelos animais. Em seu atelier no «Bateau-Lavoir», o pintor conservava, com carinho, em uma gaveta, um ratinho branco, que mostrava enlevado a todos os visitantes. Teve uma época em que Picasso chegou a possuir três gatos, dois cães e uma tartaruga.

*** Houve tempo em que Picasso e seus companheiros se entregaram ao vício do ópio. Tôdas as noites, no atelier, às escuras, reuniam-se os artistas para se entregarem a êle. O suicídio do jovem pintor alemão Vighels, após uma noite de excessos, acabou com a mania do grupo.

*** O grande poeta Apollinaire era incrivelmente egoísta. Pelo que conta Fernande, não se conheceu um só caso de um amigo que lhe tivesse solicitado dinheiro, com êxito. Max Jacob, pelo contrário, era capaz de dar a própria camisa que vestia.

*** Por falar no poeta Max Jacob, houve tempo em que êle foi... professor de canto! Êle mesmo cantava, e alegrava as reuniões que levava a efeito em sua casa representando, por vêzes, trechos inteiros de tragédias de Racine ou de Corneille, que sabia de cor.

*** O «Douanier» Rosseau tocava violino. No célebre banquete, oferecido em sua honra por Picasso e amigos, no «Bateau Lavoir», o autor de «La Guerre», então com 65 anos, compareceu de violino debaixo do braço. Embriagou-se, e terminou dormindo no meio dos discursos que de quando em quando Apollinaire, Max Jacob ou qualquer outro lhe desferiam. No fim de tudo, André Salmon e o pintor Cremnitz simularam um terrível ataque de «delirium tremens», para grande escândalo de dois ou três casais de milionários americanos, que tinham sido levados pela curiosidade ao ágape...

*** Jean Moréas, sempre que encontrava Picasso, dizia, irônicamente: «Diga-me uma coisa, meu caro Picasso: é verdade que Velasquez também tinha talento?

*** Quando os pintores Dérain, Braque e Vlaminck saíam juntos, a elevada estatura e a corpulência de todos chamavam a atenção dos transeuntes. O mais alto dos três era Dérain, que tinha 1,98 metros! Dérain e Braque lutavam «box» muito bem. Picasso, por algum tempo, também se entregou — sem êxito — a êsse violento esporte. Aliás, o grande Maurice Maeterlinck, em sua vida, teve duas paixões: o «box» e o motociclismo.

*** Picasso não gostava de teatro, e nem de música. A primeira dessas coisas o aborrecia, e a segunda não conseguia compreender. Porém, tinha um capricho todo especial pelo violão, pelo «cante-hondo», pelas danças de sua Espanha.

*** Apollinaire foi, certa ocasião, acusado pela Polícia francesa de ter furtado do Louvre algumas velhas estatuetas. É que Géry, antigo secretário do poeta, e que verdadeiramente fôra o autor do furto, havia presenteado Picasso com duas dessas estatuetas. O próprio pintor chegou a ser acusado como cúmplice de Apollinaire, o qual chegou inclusive a ficar detido.

GARÇAS DO AMAZONAS — Essas aves emprestam a alguns trechos do majestoso rio um aspecto maravilhoso. O Amazonas tem uma história curiosa, quase fantástica. Os espanhóis chamaram-no «Mar Dulce».

O FABULOSO AMAZONAS

EDUARDO TOURINHO

ATINGINDO a costa norte do Brasil pelos fins de 1499, Vicente Yañez Pinzon descobriu um grande rio — o Amazonas — a que denominou Santa Maria de la Mar Dulce. A êsse imenso curso de água chamava o indígena Paraná-Açu. Depois, ao Oiapoc, deu Pinzon seu próprio nome. E em lembrança do ousado navegador espanhol, a ilha de Marajó por largo tempo chamou-se ilha de Joanes.

Mas em 1538, Francisco de Orellana — que ao lado de Pizarro lutara pela conquista de Lima e de Cuzco — funda e, depois, governa Santiago de Guayaquil, estendida na orla do Pacífico. Quando Gonçalo Pizarro — irmão do Conquistador do Peru — de Quito parte com duzentos e vinte espanhóis e quatro mil índios em busca de canela e do El-Dorado, à expedição junta-se Orellana.

Em busca de mantimentos para os expedicionários, em 1541 separa-se de Gonçalo Pizarro. Com cinqüenta homens desce, num bergantim, o rio dos Onáguas — o Napo — ao sabor da corrente. A 13 de fevereiro de 1542, entra no Marañon. A 3 de junho avista a barra do Rio Negro. A 10, a do Madeira. E é no dia 24 dêsse mês — Dia de S. João — que se empenha em renhido combate contra índios de tangas de pena e cabelos compridos, que lhe pareceram invencíveis amazonas.

Do acontecido, originou-se a atual denominação do fabuloso curso de água.

x x x

A Orellana acompanhara frei Gaspar de Carvajal — da Ordem de S. Domingos — que traçou a RELAÇÃO da extraordinária viagem. Dessas **amazonas** escreveu o religioso: — «A estas nós as vimos que andavam combatendo diante de todos os índios como capitães, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas». E descrevendo-as: — «Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo»...

Um silvícola aprisionado teria dito a Orellana que as **Amazonas** viviam em setenta aldeias em casas de pedra e a rainha Conori no govêrno. Que possuíam baixelas de ouro e prata e áureas coroas sôbre os cabelos que tocavam o chão. Conquistavam os índios que desejavam e guardavam as filhas, entregando aos pais os filhos varões. A mais, acrescentou Alonso de Rojas que lhes faltava um seio e que descendiam de europeus. E assim a lenda tomou corpo.

O padre Cristobal de Acuña — jesuíta que ensinava teologia em Quito e acompanhou Pedro Teixeira, em 1639, no seu regresso de Quito ao Pará através do rio — não se esqueceu das amazonas. E no NOVO DESCOBRIMENTO DO GRANDE RIO DAS AMAZONAS diz tratar-se de «mulheres guerreiras, que sustentando-se sòzinhas, sem varões, com os quais apenas de tempos em tempos tinham coabitação, viviam em suas aldeias cultivando suas terras»...

Essas amazonas seriam os índios Icaguates, que eram chamados Encabelados. E Acuña registra os monstruosos Guayazis ou Coiazis — para o padre Simão de Vasconcelos — que eram «anões de estatura tão pequena que parecem afronta dos homens». Depois, os Mutayus «de pés virados, marcha avessa e rude. dedos atrás, calcâneos para a frente».

x x x

No dia 26 de agôsto Orellana desembarcou no Atlântico e velejou para a Espanha. Em 1544 obteve privilégios para colonizar a região, que se chamaria Nova Andaluzia. A 11 de maio do ano seguinte em navios armados à sua custa, zarpa de San Lucar com destino à América. No frota que organizou — a capitânea, a «Guadalupe» e os barcos «San Pablo» e «Breton» — figuram oito religiosos, duzentos infantes, cem cavalos. Do que descobrisse e conquistasse, teria o soldo de cinco mil ducados. Detém-se em Tenerife e Cabo Verde até que, em novembro, atinge a costa brasileira — onde perde um navio. E', sòmente, com duas embarcações que alcança o Amazonas. Sobe o rio por cem léguas e, numa aldeia indígena onde pensava construir novo bergatim, assiste a morte — pela fome — de cinqüenta e sete companheiros. Perderá, pouco depois, seu derradeiro navio para — nas proximidades de Monte Alegre — encerrar trágica e desoladoramente seus dias heróicos.

Anna de Ayalla — sua espôsa — conseguiu, entre quarenta e três sobreviventes, alcançar a costa venezuelana.

Em 1560 Pedro de Ursua realizou idêntica viagem. Depois — em 1637 — Pedro Teixeira subiu o imenso rio. Com setenta soldados portuguêses e mil e duzentos índios flecheiros, partiu de Cametá em quarenta e sete canoas. Alcançou Quito e, descendo o Amazonas, voltou ao Pará. E' dessa travessia a pinturesca crônica do padre Cristobal de Acuña.

x x x

Mas onde nasce o grande caudal? Para Gastão Rush, no ramo Ucali-Vilcanota. Para Balbi e o dr. Santa Rosa, no lago de Sant'Ana. Para James Orton e Charles Weiner, no Lauricocha. Para Squires, na região andina de La Raya... Ainda hoje as nascentes do Amazonas são tema discutível.

E' êle — o fabuloso Rio Amazonas — um dos maiores e mais caudalosos do mundo. Do seu curso de 5.571 quilômetros, 3.161 situam-se no Brasil e — de Tabatinga até a foz — são perfeitamente navegáveis. Quando ao Brasil chega — em Tabatinga — mede setecentos e setenta e cinco metros de largo e vinte em profundidade. Ao lançar-se no Atlântico, espraia-se por trezentos e trinta e cinco quilômetros de largura e, de fundo, tem centenas de metros. Nas enchentes alteia-se de oito a dez metros sôbre o leito, que ainda não acabou de excavar. Às vêzes é o dôbro e, então o Amazonas é um semeador de calamidades: corrói barrancas, submerge troncos, abate e alui casebres, afoga homens e animais... E' o terrível inexplicável fenômeno da **pororoca**? Vagalhão e tromba de água, ergue a crista colossal à superfície do rio e, na passagem, tudo esfacela e destrói.

x x x

Conforme a região que atravessa, coloram-se as águas do Amazonas de roxo, de vermelho, de prêto, de amarelo. Nos «furos» e igarapés, as cobras, os jacarés e as tartarugas vivem em espantosa proliferação. A densa e alta floresta que suas águas fecundam, abriga infinita fauna. Pássaros de maravilhosa plumagem mesclam-se à flora variegadíssima. Intensamente piscoso, sòmente num lago perto de Manaus achou Agassiz maior diversidade de peixes do que as cento e cinqüenta espécies classificadas entre o Volga e o Tejo.

Para Hartt, o Amazonas foi um lago que se despenhou do planalto andino. Como tributários, absorve uma porção de rios: o Maracá, o Jari, o Maicuru, o Trombetas, o Negro, o Japurá, o Putumaio, pela esquerda. Pela margem direita, o Tocantins, o Anaju, o Jutai, o Telé, o Purus, o Madeira, o Tapajós, o Xingu, o Juruá... O delta maravilhoso é ornado de mais de trezentas ilhas. E, entre tôdas, nesse «arquipélago num oceano de mar doce», está a princesa: Marajó, **Mbará-yo**, que no tupi é **tapa-mar, tirado do mar** e foi, no passado, a ilha Grande de Joanes.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE

NO MODERNISSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

REVISTA DA SEMANA

7 CRUZEIROS

EM TODO O BRASIL

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE .....

ESTADO .....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 88,00

CALÇADO Souto RIO DE JANEIRO

Máximo conforto garantia absoluta

ESPORTE ILUSTRADO

(Cr$ 5,00)

ÀS QUINTAS-FEIRAS

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Tôdas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499

RIO DE JANEIRO

UMA INTERVENÇÃO

(Cont. da pág. 13)

— Que pena que vocês tenham de vir a deixar essa linda vivenda! Porque, se Guy fôr mesmo eleito deputado, como é quase certo, será preciso que vocês se mudem para Roma, e ali habitem pelo menos seis meses por ano. Não creio que Ema deseje ficar sòzinha em Milão, não? Isto os obrigaria a ter dois lares, o que seria uma despesa absurda. Sòmente há, nesse pequeno sacrifício, uma coisa que me dá prazer: se acaso forem morar em Roma, poderei visitá-los pelo menos uma vez por mês. De Roma a Nápoles, a viagem não é longa, ao passo que, de Nápoles a Milão, é um nunca findar. Então, nós nos veremos mais amiudamente...

* * *

Quando os dois atores subiram de novo para as suas conduções, após terem deixado o senhor Giorganni a dar adeus, da janelinha do trem, soltaram ambos um grande suspiro de alívio. Terminara a prova, sua vida podia já retomar seu curso regular. Êles não se falavam. Ema observava as gotas de chuva que tombavam sôbre as vidraças do automóvel. Guy, por sua parte, não manifestava sinais de vida. Tinham se tornado novamente estranhos, um ao outro.

Em determinado momento, Guy fêz um movimento involuntário, e roçou com o cotovelo o braço da ex-espôsa.

— Perdão.

— Não foi nada.

Eram como estranhos um ao outro, é verdade. No entanto, ambos rememoravam, silenciosamente, os diversos episódios do dia, lembravam-se dos mínimos acidentes, recapitulavam impressões passadas, que já imaginavam sepultadas para sempre no olvido.

— Posso acaso levá-la até sua residência? perguntou Guy, a um cruzamento de ruas.

— Não, não. Irei até sua casa. É preciso que eu mesma arrume os meus objetos, pois minha criada não saberia catalogá-los. Depois irei sòzinha.

— Está certo.

Chegada em casa, ela foi diretamente ao seu quarto, ao passo que Guy se atirou a uma poltrona, fingindo ler um jornal. Na verdade, escutava a espôsa que caminhava sem cessar no aposento contíguo, e viu-a passar e repassar inúmeras vêzes.

— Está cansada? Posso acaso ajudá-la?

— Não, obrigada. Está quase terminado.

E, com efeito, poucos minutos depois, ela veio sentar-se, com ar cansado: o dia inteiro de mentiras a havia estenuado. Olhou ao redor a fim de ver se não tinha se esquecido de coisa alguma:

— Será que está chovendo menos, agora? perguntou a Guy, que a essa altura já deixara de ler o jornal.

— Chove muito ainda.

— Ainda não chegou minha condução?

— Não sei, vou perguntar.

— Inútil: em dez minutos chegará.

— Deixe-me acompanhá-la até em casa.

— Não, muito abrigada.

Os dez minutos pareceram um século. Quando entrou o velho criado José, para dizer que tudo estava pronto, Ema levantou-se, em ar decidido, e foi arrumar o chapéu, diante de um espelho. Foi preciso um pouco de tempo para arrumar o elegantemente a delicada pluma, pois seus dedos estavam um pouco mais trêmulos do que seria preciso para a missão. Depois, enfiou lentamente as luvas, abotoou-as, desfez cuidadosamente algumas pregas que se tinham formado à altura do dorso da mão, e aproximou-se de Guy a fim de se despedir. Êle se levantara, pálido:

— Adeus.

Guy não respondeu. Ela deu-lhe as costas, e atravessou o salão, rija, orgulhosa, sem hesitação, o passo firme e igual. No entanto, sentia muito bem que o marido a acompanhava. Próximo à porta, levantou a mão, para erguer o trinco, mas seus dedos se encontraram com os de Guy, que se adiantara, prevendo seu gesto.

— Tu te esqueces de me perdoar, Ema, disse, numa voz onde se misturavam a dor e a paixão.

Ela se voltou bruscamente, e atirou-lhe os braços em tôrno ao pescoço, animada por aquêle amor que renascia entre êles, com fôrça nova, depois de tanto tempo reprimido:

— Tu não partirás mais, querida? Nunca mais?...

— Não, não: e mande procurar o retrato de minha mãe, Guy. (FIM)

TEATRO POPULAR BRASILEIRO

(Continuação da pág. 22)

Solano retempera a garganta, fixa os olhos em um ponto invisível, no espaço, e depois, continua:

— Enfim, todos os esforços empreendidos pelo conjunto para a realização da excursão ao Velho Continente foram recompensados plenamente. Como vocês devem saber, ganhamos o primeiro prêmio individual de Dança e o segundo de Conjunto. Benedito Macedo, pelo prêmio conquistado, ganhou uma bôlsa de estudos, e ainda se encontra em Varsóvia. Diz, porém, que não agüenta mais as saudades do feijão brasileiro, e que jamais se habituará ao frio terrível...

AS FINANÇAS, UM CASO SÉRIO

No primeiro ano, o Teatro Popular Brasileiro recebeu do Serviço Nacional de Teatro um auxílio de 20 mil cruzeiros. No segundo, essa quantia baixou para quinze mil. Nos que se seguiram, nada lhe foi atribuído.

— Foi até bom (explica, com humor, Solano Trindade), porque, no pé em que iam as coisas, e segundo calculei, a cada ano a subvenção baixando de cinco mil cruzeiros, no ano passado, ao invés de recebermos, teríamos de pagar 5 mil cruzeiros ao Serviço...

Perguntamos-lhe a quem cabia a culpa do corte da subvenção.

— Não sei: o Adonias Filho lança tôda a culpa da suspensão do auxílio oficial a nós destinada ao José César Borba; êsse, contudo, a descarrega, inteirinha, sôbre Adonias. O certo é que o dinheiro, desde 1951, não aparece.

— Solano, como o Teatro vem se mantendo?

— Com as rendas dos espetáculos e com as contribuições de uns poucos sócios abnegados. Êsse ano, a Câmara Federal nos prometeu um auxílio de cinqüenta mil cruzeiros, o que representa uma ajuda substancial. Tomara é que não caia, também, em exercícios findos, como aquêles outros cinqüenta mil que a Câmara Municipal nos «concedeu», ano passado...

A SEDE

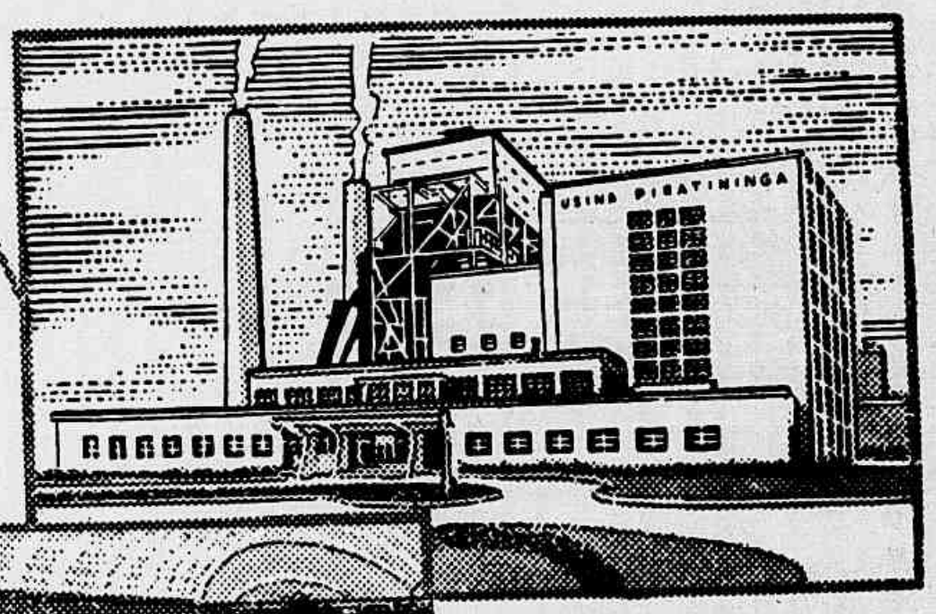
O Teatro de Solano funciona num velho pardieiro da rua da Constituição, alugado à Sociedade Cultural dos Homens de Côr, que presentemente o reivindica. Além disso, o último temporal que desabou sôbre a cidade danificou bastante o prédio, a ponto de torná-lo pràticamente imprestável aos fins a que se destina. Nem mais os ensaios podem ser realizados. E êsse é um problema sério com o qual o Teatro vem se defrontando:

— Será que não existe, em tôda essa enorme cidade do Rio de Janeiro, outro pardieiro que nos possa abrigar, meu Deus?

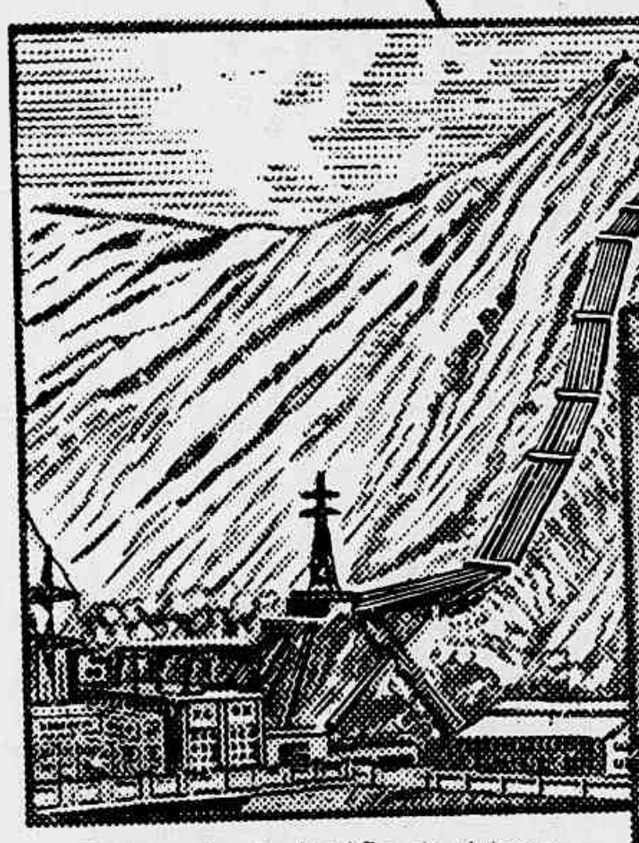
Senhores da Prefeitura, façam algo pelo Teatro de Solano Trindade! Dêem-lhe ao menos um edifício, mesmo velho, onde a sede do Teatro Popular Brasileiro possa abrigar-se. Será possível que apenas os estrangeiros, como por exemplo, Jean Louis Barrault e sua companhia, reconheçam em Solano Trindade e em seu conjunto um valor autêntico, digno de consideração e de amparo?

MAIS DE 2.000.000 H. P.

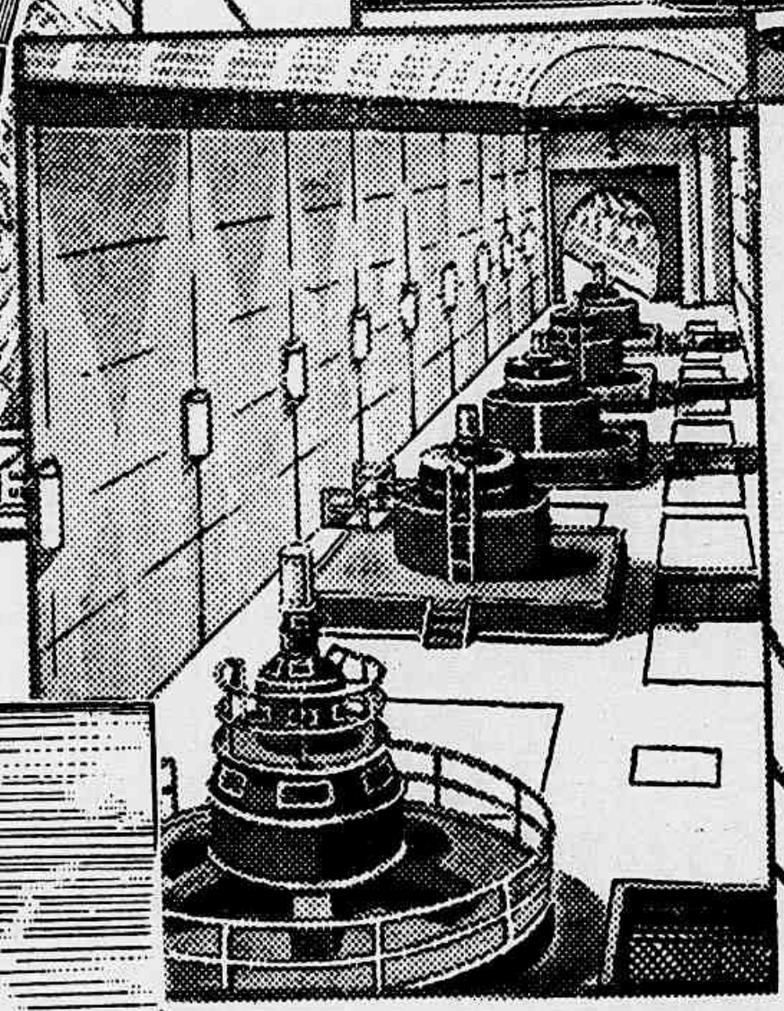
PRODUZEM ENERGIA ELÉTRICA A SERVIÇO DO MAIOR PARQUE INDUSTRIAL DA AMÉRICA LATINA



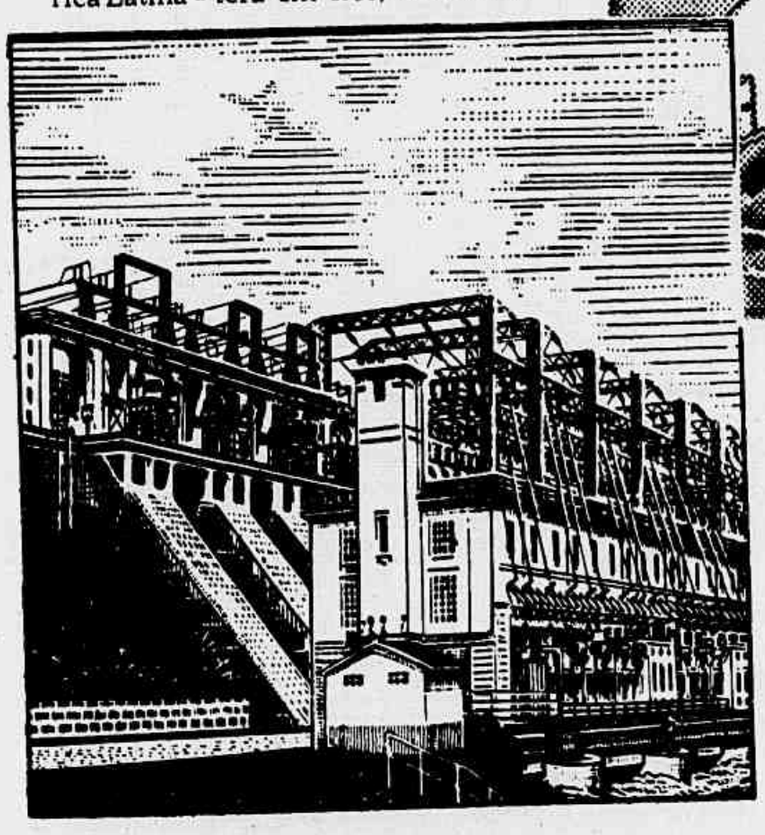
Usina Termoelétrica Piratininga em São Paulo, com capacidade instalada de 200.000 kw.



Usina de Cubatão do sistema S. Paulo Light, com capacidade instalada de 484.000 kw - a maior da América Latina - terá em 1956, 744.000 kw.



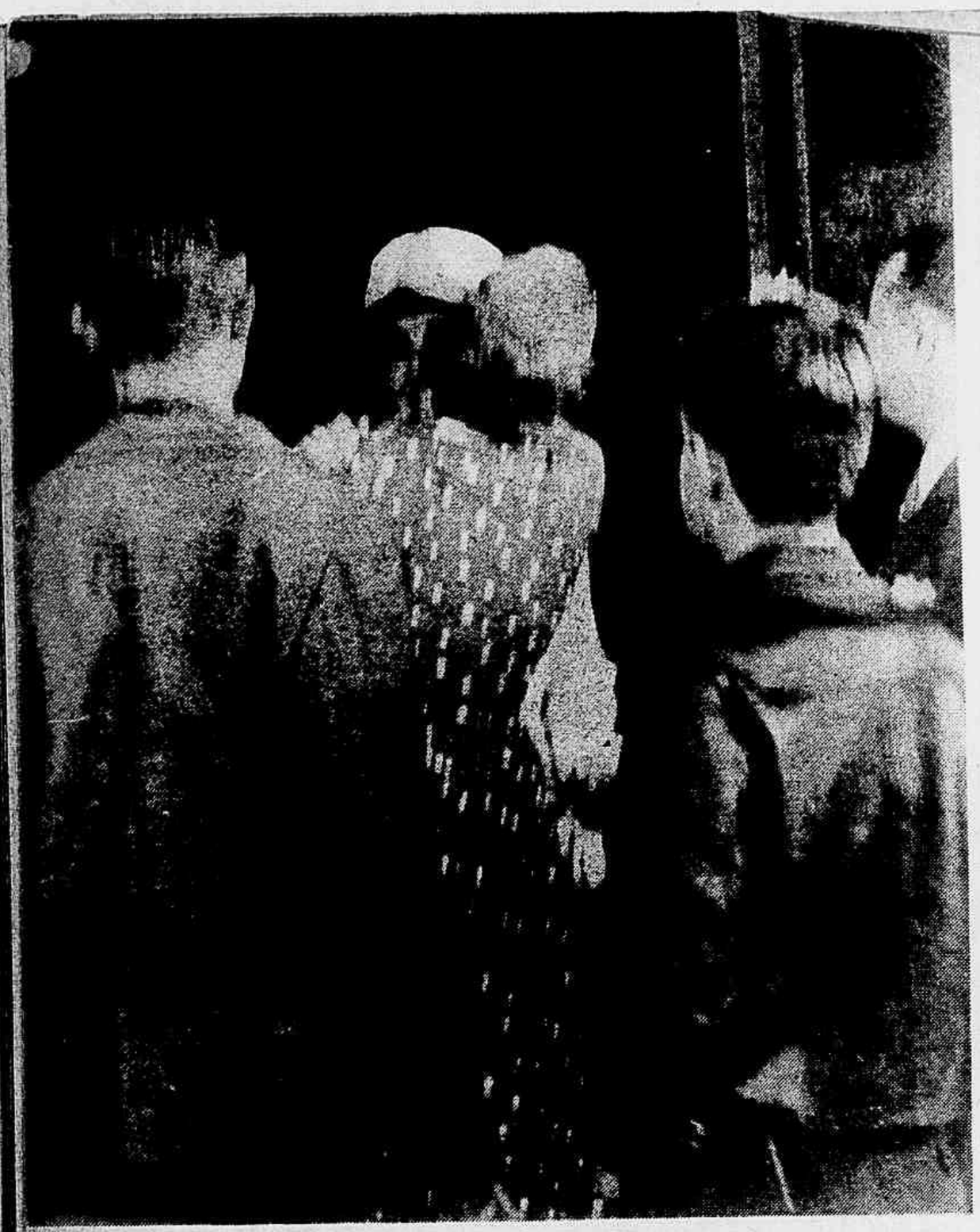
Usina Nilo Peçanha com capacidade instalada de 330.000 kw, a 1.ª usina subterrânea a funcionar na América do Sul.
Com a Usina de Fontes, este sistema Hidroeletrico de Ribeirão das Lajes passou assim, a ter uma capacidade instalada de 500.000 kw.



Usina de Ilha dos Pombos, com capacidade instalada de 168.000 kw, integrando o sistema Rio-Light, que serve ao Distrito Federal e parte do Estado do Rio.

A região Rio-São Paulo, servida pelas Companhias Light dispõe agora de mais de 1¾ milhões de kilowatts de eletricidade.

A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



O primeiro abraço foi o de sua espôsa, sob o olhar dos filhos.

O filho mais velho dá um beijo no pai, que sorri, alegre.

O almte. Pena Botto entre a espôsa e seu amigo, o dr. Aurélio Guimarães.

A PRISÃO DE PENA BOTTO

(Cont. da pág. 6)

número de oficiais e de praças, atravessou sentinelas empertigadas e de olhar severo. Passou através da ponte que une ao Corpo de Fuzileiros o terreno onde se ergue o Ministério da Marinha, sem que ninguém tentasse detê-lo.

Na véspera, já por ali estivera, rondando, improficuamente, o local onde estivera detido, por dez dias, o almirante Pena Boto, ex-comandante em chefe da Esquadra; por isso cohecia o caminho às maravilhas, e não perdeu tempo em busca vãs.

Eram dez horas em ponto quando o vulto de um oficial superior, depois identificado como o almirante Guilhobel, descendo, apressado de um carro oficial, encaminhou-se para a casa-prisão de Pena Botto. O fotógrafo aprestou a máquina, e o vulto branco gravou-se para sempre na solução de hipossulfito. Mais alguns minutos decorridos, voltava Guilhobel, dessa vez seguido por outro oficial usando um uniforme em tudo igual ao seu. O segundo oficial era baixo, magro, não muito idoso, mas também já passando da idade meã, o queixo traduzindo obstinação e fôrça de vontade. Era o almirante Pena Botto, que enfim deixava a casa em que ficara detido por dez dias, em virtude de, numa entrevista, concedida a um vespertino, ter empregado expressões consideradas em desacordo com os regulamentos militares.

A máquina de Alberto não parava de trabalhar. À saída do Ministério, familiares do almirante abraçaram-no e beijaram-no ternamente. Sua espôsa, os dois filhos, amigos e correligionários políticos, foram levar seu apoio e aprêço ao militar. E tudo isso, a câmara escura registrou para nossos leitores.

Mais de cinqüenta fotografias já tinham sido batidas, quando um fuzileiro naval, aproximando-se do fotógrafo, disse-lhe, em tom cortês, mas que não admitia réplicas:

— Acompanhe-me.

Alberto ainda tentou desvencilhar-se. Afinal, já conseguira tôdas as fotos necessárias para a reportagem, e podia tranqüilamente retirar-se, não fôsse o amável convite do fuzileiro aprumado. Seguiu-o. E entraram ambos na sala do Oficial de Serviço, para um pequenino «carão».

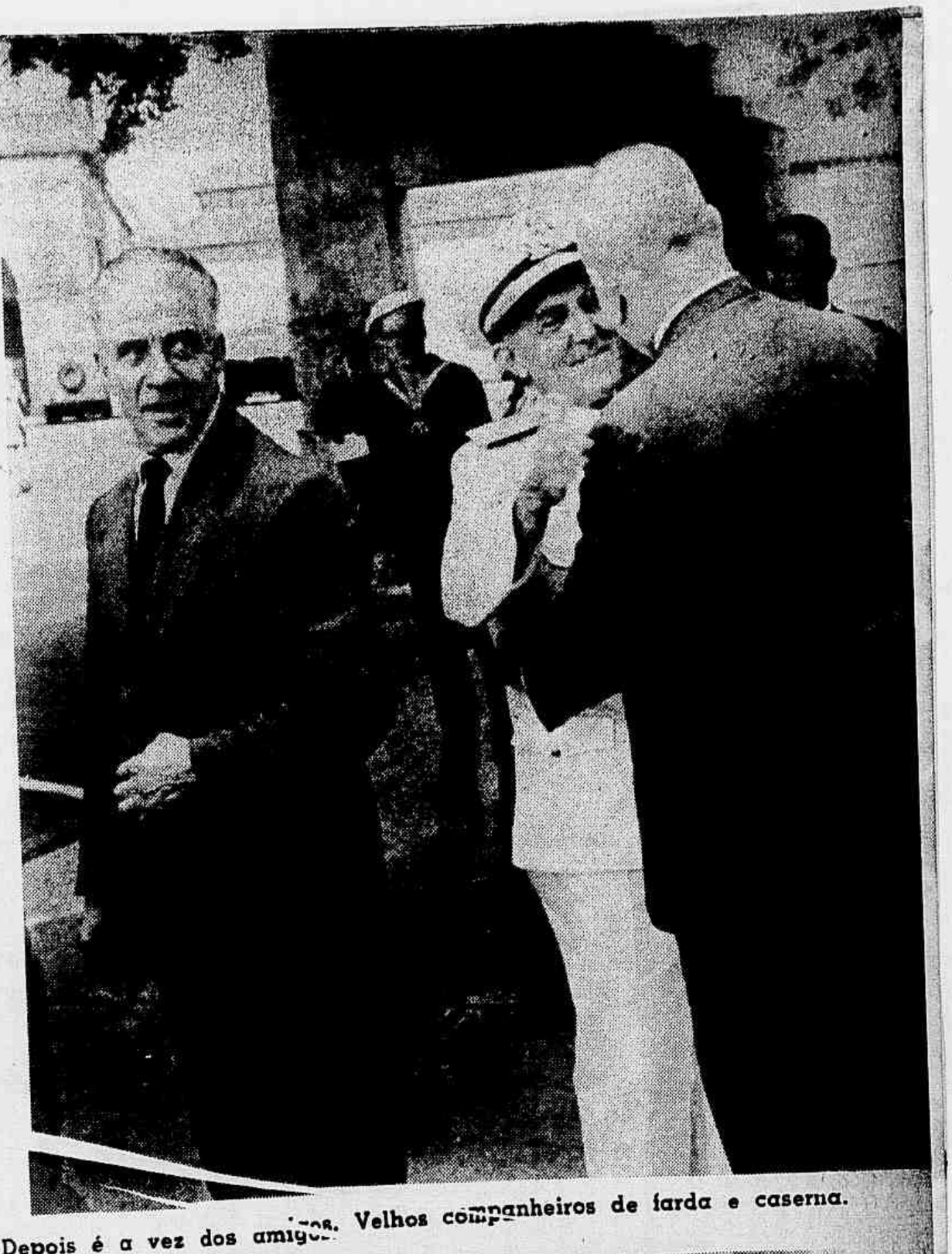
— Vocês, da imprensa, não tomam mesmo jeito... Depois, nós somos os maus...

— Tenente, minha missão era essa.

Por quase uma hora ficou o fotógrafo sentado, à espera do oficial. Foi essa a sua «prisão», afinal de contas. Depois, porém, de explicar ao tenente que nada fizera de anormal, consentiram na sua retirada — que não demorou um segundo...

Na rua, a caminho da redação, triunfante e aliviado, Alberto recuperou a calma e a alegria. Não é todo dia que se é prêso por uma hora e sôlto logo em seguida.

E o mais moço, que respeitara a prioridade, dá também o seu.



Depois é a vez dos amigos. Velhos companheiros de farda e caserna.

Happy End: O almirante Pena Botto, senhora Eunice Mourão Botto, Fernando e Ricardo.

ÚLTIMO FLASH

HOMENAGEANDO, de maneira encantadora, a senhorita Maria Helena de Souza Lapa, recentemente eleita Rainha das Associações Portuguêsas sediadas no Brasil, em concurso patrocinado pela REVISTA DA SEMANA, Rádio Globo e «Voz de Portugal», dois clubes da Colônia Lusitana no Rio de Janeiro, a Casa do Pôrto e o Orfeão Portugal, abriram os seus salões, o primeiro, às seis horas da tarde do dia dezesseis de março e o segundo, às vinte e uma do dia seguinte. À Sessão Solene do Orfeão Portugal do Rio de Janeiro compareceu o senhor Embaixador de Portugal no Brasil, doutor Antônio Faria, e em ambas estiveram presentes tôdas as jovens representantes da beleza luso-brasileira. Ao fim da solenidade, realizou-se um baile de gala, profundamente movimentado e concorrido. E' justamente do Baile de Gala a fotografia que acima estampamos, onde são vistas, sentadas, as diversas candidatas ao título de Rainha das Associações Portuguêsas, ladeando aquela que se sagrou vencedora, e cuja partida, para Portugal, deverá dar-se por todo êste mês de abril.

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 13 — Rio de Janeiro — 31-3-56

Propriedade da
Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente.....**Gratuliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega**
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

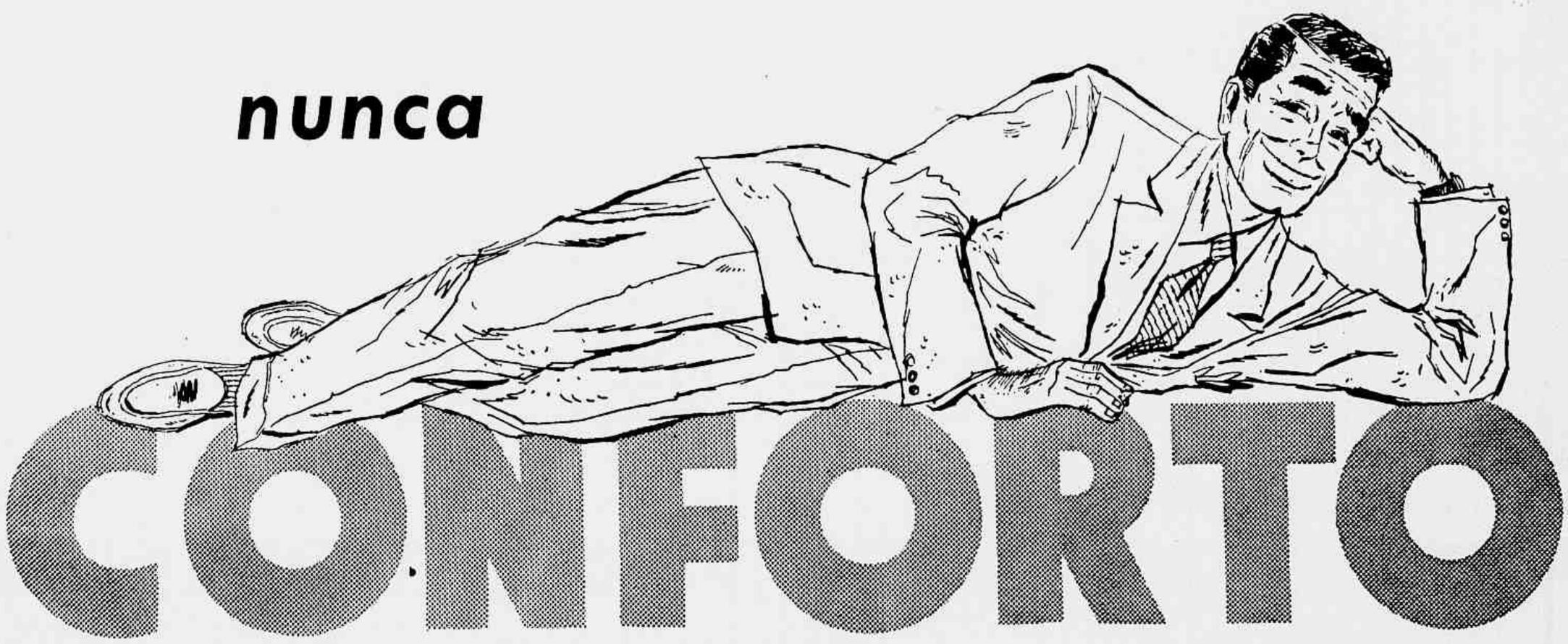
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr$ 380,00
Seis meses	Cr$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 500,00
Seis meses	Cr$ 250,00

O número avulso custa Cr$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 8,00.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



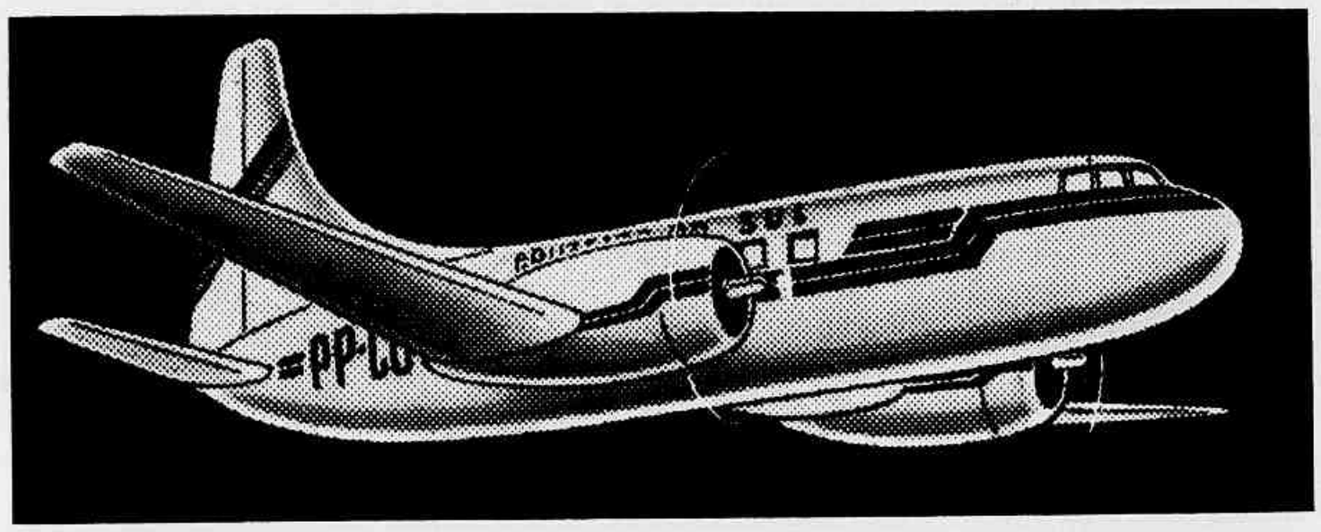
significou tanto em aviação

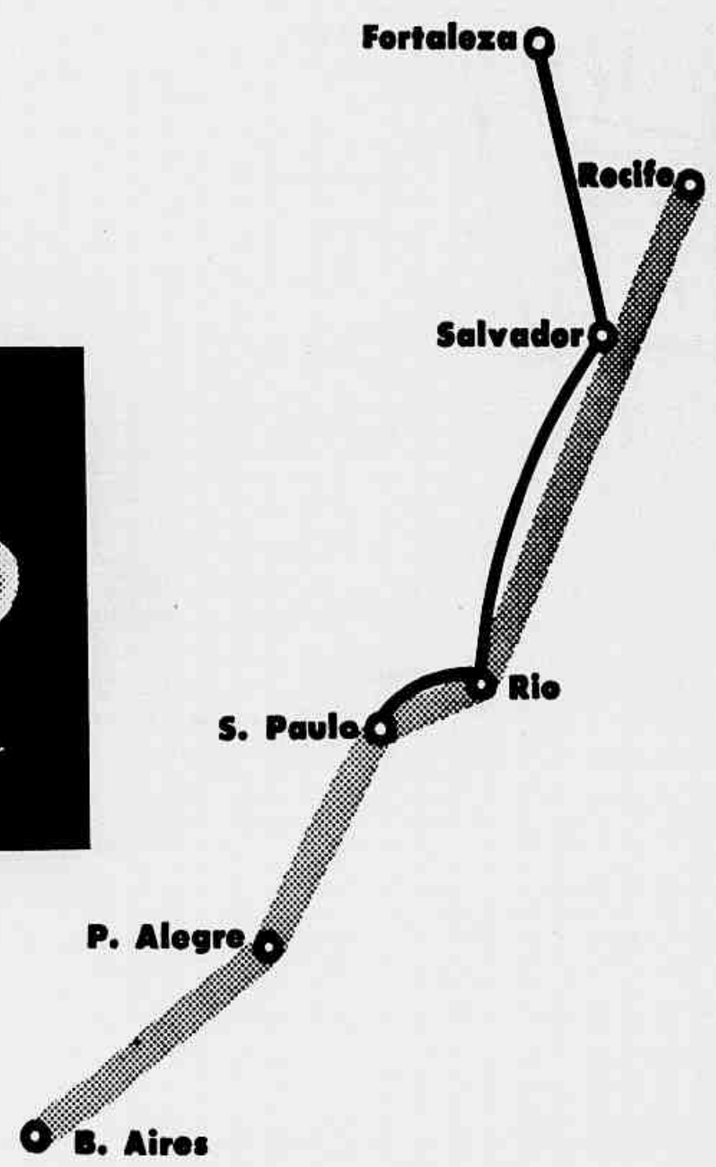
Confôrto significa muito mais quando se trata de uma viagem pela Cruzeiro do Sul. Em aviação, consulte os fatos, veja a extensão das linhas servidas pelas nossas aeronáves. Observe os serviços de terra e do ar e o pessoal que opera a ***maior rêde aérea doméstica do mundo.*** Você, como a maioria, preferirá também confôrto de fato, sem aumento de tarifas.

Para suas viagens entre

RIO e SÃO PAULO
PORTO ALEGRE
BUENOS AIRES
ou FORTALEZA, RECIFE, SALVADOR

Prefira os rapidíssimos Convair-340 da Cruzeiro do Sul





Para sua próxima viagem à São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires ou Fortaleza, Recife e Salvador, reserve suas passagens pela Cruzeiro do Sul. Conheça imediatamente um sentido completo de confôrto em aviação.

CONVAIR-340: 44 passageiros - 450 quilômetros horários (vôo de Cruzeiro) - Pilôto automático

SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42-6060 - Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 Ramal 206

Grande Premio Outono
1ª Prova da Tríplice Corôa

Cr$ 400.000.00 ao Vencedor

Sweepstake: Cr$ 10.000.000.00

8 de Abril 1956

Jockey Club Brasileiro

*

Epstein 1956